

CAPÍTULO I INTRODUÇÃO

1.1. Pertinência

As mudanças ocorridas na sociedade trouxeram consigo profundas alterações no tecido social, que se reflectem na organização e nos modos de vida dos jovens. Numa sociedade em que surgem novas concepções e representações do corpo, verifica-se que existe uma tendência para que estes, de uma forma mais ou menos extremada e simbólica, continuem tentando, como o fizeram desde sempre, conquistar um determinado espaço social.

As mudanças sociais originam inevitavelmente uma alteração nos valores, nas representações, nas práticas e nas formas de consumo.

Este tema que nos propomos investigar, resulta de indagações, reflexões e constatações na minha prática profissional como professora de Educação Física do Ensino Secundário e como praticante de *bodyboard* e outros desportos de contacto com a natureza, nos tempos de lazer.

No meu dia a dia como professora de Educação Física, apercebo-me que as modalidades convencionais já não respondem às verdadeiras necessidades dos nossos jovens, estimulando o seu crescente desinteresse. No sentido de contornar esta realidade, cada vez são mais as escolas que oferecem a possibilidade de criar os “Clubes de Desporto Aventura”, uma vez que há cada vez mais interesse dos jovens, pela prática deste tipo de actividades alternativas.

Aos fins-de-semana, nas férias e nos feriados, se dermos uma volta pelas praias portuguesas de norte a sul do país, apercebemo-nos que o número de praticantes de *surf* e *bodyboard* é cada vez maior. A procura deste tipo de práticas é crescente, devido às sensações únicas de evasão que proporcionam.

Com o avanço incerto para uma existência nova, o jovem sente a necessidade de assumir condutas de risco, formas extremas de simbolização e viver na incerteza, no sentido de perceber que a sua existência tem um preço e um valor. Ele necessita de pôr a sua existência à prova no sentido de a valorizar. Torna-se imperativo que a actividade física consiga proporcionar ao jovem tudo isto. Para tal, é necessário que haja uma reestruturação na política educativa de forma a dar resposta a estas verdadeiras necessidades.

Perante esta realidade, considerámos pertinente realizar um estudo com este tipo de jovens (entre os 15 e os 17 anos), amantes destas actividades, caracterizando o seu estilo de vida, as suas rotinas, os seus interesses, preferências, tentando interpretar simultaneamente o seu mundo simbólico e as culturas do grupo e de grupo.

1.2.Objecto

Este trabalho insere-se no âmbito do V Mestrado em Desenvolvimento da Criança – Variante Desenvolvimento Motor da Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.

Trata-se de um estudo centrado nas culturas e nas representações sociais de jovens praticantes de *surf* e *bodyboard* nas regiões do Algarve e Baixo Alentejo Litoral.

1.3.Objectivos

Os objectivos gerais deste estudo são os seguintes:

- Verificar de que forma as alterações na sociedade interferem na organização dos modos de vida dos jovens, criando novas concepções e representações do corpo, que geram uma crise de valores, que se reflecte na procura de novas práticas físicas que valorizam o risco, o desconhecido e a aventura corporal.

- Perceber como essas novas práticas estão associadas ao surgimento culturas específicas dos jovens, na tentativa de responder às necessidades e aos interesses comuns de um grupo de indivíduos.

- Compreender a importância que as actividades físicas alternativas (*surf* e *bodyboard*) têm na afirmação da individualidade e na formação da identidade do jovem.

Os objectivos específicos são os seguintes:

- Caracterizar a cultura do adolescente praticante de *surf* ou *bodyboard*, relativamente ao contexto familiar, à escola, aos amigos e ao tempo livre.

- Compreender de que forma o factor risco e as formas extremas de simbolização são importante na passagem para a vida adulta.

- Perceber o valor educativo que as actividades de aventura na natureza têm na formação de valores nos jovens.

- Perceber como o simbolismo destas culturas do corpo e do grupo, são importantes na formação da identidade e na diferenciação de estatuto do jovem – passagem para a idade adulta.

1.4. Organização do estudo

O documento na sua totalidade é composto por seis capítulos. No capítulo I elaboramos a introdução ao estudo.

No capítulo II, apresentamos a revisão da literatura, onde são contempladas as seguintes temáticas:

A. Mudanças Sociais na prática desportiva e desenvolvimento humano.

- B. O processo de desenvolvimento humano.
- C. O corpo adolescente.
- D. Juventude e diversidade cultural.
- E. Lazer e juventude.
- F. Aventura e risco.
- G. Imaginário Social: o Sagrado e o Profano.
- H. *Surf e Bodyboard*.

No capítulo III elaboramos a metodologia onde caracterizamos a amostra sobre diferentes formas, enunciando as diferentes etapas de pesquisa, assim como os métodos utilizados no tratamento dos dados.

O capítulo IV destina-se à apresentação e discussão dos dados, procurando-se interpretar, discutir e concluir sobre os resultados observados. Este capítulo está organizado segundo a seguinte sequência temática:

- A. Rotinas de vida dos jovens.
- B. Razões justificativas da prática.
- C. Motivação / Significado da prática de *surf e bodyboard*.
- D. Contexto de prática
- E. Socialização.
- F. Simbólico e valores culturais.

No capítulo V recapitulam-se os principais resultados e realizam-se as reflexões finais.

Finalmente, no capítulo VI, enumeram-se as referências bibliográficas consultadas, incluindo-se os anexos, nomeadamente o questionário e a entrevista aplicadas aos jovens.

CAPÍTULO II REVISÃO DA LITERATURA

A. Mudanças sociais na prática desportiva e desenvolvimento humano

“Quando uma sociedade perde a sua capacidade antropológica de orientar e justificar a sua existência, só restará estabelecer o seu significado último: a morte como estimulante do sentido da vida ou como um princípio simbólico para a legitimidade do existir” Breton (1991).

Para os jovens, a entrada na vida adulta não se processa de forma fácil e simplista. Eles recorrem a formas extremas de simbolização e a maioria utiliza certas condutas de risco durante esta passagem de estatuto. Trata-se de procurar uma vivência na incerteza ou o avanço incerto para uma existência nova (Costa, 2000).

Segundo Neto (1995), é inevitável que a passagem de uma sociedade pós-industrial para uma sociedade de informação, traga consigo alterações e mudanças evidentes no tecido social, na organização dos modos de vida, na valorização de novas concepções de actividade cultural e artística (em que se inclui o desporto), na inovação das relações estabelecidas entre os grupos e nos paradigmas centrados nas relações entre indivíduos e sociedade. O aspecto mais evidente é a renovação de princípios e valores quanto ao entendimento que os jovens têm vindo a dar ao significado da actividade física. Está a ser construída uma nova e diferente maneira de ver, de estar e entender a prática desportiva que valoriza os aspectos relacionados com a natureza, o risco e a aventura.

As sociedades modernas geram crises de valores, principalmente nas sociedades ocidentais caracterizadas por estruturas individualizantes, em que o jovem simboliza ele mesmo de maneira solitária esta passagem, como se tratasse de inventar a sua adolescência, tendo como consequência o adiamento da sua autonomia. A cultura adolescente na sua extrema diversidade é raramente suficiente em si mesma quando o jovem procura a entrada na vida para lhe assegurar o sentimento que a sua existência tem um preço e valor. É a ocasião para o jovem mostrar a sua determinação e a sua coragem, última justificação da sua pretensão legítima de abandono do estatuto de criança. Trata-se portanto de um período difícil em que a integração das diferentes possibilidades pessoais num sentimento de confiança dá lugar à confusão, à indeterminação, à possibilidade interior de se orientar para escolhas precisas, susceptíveis de cristalizar um sentimento de identidade sem equívocos (Neto, 1995).

A padronização dos estilos de vida (familiar, escolar e social), das atitudes e comportamentos, leva naturalmente os jovens a procurar sensações novas ou diferentes e mais centradas nos limites da exploração do seu próprio corpo em confronto com o espaço físico natural. É também um fenómeno próprio da idade, da sua fase de desenvolvimento físico, emocional e psicossocial, isto é, a procura de excitação, de prazer e aventura corporal (Neto, 1995).

Hoje as actividades de outdoor aventura surgem como um “grito de revolta” dos jovens das sociedades modernas que se vêm acorrentados a uma realidade social existencialmente conformista. Para fugir desta realidade, os jovens utilizam estas práticas para construir um projecto de vida potencialmente inconformista. Os jovens pretendem afirmar um “estilo de vida” como um meio de afirmação e diferenciação de “status”.

Os adolescentes valorizam este tipo de práticas porque, segundo Le Breton (1991), estas opõem-se à condição banal do homem, em que a sucessão dos dias não sofre nenhum incómodo. Ela arrasta o homem da sua segurança, levando-o a mergulhar numa gama de peripécias quaisquer para as quais não está preparado. Por ser conduzida fora da rotina, ela exige uma via clandestina, marginal e imprevisível, marcadamente perigosa e atraente. A exaltação que ela suscita dá ao jovem uma consciência excitada de existir.

Na opinião de Neto (1995) a questão central está em compreender o uso do tempo quotidiano dos jovens quanto à emergência de relações de tensão e conflito, reflectidas em novas dinâmicas sociais. Trata-se antes de tudo de perceber que a aderência a novas práticas físicas e desportivas, constituem um meio para que os jovens possam evidenciar as suas culturas específicas e formas de sociabilidade que lhes estão associadas. Se é certo que estes comportamentos e “culturas do jovem” devem ser entendidas de acordo com uma sociologia de vida quotidiana, em que se inclui o lazer, também é verdade que esta interpretação não pode estar dissociada da estrutura social envolvente, considerando as diversas políticas socio-económicas, a mobilidade do tecido social (rural e urbano), a estabilidade familiar, as condições de segurança social e de emprego e as expectativas de enquadramento social. Neste contexto, Pais (2003) destaca que os jovens têm assumido ao longo das últimas décadas, um papel importante quanto à mudança social, por se revelarem um elo importante na cadeia de reprodução cultural e social.

Cada vez mais, o jovem recusa-se ser um simples número das estatísticas das federações desportivas e nos “bancos de dados” da Administração Pública do Desporto ou de qualquer federação desportiva.

O universo desportivo exige uma compreensão sobre a relação entre pertinência técnica e pertinência cultural, evocando a existência de afinidades

entre certos tipos de desporto (estruturas motoras, técnicas e regulamentares) e certos grupos sociais, (explicação da sua distribuição particular entre os grupos) como da sua evolução (ao contrário de estabilidade) desta distribuição (Pociello, 1987). Como refere Bourdieu (1979) a propósito da teoria do *habitus*, “as diferentes condições sociais de existência permitem construir disposições duráveis e transferíveis que funcionam como sistema gerador e classificador de práticas”.

As actividades físicas ocorrem num contexto social pelo que têm implicações relevantes para o desenvolvimento de competências sociais, nomeadamente de capacidades para interagir eficazmente com os outros. (Malina, 1994).

A.1. As novas práticas desportivas: definição de critérios

As práticas físicas e desportivas contemporâneas enquadram um novo “paradigma de acção” ao explorar o sentido do limite físico e simbólico do corpo. Estas práticas de outdoor estão hoje difundidas por todo o mundo, constituindo-se como um novo mercado e uma nova forma de consumo. O impacto e a motivação do jovem por este novo tipo de práticas são enormes, considerando a noção de “limites mais atractivos” de vertigens e de esforço físico.

Na opinião de Neto (1995) as motivações das novas gerações para este tipo de práticas desportivas, orientam-se em seis grandes indicadores:

1- A opção por práticas desportivas que valorizam o confronto com o natural. Trata-se de tornar coerente uma “nova cultura” com um novo “espaço de acção”. Um desporto mais centrado no contacto com a natureza (ecológico) permite novas dinâmicas individuais e colectivas, mais robustas quanto ao sentido de si próprios e dos outros.

2- A atracção por actividades em que exista maior imprevisibilidade do meio, com o objectivo de desenvolver capacidades motoras, físicas e psicológicas em função de condições de prática instáveis (meio aéreo, terrestre, aquático ou sub-aquático). A variação das condições climáticas, das características do meio físico e das alternativas de superação de si próprio (de forma sistemática) traduzem uma das grandes diferenças relativamente aos desportos convencionais (espaços estandarizados).

3- A prática de actividades em que o risco e a aventura corporal estejam presentes. Trata-se de procurar formas de acção diferentes que permitam perceber a noção dos limites do corpo, em situação de transcendência (harmonia) e de superação do caos (conflito). A prática do *surf*, *bodyboard*, alpinismo, parapente, etc, são actividades de elevado nível de risco (radicais) que implicam um aperfeiçoamento da capacidade de disciplina e organização individual. Um eventual erro pode ser fatal. O confronto é estabelecido com o meio físico (natureza) mas principalmente consigo próprio. As estratégias e tomadas de decisão têm obrigatoriamente de

estar associadas a um nível de perícia corporal necessário para a resolução de problemas que cada situação nova vai criando.

4- A liberdade de escolha das práticas desportivas de acordo com o seu tempo individual e as suas próprias regras de acção. Trata-se do facto dos praticantes usufruírem de uma certa liberdade de escolha do momento de prática, da sua duração, do nível de intensidade e exigência de aperfeiçoamento. Por outro lado, e de acordo com as regras de segurança e referências de regulamento técnico, estas práticas oferecem uma margem elevada de regras de acção consoante a estabilidade ou instabilidade do contexto físico.

5- O desenvolvimento de uma cultura específica de grupos de amigos, assente em relações de solidariedade e convivencialidade. Trata-se de valorizar o encontro, o convívio e a manifestação de projectos colectivos. Cada uma destas actividades desportivas implica necessariamente uma filosofia própria, uma dinâmica específica de prática, um entusiasmo característico e um desafio abrangente de grupo.

6- A criação de modas e hábitos quotidianos que dão sentido a “culturas específicas” de práticas físicas e desportivas. Trata-se de analisar a importância dada ao vestuário apropriado, à linguagem utilizada (vocabulários, etc.), os tipos de equipamentos usados e os meios de transporte mais característicos.

As novas tendências quanto às motivações para a prática desportiva são legítimas e compreensivas. O futuro da actividade física será necessariamente a exploração do meio natural. O espaço uniformizado, estável e com referências fixas, dará lugar a práticas estruturadas em espaços instáveis e com referências de incerteza. As mudanças sociais originam inevitavelmente uma alteração nas representações, práticas e formas de consumo.

Neto (1995) supõe que a relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre se venha a alterar consideravelmente na sociedade do futuro, o que implicará obrigatoriamente um quadro de novas estratégias de desenvolvimento da actividade física, seja ao nível conceptual, no seu ordenamento estrutural e na dinâmica de participação dos cidadãos. Os clubes desportivos, as autarquias e as escolas terão de repensar e reinventar uma nova ordem de valores relativos ao desporto, considerando essas alterações e mudanças que se estão a passar ao nível das estruturas sociais.

Exige-se com alguma urgência, a capacidade e a coragem em abordar de forma crítica o passado, o presente e o futuro do desporto chamado “convencional”. Este deve ser analisado quanto à maneira como é praticado e desenvolvido do ponto de vista social.

Com a passagem para o século XXI, o desporto evoluirá para novos horizontes, de acordo com as características próprias dos modos de vida que os cidadãos aspiram em termos de “saúde física e mental”. O desporto do

futuro terá essa vocação fantástica voltada para a ocupação dos tempos livres. Esta recente concepção do desporto (já visível nas opções dos jovens) retomará a visão voluntária, ecológica e centrada no prazer.

Neto (1995) defende que o desporto deve antes de tudo reinventar e reinventar-se, a partir dos grandes princípios que lhe deram origem: a convivência e a solidariedade entre os homens e os povos, a formação cívica ao longo da idade, o desenvolvimento das capacidades físicas e motoras de um corpo adaptável e crítico ao seu envolvimento social, e principalmente, a valorização da sua capacidade cultural em “confronto” civilizado.

As novas práticas de “outdoor” poderão ser um sinal positivo de mudança e complementaridade ao desporto “convencional” dos nossos dias. Estas práticas de alto risco poderão ser equacionados como uma perspectiva alternativa de grande significado para a visão humanista da educação física, considerando o seu valor potencial de experiências que favoreçam o crescimento pessoal, interação e mudança social (Robinson, 1992).

No entanto, e paradoxalmente, são já evidentes algumas descaracterizações destas actividades, quando sujeitas a sistemas de organização competitiva em moldes discutíveis quanto aos princípios defendidos até aqui. Segundo Neto (1995), são urgentes objectivos radicais, não quanto ao tipo de novas práticas desportivas mas nas “atitudes mentais” como as utilizamos.

B. O processo de desenvolvimento humano

O contexto em que o jovem se insere é de extraordinária importância no seu processo de desenvolvimento. Torna-se importante neste estudo analisar cuidadosamente esta temática.

É a partir da década de setenta que as concepções do desenvolvimento em contexto têm vindo, progressivamente, a fornecer as bases responsáveis pelos avanços conceptuais e metodológicos neste campo. Assim e à luz da corrente, por exemplo, de matriz construtivista sistémica pode-se abordar, não só o que o indivíduo é, mas também aquilo em que se vai tornando.

De facto, o desenvolvimento humano focaliza a sua pesquisa no estudo científico das mudanças que ocorrem ao longo da vida. Assim se compreende que os desenvolvimentistas se concentrem sobretudo nas alterações provocadas pelo desenvolvimento e sistematizem-nas de forma a construir conhecimento. Porém devemos ter em linha de conta que estas mudanças podem ser sistemáticas, enquanto processo relativamente organizado e coerente, ou adaptativas, uma vez que essas mudanças são condicionadas por factores exógenos e endógenos (Papalia & Olds, 2000).

Para Fonseca (1989) o desenvolvimento humano é limitado por aspectos variáveis e aspectos permanentes, que não podem ser separados, concluindo que o desenvolvimento do indivíduo tem que se situar num

contexto dialéctico entre estruturas de transformação e estruturas de estabilização.

Para concretizar um estudo do desenvolvimento humano que possibilite e legitime a divisão em períodos mais ou menos estruturados e específicos, Tavares & Alarcão (1985) conceptualizam uma estrutura humana e uma estrutura da personalidade que se desenvolve no tempo de forma progressiva diferencial e globalizante e consideram que o desenvolvimento humano é a evolução progressiva, da própria estrutura no tempo, dentro dos princípios que a seguir se destacam: (i) do simples para o complexo; (ii) do geral para o específico e (iii) do sensorio-motor para o operatório. O desenvolvimento físico é regido por dois princípios que são: (i) céfalo-caudal (da parte alta para a parte baixa do corpo, da cabeça para a cauda) e (ii) próximo-distal (do centro para a periferia). Segundo estes autores, este processo assenta na interacção de dois grandes pilares que estão na base de toda a espiral: a hereditariedade e o meio.

A história da Psicologia foi marcada por vigorosos debates entre os defensores da hereditariedade e os defensores do meio. Os defensores da hereditariedade proclamavam que todos os traços psicológicos eram transmitidos directamente pelos genes de geração em geração. Em oposição, aqueles que defendiam o meio argumentavam, também de forma rígida, que toda na essência da pessoa era moldada pela forma e pelas circunstâncias em que era educada e criada (Sprinthall & Sprinthall, 1993).

Na opinião de Sousa (2003), a forma como um ser humano interage e se comporta em diversas situações é uma consequência das influências associadas aos factores da hereditariedade e do meio. A autora afirma que se retirarmos os caracteres próprios da espécie e alguns traços como os grupos sanguíneos, a título de exemplo, de uma forma geral, o que está presente nos traços do perfil humano é a influência do meio.

Na nossa opinião o ser humano caracteriza-se como um ser, que apesar do seu potencial genético, se constrói socialmente através de um processo dialéctico condicionado pelo seu potencial psicobiológico, pelo meio envolvente e pelo relacionamento com os seus pares, tornando-se extremamente difícil destrinçar o que é hereditário e o que é ambiental. Fonseca (1989) encara a expressão humana como relação recíproca e indissociável entre o organismo e o meio envolvente. Todo o processo de desenvolvimento humano se desencadeia em estreita interacção com o meio, a partir do património genético e hereditário do sujeito (Tavares & Alarcão, 1985). Por isso consideramos que o ser humano é um ser biopsicossocial e que o processo de desenvolvimento é, sobretudo, um processo de construção pessoal realizado na dupla influência daqueles dois factores” (Sousa, 2003).

Papalia & Olds (2000) conceptualizaram as mudanças que se operam no processo de desenvolvimento humano, classificando-as de quantitativas e qualitativas. A mudança quantitativa pode traduzir-se numa variação em número ou quantidade, como o aumento de peso, ou o cumprimento dos

segmentos corporais ou outros dados mensuráveis, como por exemplo o aumento do vocabulário. A mudança qualitativa representa mudanças de tipo estrutura ou organização, podemos destacar como forma de exemplificação, a aquisição da linguagem, a aquisição da marcha, a resolução de problemas, entre muitos outros exemplos.

Papalia & Olds (2000) atribuem ao *desenvolvimento físico* as mudanças no corpo, no cérebro e nas habilidades motoras. Atribuem ao *desenvolvimento cognitivo* as mudanças que se operam na capacidade mental, tais como, aprendizagem, memória raciocínio, pensamento e linguagem. O conceito de *desenvolvimento psicossocial*, na opinião destes autores, engloba a personalidade – forma como habitualmente e com consistência relativa as pessoas sentem, reagem e se comportam – e o desenvolvimento social – que se refere às mudanças que se operam nos relacionamentos com os outros.

As referências a estádios, períodos ou faixas etárias a que se refere um intervalo no processo de desenvolvimento, através do qual se pretende determinar onde é que um ser humano se encontra em determinado momento da sua evolução, não assenta necessariamente no conceito de idade (Tavares & Alarcão, 1985). A noção de estádio remete para uma concepção de aceitação do desenvolvimento como uma sucessão de reorganizações qualitativa (Sousa, 2003). Contudo é importante que se tenha em linha de conta que essas referências são aplicáveis à média, isto é, podem ocorrer diferenças entre indivíduos, porque cada ser humano é igual a si próprio, respeitando o princípio da diversidade.

Bronfenbrenner (1979), na sua abordagem ecológica do desenvolvimento humano identifica cinco níveis de influência que se inter-relacionam entre si, desde os mais simples e mais íntimos aos mais complexos e mais amplos. Estes cinco níveis de influências em contexto são descritos como um conjunto de estruturas encaixadas, umas dentro das outras, como um conjunto de bonecas russas (Portugal, 1992). Para compreender o desenvolvimento individual, deve-se estudar cada pessoa no contexto destes múltiplos ambientes (Papalia & Olds, 2000).

- “*Microsistema*” - Refere-se ao ambiente quotidiano, mais íntimo, a casa, a escola, o emprego, o bairro – engloba os relacionamentos que se desenvolvem directamente de forma bidireccional entre pais, filhos, irmãos, professores/educadores, cônjuges, colegas de trabalho/escola. As influências são recíprocas.

- “*Mesosistema*” - Caracteriza-se pelo entrecruzamento de vários microsistemas que envolvem a pessoa em desenvolvimento - podem incluir vínculos entre o lar e a escola, ou o lar e o trabalho e até mesmo a família e o grupo de amigos.

- “*Exossistema*” - Refere-se aos vínculos existentes entre dois ou mais ambientes, em que pelo menos um deles não envolve directamente a pessoa em desenvolvimento - Os locais de trabalho dos pais, as redes de apoios

sociais e os vínculos entre a família e a sociedade são um bom exemplo de ambientes que podem influenciar o desenvolvimento dos filhos.

- “*Macrossistema*” - Consiste nos padrões socioculturais dominantes, as ideologias, as crenças, os sistemas políticos e económicos – todos estes factores determinam de que forma uma pessoa é afectada vivendo numa sociedade capitalista ou socialista, numa ditadura ou numa democracia.

- “*Cronossistema*” - Acrescenta a dimensão de tempo e a influência de mudanças normativas ou não-normativas ou da constância na pessoa e no ambiente – pode incluir as mudanças na estrutura familiar, local de residência ou emprego e mudanças culturais mais amplas, como as guerras ou os ciclos económicos.

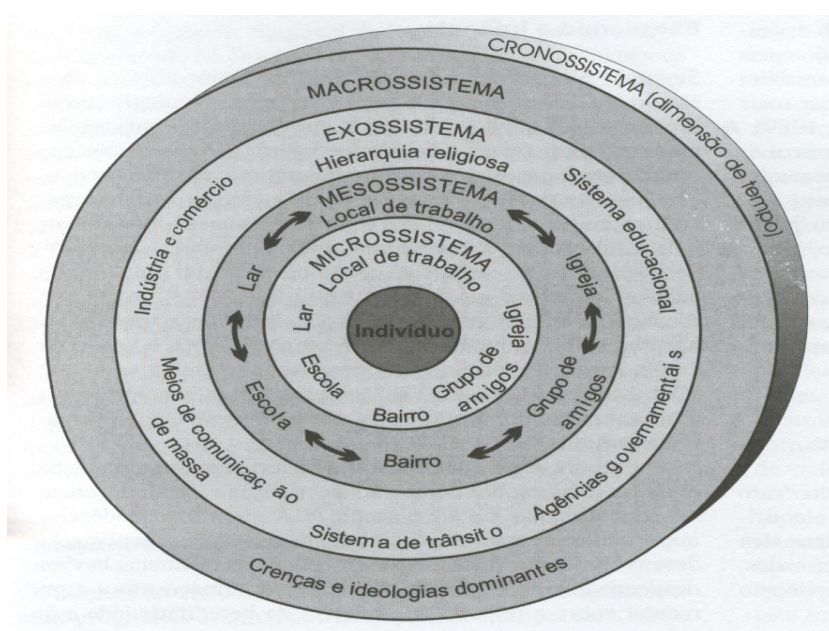


Figura 1 – Visão ecológica das influências no desenvolvimento (Papalia & Olds, 2000).

O estudo dos ambientes onde os sujeitos se desenvolvem é de uma importância crucial e, desta perspectiva é possível entender o processo de desenvolvimento como um conjunto de mudanças significativas no modo como a pessoa percebe o meio ambiente do qual é parte integrante e do modo como se relaciona com ele. Esta relação sujeito / meio assume-se como uma relação bidireccional em que o sujeito é afectado directa e

indirectamente no seu processo de desenvolvimento pelos níveis atrás descritos (Bronfenbrenner, 1979).

Em forma de síntese, pode-se afirmar que o desenvolvimento humano é pontuado pelas experiências vividas, principalmente pelas mais significativas, integradas no ambiente eco-sistémico do indivíduo e indissociáveis dos relacionamentos que estabelece, não apenas durante a infância, mas ao longo de toda a sua vida.

Trata-se de uma visão interactiva e didáctica da relação humana entre o sujeito e os contextos, correspondente, assim, a uma visão pluralista e multidimensional do desenvolvimento humano.

C. O corpo adolescente

O corpo é objecto de estudo desde os primórdios da humanidade. A procura de explicações para determinados acontecimentos e fenómenos estava centrada no corpo, procurando este fornecer um sentido para a vida individual e de grupo. Não fazia sentido separar o corpo e o cosmos, pelo que a exploração e conhecimento do real era em si mesma uma descoberta do corpo.

Na relação consigo mesmo ou com os outros, dentro de determinado simbolismo social, o corpo é um analisador de grande envergadura que facilita o conhecimento do tempo presente (Breton, 1991). Ainda na opinião deste autor, o corpo de hoje, é um corpo permanentemente em construção, contribuindo para ele um conjunto de circunstâncias e factores sociais, onde as sociabilidades corporais têm um papel preponderante. Ele deve, por isso, ser visto e entendido, também, como o produto de condicionalismos e configurações sócio-culturais.

Neste contexto parece-nos interessante explicitar alguns estudos que investigaram a relevância do corpo na nossa sociedade. Pinto (1993), por exemplo, defende o valor da cultura como formadora de signos inscritos no corpo, argumentando que o humano espelha a concretização do seu ser individual cultivado em seu corpo, de tal maneira que o corpo não retrataria apenas sinais inscritos nele mesmo, mas também seria mensageiro da interioridade subjectiva que expressa.

Na defesa da relação corpo / cultura, Bruhns (1994) argumenta que a mais simples observação em torno de cada pessoa poderá demonstrar que o corpo humano é afectado pela religião, pela profissão, pelo grupo familiar, pela classe social e outros intervenientes sociais e culturais.

Ainda no que diz respeito à relevância da influência da cultura sobre o ser humano através do corpo, há que referir a posição de Daolio (1995), ao defender que mais do que uma aprendizagem intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural que se instala no seu corpo, no conjunto das suas expressões. Por outros termos, o homem aprende cultura através do seu corpo.

Coerente com esta linha de pensamento, Gonçalves (1994) defende que no ciclo vital humano – do nascimento até à morte – o corpo se transforma e a história pessoal de cada indivíduo fica, de certo modo, inscrita no seu corpo.

Na opinião de Uvinha (2001), parece haver uma certa concordância nos estudos sobre o assunto, quanto ao facto do ser humano apresentar inúmeras variações no tratamento do seu corpo, bem como nas formas de se comportar corporalmente, que revelam ao longo de sua história, as relações desse corpo com um determinado contexto social. Ainda segundo este autor, parece ser possível pensar nas mudanças ocorridas no corpo do adolescente vislumbrando-se, basicamente, duas ópticas: uma quantitativa e outra qualitativa.

As mudanças de carácter quantitativo seriam aquelas verificadas desde o processo de puberdade, desencadeando todo um período de profundas alterações orgânicas, em que uma sequência especial de eventos garantiria uma maturidade fisiológica.

No entanto, deve ser dada especial atenção às mudanças físicas de carácter qualitativo, ou seja, a implicação desse corpo num contexto sócio-cultural. Para esta análise, Furter (1975) colabora com um estudo sobre a juventude francesa, no qual o autor aponta que todo esse turbilhão de alterações biológicas acabaria por desencadear simultaneamente uma profunda transformação no modo de ser do jovem, como membro da sociedade. O autor argumenta que, inicialmente, o adolescente experimenta uma certa inquietude gerada pela novidade que representa o seu corpo, já que, quando criança, “crescia” com o seu corpo e assimilava os seus movimentos com significativa facilidade. Contudo, quando jovem, existe uma manifestação do alheio e do estranho. Perante tal cenário, Furter (1975) conceitua que a adolescência tem início no momento em que o corpo se impõe à atenção do indivíduo. Deste modo, as mudanças quantitativas permitem ao jovem adquirir um novo corpo, num rápido intervalo de tempo. Já as mudanças qualitativas possibilitam ao adolescente perceber, gradualmente, esse corpo recém-adquirido como um verdadeiro poder de abertura para o mundo, colocando-o em relação com o meio em que vive e, em particular, nas relações com os outros.

O nosso corpo é um elemento simbólico que facilita a nossa compreensão de ser e estar no mundo. Se retirarmos dele essa carga, então é a própria essência do ser humano que estamos a colocar em dúvida.

C.1. A adolescência como uma fase

Adolescentes ou adolescência podem e devem ser perspectivados num sentido mais global e holístico, viabilizando desta forma um novo entendimento para comportamentos e atitudes da parte destes. A intenção será enquadrá-los em cada contexto das suas acções, pensamentos e

idealizações, individualmente ou em grupo. Torna-se fundamental perceber que valores e ideais são por eles preconizados em cada instante e momento da sua passagem por mais esta fase da vida.

Os adolescentes são tidos de diversas formas. Por isso habituámo-nos à ideia primeira que a adolescência significa necessariamente um conjunto de etapas e desafios que se ultrapassam à custa de muito stress e angústia. É um período de vida recheado de metamorfoses, contínuas e continuadas que se podem prolongar por um longo período de tempo. Segundo Erikson (1976), o termo crise não é sinónimo de catástrofe. Trata-se de um momento crucial, de mudança, de diferenciação.

Este é também o tempo da construção da identidade própria, das formulações de e acerca da vida, da construção e apropriação de valores individuais e colectivos, em que as transformações corporais internas terão talvez mais influências nos modos de expressão de conflitos do que propriamente na dinâmica da crise da adolescência (Câmara, 1996).

Trata-se de um conjunto de processos que não são apenas de identificação corporal própria, mas que se desenrolam com aproximações e afastamentos em relação à imagem externa que reflectem de outros. O que faz o adolescente identificar-se inicialmente com outros, não são mais do que características físicas visíveis da espécie. Quando procuramos semelhantes, fazemo-lo em primeiro lugar em relação a características externas e só depois, com o desenvolvimento das relações inter-pessoais, tenta-se encontrar outro tipo de referenciais. A adolescência é, por excelência, o tempo para o corpo.

Numa altura em que primam todos os desafios, os adolescentes deixam os seus corpos ao abandono das vertigens, onde as sensações mais fortes têm lugar. O corpo sente-se, vive-se, integra-se ou segrega-se, mas não há ideias que não sejam sentidas ou vividas por uma corporalidade ausente, imposta, submissa, distante, assumida. Todas elas se encontram no adolescente, que sonha transformar-se, aumentando o sinal que resulta da satisfação de ter passado por corpos e tê-los sentido a todos eles, com angústia, mas também com alegria, percebendo que aquele é um estado transitório. Tal como pode ser o corpo do grupo, onde não há o seu, mas sim muitos corpos que se misturam, que se incorporam, porque se assim não for não lhes pertencerão (Loret, 1995).

Segundo este ponto de vista, a adolescência pode também ser olhada através de uma perspectiva temporal e espacial, onde ganha peso uma certa noção de transitoriedade (Esteves, 1991).

Partindo do pressuposto que a vivência dos adolescentes é sobretudo uma vivência corporal, a demonstração de novos comportamentos e as representações da sua corporalidade poderão adquirir grande importância na análise dos quadros sociais da(s) juventude(s) com que nos confrontamos quotidianamente.

C.2. O corpo imaginário

A corporalidade para o adolescente existe na formação de um corpo real e, simultaneamente, de um corpo imaginário. Um primeiro com o qual ele se confronta diariamente, mas também um segundo a que ele reporta por apropriação e incorporação de outros corpos. Nesta relação dialéctica balançam-se algumas das questões que, para ele, se irão tornar corporalmente conflituosas.

De entre muitos aspectos que assolam hoje a corporalidade dos adolescentes, existe um em particular, que está relacionado com as formas de encarar / assumir o risco, e que merece especial atenção neste estudo. De uma forma individual, existe um conjunto de questões que se reportam à identificação com diversas formas de estar e assumir a identidade própria do corpo, onde uma certa “paixão pelo risco” é posta em prática no sentido de conferir alguma identidade aos corpos, seja numa perspectiva de fuga, repetição ritualizada de diversas práticas, confronto com a morte, busca de um certo sentido da vida, através de sensações ordálicas, ou confronto com um envolvimento incerto. Le Breton (1991) afirma que através de uma identificação e valorização simbólica, os jovens vão procurando provar a sua possibilidade de estar no meio dos adultos, seguindo formas arriscadas e procurando simultaneamente conferir algum sentido existencial às suas vidas.

C.3. Vertente Sociológica do Corpo

A adolescência corresponde a um momento de confrontação entre um determinado grupo a que o sujeito se habituou – a família – e um conjunto de elementos de identificação e ligação de outra ordem – o grupo de amigos. Torna-se importante relançar um olhar sociológico sobre a análise destes grupos sociais de referência para o adolescente.

O modelo de análise do desenvolvimento da adolescência de J. Coleman sugere que, a seguir a um período de identificação heterossexual, existe um estabelecimento de uma forte ligação com os amigos (Hendry et al., 1993). Estes são normalmente escolhidos entre aqueles onde a partilha de heróis, gostos, sensações, ideias e ideais comuns parece fazer algum sentido (Tolson & Urberg, 1993). Os motivos para a aproximação de outros não parecem diferir muito dos processos de identificação e permanência próxima de qualquer sujeito em relação a um determinado grupo social. A aquisição de um estilo próprio, por indução grupal, ou a consistência de um estilo já incorporado pelo grupo, é facilmente compreensível. As novas músicas, os novos símbolos, os novos ídolos, os novos trapos para vestir, a prática de desportos e outras actividades de tempos livres, os espaços que frequentam, os rituais que praticam, são motivos para que eles procurem um lugar e um

espaço no seio de uma comunidade, apropriando-se de um sentimento de *corpo colectivo*.

Um corpo que à luz de uma determinada evolução científica e académica, nos conduz ao conceito de cultura(s) específica(s) de juventude / adolescência, opositora a uma outra cultura, a dos adultos. Para alguns esta trata-se de uma questão da carácter terminológico, ou de entendimento do confronto entre a natureza e a cultura do Homem.

D. Juventude e diversidade cultural

Até agora a palavra “juventude” já foi referida algumas vezes. No entanto, no contexto deste trabalho é necessário esclarecer a origem e o verdadeiro significado deste termo.

O conceito de juventude é relativamente recente e subjectivo, já que é construído no contexto de determinadas situações económicas, sociais e políticas. Tradicionalmente este conceito é definido como um estado intermédio entre a infância, idade da irresponsabilidade, e a vida de adulto, idade de responsabilidade. A juventude é percebida geralmente pela sociedade como um todo homogéneo, desconhecendo-se que, na realidade, ela é construída por grupos dissemelhantes nas suas formas de pensar, sentir e agir, de acordo com diferentes modos e estilos de vida sob a influência de múltiplos agentes de socialização.

A UNESCO define a juventude como um ciclo etário dos 15 aos 21 anos. Esta definição, além de estabelecer limites arbitrários, engloba – da perspectiva jurídica – jovens com estatutos legais diferentes. Segundo Castro & Abramoway (2002), esta definição tem o mérito, contudo, de tentar romper com a perspectiva tradicional de juventude como fase de transição entre a infância e a idade adulta. Na opinião destas autoras, para além da conotação cronológica, esta definição implica uma transversalidade, uma vez que confronta vivências e oportunidades de uma série de relações sociais, nomeadamente, trabalho, educação género, raça, etc.

Embora a juventude seja considerada, geralmente, como uma totalidade cujo principal atributo é dado pela faixa etária na qual está circunscrita, deve ser tomada também como conjunto social diversificado, para que diferentes traços e perfis da juventude surjam, relacionados com a inserção numa determinada classe social, sua situação económica, seus interesses e oportunidades ocupacionais e educacionais específicos.

A concepção de juventude como “momento de transição de um ciclo de vida” está associada ao modo como a Sociologia funcionalista a categorizou para fins de análise – como o momento de integração social, quando os jovens se tornam membros da sociedade.

A juventude constitui uma categoria socialmente manipulada e manipulável, e o facto de se falar dos jovens como uma unidade social, um

grupo dotado de interesses comuns e de se referir esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação.

D.1. As culturas juvenis, como fenómeno do século

As culturas juvenis são uma consequência a longo prazo da Revolução Industrial ocorrida em meados do século XIX. Para se ter uma ideia do percurso histórico que ajudou a produzir o conceito de cultura juvenil como termo social, tomamos como referência o espaço temporal significativo que separa a Revolução Industrial da vida social dos Estados Unidos da América na década de cinquenta do nosso Século.

Contemporaneamente, é difícil imaginar que, no tempo da Revolução Industrial, as designações hoje tão usuais de “infância” ou “juventude” não existiam – não nos esqueçamos das imagens de crianças de cinco anos a trabalhar nas minas de carvão ou em estaleiros. Somente os elementos pertencentes às classes do topo da hierarquia social, tinham acesso a uma infância e a uma juventude.

A Revolução Industrial ao permitir o aumento da produção, e uma urbanização acelerada, transformou a cidade no foco indiscutível de emprego, proporcionando a acumulação de bens e, aumentando consideravelmente o consumo. Um dos efeitos desta revolução diz respeito ao aumento processual do rendimento familiar, estendendo-se das classes mais abastadas às mais carenciadas economicamente.

O processo de urbanização permitiu uma certa liberdade individual devido à perda progressiva da influência de certos organismos sociais controladores da sociedade como a igreja e o senhor, dono das terras.

Verificamos deste modo que a Revolução Industrial não permitiu apenas inovações mecânicas e uma nova variedade de produtos, como criou igualmente as bases da sociedade moderna, libertando o indivíduo de certas pressões de carácter social, incrementando a criatividade e independência pessoal, ao mesmo tempo que desenvolveu as consciências sociais. Aquele que foi talvez o maior acontecimento resultante deste conjunto de factos foi o reconhecimento do papel da mulher como parte integrante e participativa na sociedade, com o direito desta ao voto.

A criação do conceito de juventude demorou mais tempo e veio a surgir não na Europa, foco da Revolução Industrial, mas nos Estados Unidos da América.

Na década de cinquenta, os E.U.A. e a U.R.S.S., eram indiscutivelmente as duas grandes potências mundiais. O facto do conceito de juventude ter aparecido em primeiro lugar nos E.U.A. é explicado com base nos modelos económicos – um deles capitalista de produção e de consumo contínuo (E.U.A), e outro socialista de produção e de consumo restrito, controlado pelo Estado, que limitava a livre-expressão do indivíduo

(U.R.S.S.) pelo controlo, fazendo com que as novas ideias progredissem muito mais lentamente.

Na década de cinquenta, nos Estados Unidos da América, a juventude foi seduzida por algo completamente inovador na época: a publicidade. Esta constituiu o ponto de união entre as necessidades dos jovens e o desejo das companhias em manter os lucros e explorar novos consumidores emergentes. Foi criado o culto dos heróis como é o caso do músico e actor Elvis Presley. O culto da imagem foi estimulado, assistindo-se à criação de uma moda que reflectia a cópia dos ídolos da época. Se, actualmente, visionarmos um filme acerca da juventude dos anos 50, verificamos que os rapazes usavam brilhantina no cabelo e que as raparigas usavam o cabelo preso atrás – os chamados “rabos de cavalo” – para além existirem formas de vestir cada vez mais arrojadas. A natureza consumista desta juventude aparece repetidamente representada com o hábito de frequentar o café mais conhecido ou a discoteca mais prestigiada. Para reforçar a massificação deste fenómeno começam a aparecer as revistas dirigidas exclusivamente para os jovens, onde se estimula ainda mais a “fome” consumista destes. Estas revistas também preenchem uma função relevante: são guias para esses mesmos jovens – representam dogmas que os guiam de acordo com o que está na moda e alertam-nos para o que foi ultrapassado ou para o que deixou de ser usado. Se pensarmos bem, este quadro não difere muito do que se passa com a juventude actual nos seus passos iniciais – a procura de modelos, a descodificação individual dos mesmos, a vontade consumista aliada à necessidade de integração dentro de uma moda ou cultura juvenil.

É no entanto durante a revolução pacifista do “Flower Power” dos anos sessenta, que a juventude adquire maior visibilidade. É com a contestação aos valores dos pais, impostos pela sociedade dominante, que as culturas juvenis se diversificam, expandem-se, e se diferenciam, seguindo influências várias, aliadas frequentemente ao âmbito musical – os gostos musicais revelam-se um importante factor de convivência entre os diferentes indivíduos que formam um determinado grupo juvenil.

Heavy's, Punk's, Góticos, Surf's, Raver's, Rockabillys, são apenas algumas das denominações de diversas culturas juvenis, que não só influenciaram uma época como continuam a influenciar, servindo de base a outras mais recentes (Carvalho & Horta, 2003).

D.2. Culturas juvenis e subculturas

Os diferentes grupos juvenis surgem com o objectivo de resolver as necessidades comuns a vários indivíduos, conduzindo-os à união e à criação de mecanismos que respondam a essas necessidades, quer sejam materiais, quer sejam de outra ordem (de afecto, compreensão, aceitação, reconhecimento, integração, etc). Estes grupos juvenis, ou “culturas juvenis”, regem-se por regras alternativas às normas formais da sociedade. O vestuário,

em particular, aparece entre os jovens como um instrumento de integração grupal, munido de um grande poder simbólico.

O interesse que reveste estes movimentos culturais juvenis é justificado pela sua importância no seio da sociedade, já que a juventude adquire visibilidade em campos tão diversos da realidade social, como sejam o intervencionismo político, ou o surgimento de novas tendências. São os jovens que fazem circular com maior facilidade diversas modas culturais, realçando-se o vestuário e a música. Estes, revelam e reclamam cada vez mais, uma capacidade de intervenção, decisão e influência em numerosos domínios nos quais ditam modos de comportamento. Contudo, certos costumes podem não coincidir com as leis formais dominantes na sociedade, levando a desfasamentos culturais. Potencialmente, se os membros integrantes de um grupo adoptarem uma postura não-convencional, a sociedade pode avaliá-los como desviantes, e rotulá-los, marginalizando-os.

Para não se cair numa assimilação generalista de senso-comum relativamente às culturas juvenis, é imprescindível encontrar a diversidade de comportamentos entre jovens. A existência de diferentes contextos sociais faz com que os jovens utilizem diferentes linguagens, valores, estéticas e formas comportamentais. Cada grupo juvenil adopta uma determinada matriz cultural que o identifica e distingue dos outros. Assim surge a noção de subcultura.

Revela-se de extraordinária importância interpretar as práticas simbólicas que caracterizam essas diferentes culturas a partir dos contextos sociais em que os jovens se movem, de forma a assimilar da melhor forma possível o significado que, normalmente, os jovens dão às suas acções e às suas actividades quotidianas.

O conceito de subcultura, deriva como é óbvio, do de cultura.

Clarke (1976) define a cultura de um grupo ou classe como sendo um estilo de vida particular e distintivo desse grupo ou classe, nos seus significados, valores, ideais, relações sociais, crenças, tradições, costumes, objectivos e vida material. A cultura surge como algo social e historicamente inserido, construído e vivido. Assim sendo, nas sociedades divididas em classes, existe uma cultura dominante, que corresponde à classe dominante e, embora seja complexa podendo mesmo abrigar divergências, disputas e conflitos, apresenta-se a si mesma como “*a cultura*”. É com essa cultura que as demais – as culturas das classes subordinadas – entram em conflito, seja resistindo ou tentando derrubá-la. No entanto, segundo Clarke (1976), também é possível haver coexistência, infiltração, etc.

Na opinião de Freire (2005), o desenvolvimento do conceito de *subculturas juvenis* foi uma resposta à expressão da cultura juvenil, em voga em meados da década de 1970. Segundo este autor, a passagem de *culturas juvenis* para *subculturas juvenis*, surgiu da necessidade de abranger uma variedade de manifestações dos jovens e, simultaneamente, das

determinações sociais, económicas e culturais a elas associadas. Trata-se de inseri-las numa estrutura social de classes (Freire, 2005).

Subculturas são estruturas menores, mais localizadas e diferenciadas dentro das culturas de classe, referida como “cultura paterna”. Uma subcultura tem preocupações e características próprias, mas mantém em maior ou menor grau, traços da cultura “paterna”. Os afastamentos e a clareza dos pontos de distinção em relação à cultura paterna podem variar. umas são mais soltas, outras mais coesas (Clarke, 1976).

O conceito de subcultura teve origem nas reacções dos jovens britânicos às mudanças do pós-guerra, sendo visto como parte de uma luta já existente da classe trabalhadora contra as circunstâncias sócio-económicas de sua existência (Bennet, 1999). Mais especificamente, buscou-se compreender as articulações culturais de jovens da classe trabalhadora investigando a identificação e agrupamento em torno de subculturas relacionadas a estilos musicais, de vestir e valores (*punks, mods*, etc). A existência de subculturas dá-se relativamente a uma cultura maioritária, como sugere o prefixo *sub*, sendo principalmente de oposição e resistência.

Outro termo que aqui também merece destaque, é *contracultura*. A origem deste conceito surge do movimento estudantil e juvenil dos anos sessenta. Este movimento assinalou as primeiras manifestações da vontade dos indivíduos para se desvincularem do Estado-Nação. Contracultura é uma noção que se construiu com base na acção da juventude americana, estendendo-se depois à Europa Ocidental. Estes movimentos de contestação opuseram-se aos processos institucionais, procurando exprimir novos valores ao recusar as normas instrumentais e o sistema cultural dominante que as reproduz. Deste modo, a contracultura acentua a recusa da lógica consumista, e denuncia a opressão e a frieza produzidas por esse tipo de racionalidade.

Vendo-se muitas vezes privados de participar em decisões que regem as suas vidas, os jovens, revoltam-se contra valores instituídos que não se coadunam com as suas necessidades, utilizando modos de expressão artística, como é o caso do *Rock*. Este serve de instrumento à vontade de emancipação, além de criticar as dinâmicas da sociedade onde os jovens não se revêem. A música desempenha deste modo um papel relevante no seu quotidiano, constituindo simultaneamente um signo geracional que marca uma distinção entre os jovens e os seus pais. A audição musical, e sobretudo, a preferência por determinado género de música ou intérprete por parte de um jovem, pressupõe toda uma carga simbólica, que transcende o simples prazer musical. Ela é o elemento identificativo e matriz da coesão dos variados grupos juvenis (Carvalho & Horta, 2003).

No contexto desta investigação, torna-se importante descodificar a questão das *culturas* e *subculturas* no âmbito do conhecimento humano e no entendimento mais global que as sociedades fazem dos seus corpos. A

dicotomia entre a existência de uma cultura onde subsistem várias subculturas, poderá desaparecer, quando nas suas mais variadas vertentes de análise, assumirmos a existência do Homem como um ser uno e indivisível no dualismo corpo-mente (Leach, 1985). Ainda segundo este autor, o entendimento do conceito de cultura em complemento ao de culturas diferenciadas tem sido alvo de grande controvérsia, para a qual a antropologia, filosofia e sociologia têm fornecido o seu contributo e acrescentado algo ao longo dos tempos em cada momento particular da história, e do contexto “cultural” envolvente. Uma coisa que deve permanecer clara quanto ao conceito de cultura, seja de carácter axiológico, social, institucional, artístico, semântico, simbólico, ou ideológico, é que ele nos confronta com um conjunto de questões que no contexto do estudo dos jovens é necessário ter em conta. Nesta investigação especificamente, deve tratar-se de uma análise segundo uma perspectiva de um certo corpo colectivo, uma certa noção de coesão corporal, com um conjunto de caracteres, sinais e símbolos que envolvem uma dinâmica colectiva e grupal.

A noção de (sub)culturas juvenis emerge de um contexto social específico decorrente das mudanças e transformações ocorridas, quer no conceito de adolescência, quer na modificação do entendimento da sua função produtiva. Trata-se talvez de uma certa forma de entender o “capital produtivo do corpo” dos adolescentes para um outro sentido de produtividade corporal (Shilling, 1993). Movimentos que não deixam de ser historicamente pontuados pela modificação do próprio conceito de trabalho e tempo livre no todo social, que conceptualmente terão um desenvolvimento muito semelhante e paralelo. Existem mesmo correntes teóricas que cruzam as noções de adolescência e de lazer, isto é, como pensar numa certa forma de estar na adolescência sem pensar simultaneamente na utilização dos seus tempos quotidianos, em particular os tempos livres? Sobre esta questão, Pais (1989) argumenta que os tempos livres, podem considerar-se como uma das importantes dimensões da vida quotidiana no que respeita à definição e compreensão das subculturas juvenis. O usufruto desse tempo pode ser considerado como meio de ajustamento social ao meio envolvente, ou como factor de integração social.

D.3. Redes grupais e identificação grupal

Os tempos quotidianos dos jovens encontram-se fortemente associados a práticas de sociabilidade e lazer que se desenvolvem no quadro de determinadas redes grupais. Estas, por sua vez, encontram-se associadas a identidades juvenis que parecem definir-se, por contraposição, umas em relação às outras. As imagens que os grupos de jovens formam de si mesmos e dos outros parecem orientarem as relações que se estabelecem entre estes grupos (Pais, 2003).

Os grupos de amigos são exemplos destas redes grupais, ao assegurarem uma certa identificação entre os vários elementos que os constituem e ao funcionarem como contextos coerentes de estruturação dos tempos quotidianos dos jovens que os integram e das actividades que praticam de forma partilhada. De facto, para a generalidade dos jovens, os amigos de grupo constituem um espelho da sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação a outros.

A Identificação Grupal pode ser entendida sinteticamente como “a importância subjectiva do grupo para o indivíduo” (Kiesner et al., 2002). Krech et al. (1975) definem a identificação como “o processo de procurar ser como outro indivíduo ou grupo”, indicando que, pela identificação, o indivíduo passa a incorporar as características de outro indivíduo ou grupo e a manifestar um comportamento semelhante. Estes grupos são chamados de grupos de referência, pois servem de modelo, sendo significativos para o indivíduo; ao não fazer parte deles, o indivíduo que os considera como referência expressa o desejo de se integrar, mostrando atitudes na mesma direcção dos grupos (Kiesler & Kiesler, 1973).

A identificação grupal está na base de vários processos e variáveis psicossociais, sendo preponderante no processo de formação, mudança e manutenção das atitudes (Asch, 1977; Freedman, Carlsmith & Sears, 1970; Lambert & Lambert, 1972; Siegel & Siegel, 1957), na auto-estima (Bat-Chava, 1994), na influência e nos valores sociais (Gouveia et al., 2002), nos traços de resposta interpessoal, como a dominância, o exibicionismo, a sociabilidade, na formação de grupos e na liderança (Krech et al., 1975), na busca por aceitação e rejeição e nos comportamentos anti-sociais (Benda & Corwyn, 2000; Hawkins, Catalano & Miller, 1992; Petraitis, Flay & Miller, 1995).

Paralelamente, os grupos de amigos aparecem como uma instância de protecção de identidades individuais. As socializações a que os jovens se encontram sujeitos são muito diversificadas (Pais, 2003). Por isso, é possível admitir que uma das funções essenciais dos grupos de amigos seja, não tanto a de desafiar os valores da família ou das gerações mais velhas, mas assegurar aos jovens uma protecção aos assaltos socializantes a que estão sujeitos. Com efeito, o tempo colectivo de que os jovens desfrutam, em grupo, é sentido como um tempo mais apropriado que qualquer outro à realização dos seus desejos e interesses de marca especificamente mais juvenil. É certo que, nas actividades de grupo, os jovens parecem viver o seu quotidiano de forma passiva – todavia, esta ideia não corresponde à realidade. Num aparente “não fazer nada”, os jovens acabam por desenvolver formas genuínas de participação social, através da efectiva adesão a determinadas actividades e da construção de fachadas reforçativas da coesão de grupo (Pais, 2003). Na opinião deste autor, as fachadas grupais, de grande valor simbólico, aparecem, por sua vez, associadas a designações que implicam

distinções culturais identitárias: os jovens identificam-se, sinaleticamente, como *surfistas*, *futuristas*, etc. Toda a estrutura social consiste num conjunto organizado e diversificado de identidades sociais às quais se encontram associados determinados comportamentos e imagens.

Organizados em grupos menores, os praticantes de modalidades ligadas à natureza ligam-se, naturalmente por interesses comuns. Animam-se as solidariedades entre microgrupos, encontram pessoas parecidas que convergem nos mesmos desejos e preocupações imediatas. Em tornos dessas práticas são constituídas redes, partilhando entre si discursos, emoções intensas vivenciadas nas práticas e os sentidos atribuídos a elas (Costa, 2000).

Sobre a interferência do grupo no modo de agir dos jovens, Rodrigues (1986) refere que o comportamento individual está subordinado a determinados códigos – muitas vezes inconscientes – que programam colectivamente a maneira de agir, de pensar e de sentir, consideradas adequadas e justas, e que estes comportamentos – quer se conformem às normas colectivamente estabelecidas, quer delas se desviem – são inexoravelmente mensagens significantes e expressam a natureza do sistema social.

Tal implica a formação de grupos no seio da sociedade. Neste contexto Arantes (1981) destaca que pertencer a um grupo social implica, basicamente, partilhar um modo específico de comportar-se em relação aos outros homens, e à natureza.

Essa procura pelos grupos tem especial ocorrência na adolescência, facto ressaltado por Levisky (1979). Segundo ele, nos grupos de jovens, o que há em comum é o facto de todos eles estarem à procura de algo, isto é, de estarem à procura de si mesmo. No grupo, uns se parecem com os outros e nisso de confortam. Um sujeito é modelo para outro, sofrem de angústias semelhantes e na indefinição é que se encontram. Dentro do grupo cada um está na busca de si mesmo, e o grupo como unidade existe nesse sentido; o encontro visa, antes de mais nada, exteriorizar os próprios pensamentos e confrontá-los com os demais (Levisky, 1979).

Há ainda que referir, que a formação dos grupos pode ser devido essencialmente à negação, pelo adolescente, dos valores paternos considerados tradicionais. Relativamente a isso, Doneda (1986), refere que o grupo serve em determinados momentos não só para afirmar a nova identidade, ainda vacilante, mas também para mostrar aos pais que a sua geração é diferente, é outra.

Carvalho (2003) argumenta que é fundamental que o jovem encontre organizações próprias em que possa integrar-se, assumindo responsabilidades novas que lhe permitirão elaborar um processo crítico que assente sobre o princípio da realidade. Para tal, necessita de se organizar de tal modo em

grupos que possa equacionar, com os outros jovens e com os adultos, os seus próprios problemas.

Basicamente a construção de fachadas nos grupos juvenis assenta, deste modo, em diversos elementos: na imagem (dada pelas roupas, corte de cabelo, adornos); no comportamento (dado pela expressão corporal, o seu porte) e na gíria ou calão.

D.4. Ritos de passagem

No caso dos adolescentes, os ritos de passagem entre dois estatutos eram o resultado de uma transformação do corpo, envolvendo por vezes casos de hetero e auto-mutilação corporal. Hoje essas formas de transição consideradas pelos jovens de violentas e ridículas, são em algumas sociedades perfeitamente contextualizadas e estruturadas em torno de autoridades morais e divinas (familiares, que não só consentem como sabem tratar-se de práticas indispensáveis para a valorização do seu “jovem”, e feiticeiros / médicos que detentores de um saber “mágico”, ou conferido pelos deuses controlam as operações e rituais iniciáticos – autênticas festas comunitárias de jovens e adultos).

Os ritos de passagem dos jovens de hoje, e mais especificamente os amantes de desportos na natureza, neste caso, o *surf* e *bodyboard*, são contextualizados por actividades que incluam o factor risco, que os irá submergir num mundo imaginário, longe da realidade corporal. Através do “corpo imaginário” o jovem busca excitação, conseguindo alcançar um prazer sem limites, que se irá transpor de forma terapêutica para a vida real.

E. Lazer e juventude

Poucos têm sido os estudos que ligam o lazer à juventude.

No domínio dos tempos livres existem formas específicas de afirmação juvenil.

A vida quotidiana dos jovens deve ser entendida como uma articulação de campos simbólicos e pragmáticos. A cada campo pragmático corresponde uma galáxia de sentidos (campo simbólico). Nessa galáxia, os sentidos encontram-se intimamente ligados. As suas significações influem umas nas outras, de forma que o sentido mais global da vida quotidiana encontra-se, por assim dizer, difuso num conjunto (Costa, 2000).

Estudar o jovem na sociedade actual, com base no lazer, é um desafio que se coloca nos dias de hoje. Tal acontece porque o próprio tema “Lazer” está visivelmente sujeito a reservas, acentuadamente no âmbito académico, onde é considerado por muitos como irrelevante.

Magnani (1984) admite que a dificuldade de tratamento desta temática dá-se porque “o lazer está no oposto daquilo que se considera o lugar padrão na formação da consciência da classe, ou seja, em oposição ao campo de trabalho, considerado de vital importância, já que serve aos propósitos de uma sociedade capitalista”.

Pesquisar o lúdico, o informal, o “sem compromisso”, o Lazer, para alguns é sinónimo de irresponsabilidade e de superficialidade. No entanto, mesmo com todas as dificuldades que normalmente se observam ao abordar um tema como o lazer, para muitos autores, esse campo pode-se transformar num veículo privilegiado de acesso a informações, neste caso, sobre a cultura juvenil, que outros campos poderiam omitir. No sentido de apoiar esta ideia, Magnani (1984) registou tal facto em sua pesquisa, em que a possibilidade de entrada no grupo pesquisado e a fertilidade dos dados recolhidos, deu-se fundamentalmente através da esfera do lazer.

Bruhs (1993) destaca que nos últimos anos o fenómeno do lazer, apresenta-se como justificativo para muitas práticas e opções de vida. A sociedade está cada vez mais urbanizada, em consequência do avanço industrial; mudam-se as concepções, os conceitos e os comportamentos.

Nesta questão do Lazer nos jovens, Pais (2003) surge imparcial ao afirmar que quem não quiser falar de lazer deve calar-se, se sobre juventude quiser falar.

Torna-se relevante verificar, como a vivência na esfera do lazer pelos jovens pode mostrar-se intensamente reveladora, elucidando elementos que a análise em outros campos, como o do trabalho ou da família, poderiam não demonstrar. Como destaca Magnani (1984) o momento de lazer – instante de esquecimento das dificuldades do dia-a-dia – é também aquele momento e oportunidade de encontro, do estabelecimento de laços, do reforçar dos vínculos de lealdade e reciprocidade, da construção das diferenciações.

Na opinião de Uvinha (2001), torna-se válido evidenciar que toda uma problemática parece tomar corpo quando se tem por análise o tempo disponível pertinente ao adolescente e às questões que envolvem o lazer e suas características na sociedade moderna. Isso porque os adolescentes são indicados como privilegiados nas condições de acesso ao lazer, muitas vezes afirmando-se até como o único grupo capaz de desfrutá-lo integralmente. Ou seja, no senso comum, pode parecer que a busca pela “farra”, pela diversão, seria anseio comum, senão exclusivo, apenas ao alcance dos jovens.

Uvinha (2001) ressalta outra problemática que precisa de ser referida na questão do lazer. No que se refere ao jovem, o lazer apresenta-se ligado a uma visão “moralista” da sociedade. Esta vertente aborda o lazer num dualismo, em que além de lúdico, pode configurar-se como espaço para a realização de valores conturbadores da tranquilidade, ordem e segurança social. Quanto ao aspecto moralista, mostra-se interessante a reflexão de Bruhs (1992), onde a autora assinala que uma faceta moralista ataca a tendência actual dos jovens de não privilegiarem o trabalho e os estudos. Esta

questão irá ser melhor abordada a seguir, na simbologia do lazer nas culturas juvenis.

E.1. Simbologia do lazer nas culturas juvenis

A juventude está directamente relacionada com o lazer. É no domínio do lazer que as culturas juvenis adquirem maior visibilidade e expressão.

Na opinião de Pais (2003), o tradicional interesse da sociologia da juventude pelo lazer tem originado tendências teóricas controversas:

a) Por um lado, surge a tendência de olhar o domínio do lazer juvenil como um domínio de práticas culturais homogéneas porque essas práticas teriam a particularidade de ser específicas e até exclusivas de uma fase da vida associada à juventude. O aspecto controverso desta tendência reside no facto de a juventude ser apreendida como uma realidade homogénea. De facto, parece haver um “património comum” entre diferentes culturas juvenis, mas se assim é, que razões levarão à existência de diferentes “espécies” de culturas juvenis?

b) Por outro lado, surge uma outra tendência que toma as práticas culturais juvenis como normativamente marginais relativamente à cultura dominante que seria específica das gerações mais velhas. Esta tendência é controversa não tanto por nesta perspectiva, as culturas juvenis serem consideradas na periferia do sistema normativo em relação ao qual as gerações mais velhas se sentirão mais próximas, mas principalmente pelos vícios do etnocentrismo, que levam a encarar as culturas juvenis como culturas “disfuncionais”, “passivas”, “marginais”, enfim, anatómicas. O facto das culturas juvenis se encontrarem distanciadas de um universo de normas e valores do qual se supõe que as gerações adultas se sintam mais próximas, não significa que os jovens não consigam produzir as suas próprias normas.

O método para contrariar esta última tendência, considera que embora se possa admitir que as culturas juvenis incorporem elementos derivados de outras culturas, importa descobrir se os jovens conseguem produzir, quotidiana e activamente, as suas próprias normas e expressões culturais.

Em suma, serão as culturas juvenis manifestações mais ou menos passivas, anatómicas ou disfuncionais relativamente ao universo de normas e de valores do qual as gerações adultas se encontram mais próximas ou, em contrapartida, evidenciam as culturas juvenis um protagonismo activo, expresso em modos de vida especificamente juvenis, embora entre si distintos?

Segundo Pais (2003) tem-se definido Lazer como um estado de espírito ou de satisfação consigo mesmo, individualizado ou individualizável. O lazer vem sendo assumido, cada vez mais, como uma expressão de sociabilidade. Tal é bastante visível nos jovens. Nos seus lazeres há um

espírito de aventura, de ruptura com o habitual, não parecendo tratar-se de uma aventura vivida a sós.

Ainda na opinião deste autor, a aventura invoca o desconhecido. Mas não é o desconhecido fruto de um encontro com os outros?

Entre as jovens gerações o que encontramos é um gosto crescente e renascido pela aventura, pelo risco, pela descoberta: a descoberta de si próprio por referência aos outros: é nessa descoberta as dimensões sociabilísticas da vida são preferencialmente eleitas.

F. Aventura e Risco

F.1. Aventura

A etimologia da palavra “aventura” remete a acontecimento; rompe a rotina dos dias e provoca o espanto, a surpresa, o memorável. Deste sentido etimológico pode-se compreender que a imaginação humana, quando estimula o homem a aventurar-se, remete-o aos acontecimentos, à história, a imprimir sentido à acção que vai executar (Costa, 2000).

A aventura pressupõe a ruptura com o mundo familiar ou social, a partida para um mundo estranho, e o “mergulho” no desconhecido, indo de encontro a confrontos carregados de incertezas e riscos. Simboliza de certa forma a entrada na vida adulta, onde o jovem procura uma vivência na incerteza ou o avanço incerto para uma existência nova. O aleatório e o inesperado, passam a ser as condições de desafio e de excitação para o praticante.

Uma das particularidades destas práticas de outdoor, na opinião de Costa (2000), reside numa outra maneira de olhar para a técnica: esta é vista como um meio e não como um fim. Para os jovens praticantes de *surf* e *bodyboard*, as técnicas são meios ao serviço do seu prazer e da sua felicidade, e não fins que é necessário cumprir para obter um determinado rendimento padronizado, que garante a subida ao pódio. Os *surfistas* para além de dominarem toda a técnica requerida pela própria modalidade, sentem um prazer imenso em usufruírem do mar como também da vida e do esforço físico realizado em plena natureza. Para eles a técnica serviu para melhor poderem usufruir de todo um conjunto de situações que a modalidade lhes pode proporcionar e não, simplesmente, para o objectivo de quererem chegar mais alto para baterem o recorde. Um praticante se *surf* ou de *bodyboard* aproveita a força e a inclinação das ondas para atingir velocidades extraordinárias e sensações indescritíveis, independentemente de ter de entrar em confronto directo com outros praticantes.

Segundo Palmi e Martín (1997), as práticas de aventura são um tipo de actividade física com uma importante carga de incerteza (objectiva e subjectiva) e uma conotação com o desafio para o sujeito (busca do próprio

limite e superação de si mesmo). A prática destas actividades implica uma importante carga psicológica, na medida em que acarretam uma busca contínua de equilíbrio óptimo entre a competência pessoal (percebida) e o envolvimento em ocasiões altamente desafiantes que permitem ao sujeito avaliar a sua própria auto-eficácia. Desta forma, elementos de risco, perigo, desafio e competência são aspectos centrais dos desportos de aventura.

Pereira & Monteiro (1995) saem em defesa do valor educativo que este tipo de actividades tem. Segundo estes autores a acção concretiza-se num meio enriquecedor, dadas as suas condições de imprevisibilidade, proporcionando situações específicas de aprendizagem, que muito enriquecem a estrutura psicomotora de quem as pratica. Estas práticas reflectem ainda, quer a busca da qualidade e intensidade de sensações, quer o risco incrementado em situações onde a integridade corporal é por vezes posta em jogo, seja de uma maneira subjectiva ou simbólica, seja de uma forma indiscutivelmente real.

As razões para a difusão e implementação destas actividades giram em torno dos seguintes aspectos (Miranda, Lacasa & Muro, 1995; Palmi & Martín, 1997): (1) o prazer intrínseco e as profundas emoções e sensações que suscitam; (2) o seu carácter flexível e eclético, como o ritmo do nosso tempo; (3) o seu novo simbolismo; (4) sentimentos de competência (a possibilidade de realizar tarefas arriscadas com elementos de incerteza, ultrapassando com êxito uma tarefa difícil para outros); (5) superar os próprios limites; e (6) são actividades que se desenrolam num envolvimento muito particular, com conotações subjectivas (contacto com a natureza e sensação de liberdade).

A prática de actividades de outdoor, como o *surf* e o *bodyboard*, está associada à ideia de aventura, carregada de um forte valor simbólico. Uma aventura que mobiliza o imaginário daqueles que o praticam, os quais se envolvem com essas actividades animados pelos mitos e símbolos da culturas que os envolvem. De entre a multiplicidade de sentidos que pertencem à substância da vida espiritual, está o espírito aventureiro, presente neste tipo de actividades (Costa, 2000). Na opinião desta autora, o símbolo possui um valor existencial que visa a realidade ou a situação que determina a existência humana, revelando simultaneamente uma particularidade do real que não é evidente na experiência imediata, captada pelos sentidos físicos. A principal característica do símbolo é a multivalencia, articulando a heterogeneidade de realidades num conjunto e integrando-se num sistema que gira em redor de um centro: a integridade do homem.

Sob o ponto de vista da antropologia filosófica, a aventura, apresenta-se como inerente à natureza humana, sendo identificável em todas as culturas e épocas; já do ponto de vista da condição humana, é algo especificamente

cultural / histórico, havendo épocas tipicamente com espírito aventureiro e outras em que esse espírito mergulha, reaparecendo renovado.

O homem do final do século XX, às portas do século XXI, avança com o espírito de aventura tão presente nas grandes conquistas da humanidade, em especial no século XVI, quando o homem desbravou os mares e foi ao encontro de outras civilizações. O espírito aventureiro, hoje tão ou mais presente nas práticas de aventura e risco calculado, permite ao homem jogar com as oportunidades de conquistar, com o destino e com as adversidades, imprimindo outros sentidos que se distanciam dos antepassados do século XVI. Se aqueles eram movidos em suas conquistas por interesses económicos expansionistas ou por sonhos de conquistas, estes, hoje, conquistam, de modo simbólico, a si mesmos, desafiando seus próprios limites.

Costa (2000) ressalta a importância que os deslocamentos ocorridos no sentido de aventura nada mais são do que aquilo que Eliade (1992) designou por actualização do símbolo, condição que está relacionada com as vivências das tensões e com as mudanças da vida social e até mesmo dos ritmos cósmicos.

Fazendo parte do mundo humano, os símbolos revelam os aspectos mais profundos da realidade e preenchem a intimidade do ser. Imagens, mitos e símbolos são criações humanas que mediante os ritos no espaço e no tempo, se actualizam. É nesse processo de actualização de um mundo imaginário que a imaginação criadora ou imaginação simbólica habita, sendo lá que o ser humano se aperfeiçoa. O homem envolve-se de um conjunto de simbolismos, e na aventura cada objecto assume um valor simbólico. É no simbolismo que o homem atribui a cada objecto que ele reúne a fragmentação que a realidade provocou: mundo objectivo / mundo subjectivo (Costa, 2000).

O aparecimento e a difusão de actividades cuja prática envolve um risco calculado, produziu uma **renovação simbólica**, de símbolos e de representações. Vistas como práticas criadas na ruptura com as práticas desportivas convencionais, os desportos de aventura e risco calculado, remexem os elementos existentes nas actividades anteriores, atribuindo-lhes novas configurações.

Na opinião de Feixa (1995), as actividades de outdoor apresentam-se na sociedade com a intenção de recuperar o contacto com a natureza, tendo origem na necessidade que o jovem tem de escapar das pressões urbanas das grandes cidades. Ele busca a sua reestruturação junto à natureza. As emoções nessas práticas explodem no risco de forma fictícia, porque muitas vezes são riscos provocados, calculados e de certa forma imaginários.

A aproximação com a natureza revela o surgimento de um neoromantismo em que se busca a reconciliação entre as forças materiais e as forças mentais. Paralelamente ressurge a ideia de uma força criativa e universal, geradora de uma única força unificadora homem / natureza, que

exalta sentidos de beleza e harmonia, e estabelece um movimento místico em relação à natureza (Costa, 2000).

Nestas actividades de outdoor, porém, torna-se fundamental a garantia da própria sobrevivência e simultaneamente, o desfrutar do prazer que advém da sua prática.

Lidar com a vertigem, com a altura, com o tamanho da onda e com a variação das condições ambientais que a natureza fornece, exige por parte do praticante, a produção de um pensamento complexo. A complexidade na apreensão do espaço e dos sinais da natureza, tanto do ponto de vista sensorial quanto afectivo, técnico e espiritual, faz com que o aleatório e a intuição sejam por ele considerado. Cada decisão do praticante é uma aprendizagem vital, caso contrário, ele poderá enfrentar riscos desnecessários. A percepção da melhor onda, precisa de ser captada no sentido de não causar danos aos praticantes e conduzi-lo ao objectivo intencionado, o êxtase.

Na aventura, a autonomia é buscada pelos praticantes, a transgressão é edificada, mas as limitações impostas pela incerteza do meio, fora de controlo do homem, fazem o homem sentir a sua “pequenez” diante do infinito. A ameaça é permanente, por isso é necessário tomar decisões firmes e certas, porque qualquer erro pode ser fatal (Costa, 2000). Neste contexto será aqui pertinente referir um testemunho de um praticante de *bodyboard*, que realça o paradigma entre a “pequenez” diante o confronto com a natureza, e a estimulação individual que obtemos desse confronto:

“O mar tem vida própria, e em certos momentos tem um temperamento, um poder de escolha que escapa ao domínio dos humanos. E por mais simples que sejam as técnicas ou o conhecimento que é necessário para lhe fazer frente, nunca podemos largar o imprevisível, a raiva que ele nos atira sempre que lhe apetece. São nestas alturas que sinto que lido com um monstro, com um animal de força indomável e de uma natureza invencível, que nos solta ou liberta, a seu belo prazer.

Perdido no mar encontro o melhor espelho do que sou por dentro, do que duvidava poder sair de mim, da clareza de espírito que muitas vezes julgava ter ficado num mau momento, num mau dia.”

Na opinião de Le Breton (1991), na aventura coloca-se tudo sobre as oportunidades de conquistar, sobre o destino e sobre as turbulências do caminho que devem sustentá-lo em todas as circunstâncias. Ela é a paixão do risco. Não existe em si mesma, está no espírito daqueles que a perseguem, esvaindo-se para renascer nos limites da imaginação de cada um. Nesta esfera, travam-se comportamentos dotados de sentidos próprios num campo predominantemente imaginário.

Segundo Elias (1992), o indivíduo ao assumir uma conduta de confronto numa batalha imaginária, na dificuldade de vencer, desencadeia um combate controlado contra a dificuldade. A informação que vem do meio

ambiente assume um papel decisivo na sua orientação. A conquista dos resultados depende da correcta apreensão dessas informações.

Na opinião de Costa (2000), a escolha de práticas de risco na natureza pelos jovens, assume-se como escolha deliberada do sujeito que as pratica, e gera sentimentos fortes de coragem. Manifesta-se com uma grande força interior que testa, a cada momento, os próprios limites. Tratam-se de práticas individuais, ainda que realizadas em pequenos grupos, e imprimem sentidos aos seus limites. Ainda segundo esta autora, o risco calculado explode no fascínio pela vertigem, que favorece um determinado tipo de embriaguez e um domínio dos seus efeitos. A perseguição da vertigem, através de um pânico voluptuoso, representa um confronto simbólico com a morte que dá força e valor pessoal ao gosto de viver.

Segundo Le Breton (1991), o fascínio pela vertigem em actividades de alto risco, transforma-se num jogo com a existência. Na opinião de Costa (2000), seria um jogo de extensão da existência, reforçando o sentimento de identidade daquele que ousa desafiá-la. É como se por um instante, o actor pudesse deter e dominar a sua existência. Le Breton (1991) diz que, por termos a possibilidade de perdê-la, ela torna-se digna de valor.

Na sua prática, os *surfistas* descobrem sensações e emoções que os conduzem a momentos de prazer intenso, proporcionando o sentimento de total harmonia com o universo. O sabor da prática reside no jogo com a incerteza no controlo do risco que ele corre. Essas sensações no corpo durante a acção erotizam a angústia, triunfando sobre a morte, dissipando o medo e provocando o prazer (Breton, 1991).

O gosto pelo risco manifestado neste tipo de práticas torna-se muito importante na valorização e na formação de identidades. O jovem reafirma a sua onnipotência determinando o seu poder sobre a vida.

Na opinião de Simmel (1988), a vida por si só pode ser vivida como aventura. Aqueles que têm essa atitude com a vida não de perceber, mais além de sua totalidade, uma unidade superior, uma vida mais além. A aventura estabelece-se como complemento da própria vida, vinda do exterior e ancorando a necessidade que é interior. E aí, como afirma Simmel (1988), a vida para o aventureiro só pode ser vivida como aventura, carregada de emoção, plena de eternidade. Por isso, apesar das diversidades, das dores, ele sabe que se renderá ao chamado de mais uma aventura. Este autor aponta ainda para o conteúdo erótico que envolve a aventura. A vivência amorosa que foge da rotina limitada situa-se no âmbito da aventura. Dois elementos são comuns à aventura e à relação amorosa: a conquista / aceitação e a dependência da sorte, que permite acatar que uma força imprevisível e exterior a nós nos conceda a graça de sua protecção. Paralelamente, Bouet (1968) também defende que certas experiências sensoriais proporcionadas pela natureza, podem em algumas circunstâncias, apresentarem-se como um substituto de sensações sensuais ou eróticas, ou podem combinar-se entre elas.

A aventura remete o homem ao gozo extremo, ao êxtase. As analogias e configurações comuns ao amor e à aventura levam-nos a compreender que a aventura, por sua natureza específica e suas formas de sedução, é uma forma de experimentar e, como tal, enquadra-se com um estilo de vida jovem, com as ameaças e experimentações que lhe são inerentes.

A aventura é um dom do sonho, partindo escondida em cada homem fazendo-o vibrar à escuta ou à leitura de um relato em que os homens se chocam duramente no mundo antes de se livrar de algum embaraço ou de morrer. É pródiga em emoções, prediz uma existência sem tempos mortos e uma vida plena de momentos excepcionais, explora simultaneamente as possibilidades da condição humana e recusando uma identidade limitada, sendo a aspiração secreta, nossa nostalgia sempre renovada (Le Breton, 1991). Ainda segundo este autor, o desejo da aventura marca o inacabado da condição humana, a aspiração para desejar o que não existe ainda, para responder aos pensamentos de fuga em que se deseja ser outro diferente de si.

A aventura tem um carácter mágico no imaginário humano. Todos carregam dentro de si o desejo de desbravar, de desprender-se e voar com liberdade, mas as máscaras sociais da cultura e do modo de educação que os envolve, reprime em parte esse desejo, ficando-lhes os pés na terra. Essas práticas de aventura que hoje se desenvolvem na sociedade, satisfazem de certa forma esses desejos. Ousada, a aventura apresenta-se sempre carregada de risco e de incerteza (Costa, 2000).

F.2. Risco

Segundo Le Breton (1991), o risco permanece num horizonte inseparável da condição humana. Ele constrói-se nas condições sociais e culturais de cada comunidade, incorporando fragilidades e variando em função do tempo e do lugar. A determinação objectiva do risco e dos perigos mistura-se com a subjectividade das representações e dos imaginários sociais. Para este autor, a análise calculada dos riscos mostra que os indivíduos absorvem os seus raciocínios e seus imaginários numa racionalidade social e cultural fundada sobre as suas formas de viver e valores pessoais.

Qualquer decisão relativa a riscos envolve dois elementos distintos inseparáveis: os factos objectivos e a visão subjectiva do desejo do que será ganho ou perdido com a decisão. Tal quer dizer que a objectividade, crenças e incertezas são elementos a serem considerados no risco (Bernstein, 1997).

O risco, para Le Breton (1991), aparece nas sociedades como um dado antropológico que atravessa todos os registos da condição humana, da responsabilidade para com os outros à preservação física e moral de si mesmo. Na ânsia de viver, o indivíduo expressa a sua necessidade de dar valor à sua presença no mundo, orientando-se para práticas em que o perigo é uma constante, mas no qual super estima as suas capacidades e busca superá-las.

Seguindo as ideias de Le Breton (1991), o risco deliberadamente escolhido é mais aceitável que o imposto pelas circunstâncias. Durante o momento de escolha, o risco merece ser vivido; nos outros momentos da vida, fora do momento escolhido para se arriscar, o indivíduo fica atento à sua segurança.

O facto de perseguir deliberadamente o risco modifica-lhe o sentido da vida, marcando a sua individualidade (Bourdieu, 1989). O gosto de “jogar” com o perigo torna-se quase um vício, parecendo tratar-se de um deslize do profano da vida pacata, segura, confortável, protegida pelos regulamentos sociais, ao sagrado de uma vida na qual a luta e o sacrifício desembocam num êxtase fenomenal, selvagem, bruto e provocador.

O risco tornou-se a referência essencial da sociedade, afirma Le Breton (1991), em vários domínios, nomeadamente no lazer. O risco calculado impõe-se, então, como uma noção essencial para pensar e repensar a juventude, ou para encarar e interpretar algumas condutas evidenciadas por estes. Em sua busca interior, o sujeito, no pleno gozo das actividades de risco, enfrenta a morte, ainda que simbólica. Ele, esbarra na ordália, entregando-se ao julgamento de Deus. Não se trata de uma maneira de tentar suicidar-se, mas sim uma oportunidade que o indivíduo se dá para renascer. O limite último, que é a morte, ocupa o lugar no simbólico. Esse contacto que expõe o indivíduo a defrontar-se com a sua finitude, colocando em jogo a própria existência, real ou metaforicamente, dá-lhe a resposta se vale a pena viver. Ultrapassando a morte, o indivíduo ganha mais força no seu modo de viver, reconstruindo um gosto especial pela vida, um sentimento de identidade e de poder renovados. Este jogo de enfrentar e de fugir à morte, torna-se um jogo erótico, em que o sujeito desfruta de uma agradável sensação de prazer.

A vertigem, inerente às práticas de risco, traduz-se numa emoção corporal excitante que consiste na tentativa de desvanecer a realidade, por um instante, impelindo à consciência uma espécie de pânico voluptuoso. Essa emoção é provocada pela altura, pelo deslize, pela alta velocidade. Trata-se de uma espécie de embriaguez gratuita, de atordoamento físico e específico acompanhado de um prazer igual ou maior do que o choque. Pode-se dizer que o sujeito gosta de brincar com o seu próprio estado desagradável.

A saúde mental de alguns indivíduos está mesmo dependente da prática de actividades que envolvam o risco, satisfazendo por isso e através disso, um processo de auto-estima, auto-realização e de compensação em relação a um mundo e uma sociedade onde cada vez é mais difícil realizar qualquer projecto em plena liberdade.

Mas atenção, quando falamos de direito ao risco não estamos a falar de direito à loucura. O risco não é loucura. O direito ao risco rejeita antecipadamente a loucura, obrigando ao dever de segurança que cada um

deve ter sempre presente sobretudo em modalidades que envolvem altos padrões de risco.

G. Imaginário Social: o Sagrado e o Profano

O imaginário social continua associando a juventude à transgressão, à curiosidade e às buscas fora dos referenciais de normalidade, acentuando a tentativa angustiada dos jovens de serem incluídos, ouvidos e reconhecidos como membros da sociedade em que vivem.

Com a crescente diminuição dos laços sociais, características das sociedades ocidentais, o individualismo tem crescido bastante. Perante a crise de uma comunidade que se desfaz e de uma eficácia simbólica entre o social e o cultural, o jovem sente-se cada vez mais só. Ele tende então, a auto referenciar-se, a procurar em si mesmo o que antes conseguia encontrar nos sistemas social, cultural e nas ideologias.

Neste contexto, e na opinião de Costa (2000), o sagrado tenta ocupar o lugar do vazio existente entre ele e a comunidade, e ele se desafia, submetendo-se a provas de perigo. O jovem adopta comportamentos ordálicos, como meio de provar a sua existência. Tais comportamentos buscam em si mesmos o significado das acções a que ele se subordina, sem saber qual o risco de morte que tais acções comportam. Segundo Le Breton (1991), tratam-se de apelos estruturais por uma troca simbólica com a morte, para que seja garantida a vida.

A ordália, mesmo aparecendo claramente nos nossos olhos, parece ser uma conduta individual independente de quem a pratica. A transgressão dos próprios limites, na ousadia de desafiar-se, também é um jogo que atrai, visto que toda a transgressão bem sucedida potencializa a sensação de poder sobre o limite de superação, quer seja físico ou simbólico.

No entanto, Costa (2000) questiona até onde esse desafio de limites não se traduz em aspectos lúdicos de jogar com a existência afirmando a sua onnipotência.

Essa tendência ordálica é encontrada em determinadas profissões (pilotos, bombeiros, etc), entre adolescentes (aqueles que são alcoólatras, drogados, bulímicos, suicidas), sendo também valorizada entre os praticantes de actividades de risco e aventura.

Existe uma construção social do aventureiro, do indivíduo do extremo. Zuckerman (1994) vê esses indivíduos com personalidades e com predisposições biológicas para receber estímulos máximos que têm a necessidade de sensações e de experiências novas, complexas e variadas, e o desejo de correr riscos físicos e sociais por prazer. São vistos pela sociedade como excêntricos, como loucos, de encontro à construção da identidade do caçador de emoções.

A prática de *surf* e *bodyboard*, está associada à ideia de aventura, com um forte valor simbólico, não se apresentando somente como uma prática

física, mas também como um exercício de vontade do jovem que a vivência, da sua imaginação, da razão e do sacrifício para chegar ao objectivo primordial: o êxtase. Quanto maior for a onda que o jovem consegue apanhar, maior a sua vitória, aproximando-se cada vez mais da sua religiosidade, vivendo uma aventura pessoal de liberdade e transcendência. Ele aproxima-se do divino que existe em si mesmo.

O facto dessa vivência dar-se na natureza, especialmente na praia, desencadeia um *continuum* que varia de uma simpatia pela natureza, mágico-religiosa, a uma emoção estética, lúdica e instintiva (Schiller, 1997). Desfrutar a beleza das paisagens surge para este autor, como um relaxamento para o indivíduo tenso e contraído. A beleza da natureza, proveniente da paisagem encontrada, é revestida de intensa energia, tornando-se sublime, despertando no indivíduo uma sensação de liberdade para aproveitar toda essa energia que se coloca ao seu dispor, possibilitando-lhe uma paz que favorece a harmonia e o equilíbrio, estruturando-lhe o ser.

O jovem praticante destas actividades de risco racionalmente sabe que é mortal; ama a vida, preservando-se, parecendo no entanto encaminhar a sua aventura em torno de desafios contra o mais forte: a natureza. Excitado pela incerteza de alcançar o objectivo a que se propõe, mas animado pela certeza que é possível consegui-lo, joga contra a natureza, desafia-a, desafia-se, travando com ela um combate real e metafórico. Seduzido pela beleza das paisagens, pela energia envolvente, sente-se aconchegado e passa gradualmente a harmonizar-se com ela. Utiliza-se da astúcia e inteligência, desenvolvendo mecanismos de adaptação e de superação dos obstáculos que o rodeiam (Costa, 2000).

G.1. Imaginário social / Representações sociais

A Subjectividade do homem é alimentada pela produção de imagens que circulam sob diferentes versões nas interacções sociais. A imagem é uma das fundadoras da *psyché* humana. Ela é um meio através do qual estruturamos o nosso mundo (Thomas, 1998).

Spink (1995), ao problematizar o contexto que envolve a subjectividade, também apresenta uma definição a partir de uma perspectiva temporal. Ela aponta três instâncias: a do tempo curto, em que a funcionalidade das representações actua na prática; a do tempo vivido, na qual o processo de socialização se serve do conceito de *habitus*, já referido anteriormente; e a do tempo longo, na qual predominam as memórias colectivas, em que segundo a autora, encontram-se depositados os conteúdos cumulativos da sociedade. A esse tempo ela chama **imaginário social**.

O imaginário social deriva das produções fantasmáticas e dos sonhos do sujeito, enquanto que as representações sociais têm origem na realidade. O imaginário possibilita ao sujeito criar fantasias em torno das representações;

ele constitui-se de representações periféricas e de estruturas profundas, caminhando simultaneamente no mundo das crenças.

Na visão de Castoriadis (1982) o imaginário constrói-se através de discursos, passíveis de múltiplas interpretações, sendo construído por uma rede de sentimentos que liga as diferentes representações, crenças e mitos. Segundo Lefebvre (1991), o imaginário recorre às estruturas profundas do inconsciente, envolvendo a imaginação individual e os simbolismos colectivos, tendo como veículo as diferentes formas de linguagem.

Le Goff (1985) aponta a representação como a tradução mental de uma realidade exterior percebida, ligando-se ao processo de abstracção. O imaginário, fazendo parte desse campo, expressa-se por imagens e por discursos que pretendem configurar uma realidade. Desse modo, as representações sempre podem apresentar outro sentido além daquele manifestado, considerando crenças, fantasmas, etc. O imaginário social revela um sentido além do qual a representação aparenta.

Na opinião de Thomas (1998), o imaginário apresenta-se como um mundo de imagens que se auto organiza sob a forma de sistema. Ele constitui-se como um espaço único de liberdade que define a aventura humana; é por ele que o homem se mostra e interage com o mundo.

Na visão de Durand (1998), o imaginário define-se como uma representação incontornável, a faculdade de simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente desde os cerca de um milhão e meio de anos que o *Homo erectus* ficou em pé na face da Terra.

A noção de sagrado confere uma unidade na sua manifestação. O profano é o mundo da comodidade e da segurança, da submissão e da regra. Fora dele existe uma atracção para o homem a quem não agrada mais o bem estar e a segurança. Ele descobre que a regra que ele respeita não é sagrada, e sim aquilo que ela põe fora do alcance e que só será (...) “*conhecido e possuído por quem o tiver ultrapassado e destruído. Uma vez transposto o limite, não há regresso possível. É necessário caminhar sem descanso na via da santidade ou da condenação, as quais são bruscamente ligadas por imprevisíveis atalhos*” (Callois, 1988).

Segundo este autor, esse é o preço que se paga pela quebra das interdições. Ao sacralizar a natureza, por exemplo, o jovem apresenta-a como o *dever ser* – sua liberdade, sua selvajaria, sua indomabilidade – criando, por oposição, os interditos que lhe provocam o desejo de ultrapassar as condições de segurança e conforto, que o ambiente lhe oferece. Ao destruir as interdições, o jovem amplia seus horizontes e passa a jogar com a incerteza e com a imprevisibilidade. O jovem é movido pelo desejo de sobrepor obstáculos, pelo verdadeiro uso da sua liberdade e pela vontade de transpor limites. Tanto o sujeito que segue esse desejo como o que se acomodou, sem

ser seduzido pelo desafio de ultrapassar o que já foi alcançado, são movidos pelas proibições interiorizadas e pelos fantasmas que habitam no seu interior. O homem, pelas produções imaginárias construídas por ele mesmo, condena-se em suas próprias cadeias ou amplia seus espaços de liberdade. O surto na loucura é a quebra de todas as interdições, uma viagem total (Callois, 1988).

H. Surf e Bodyboard

H.1. Características gerais

O *surf* e o *bodyboard* encontram-se entre as “novas” actividades desportivas implementadas e fomentadas conquistando um lugar mais sólido na nossa sociedade. A exploração da natureza, a procura do desconhecido, a incerteza de cada momento, os valores ecológicos de preservação, está em voga. É o sair do outro urbano, o quebrar de rotinas diárias, o retomar às origens. É a procura de locais naturais e bucólicos, dos seus sons, dos seus mistérios e de todo o seu esplendor. É neste ambiente que se praticam actividades físicas como o *surf* e o *bodyboard*.

Água, setenta por cento nos nossos corpos estão compostos por esta substância. É o mais inóspito dos elementos terrestres para a sobrevivência humana. Porém sem ela, a vida humana extinguir-se-ia. Se é verdade que toda a vida começou na água, como sugerem as novas teorias da evolução, talvez este facto explique a nossa atracção por ela, e o facto de despertar em nós um sentido de sinergia. A água dá-nos as boas vindas através de um certo sentido etéreo de pertença. O *surf* e o *bodyboard* podem ser o encontro do homem com a sua origem líquida e ao mesmo tempo material (Farias, 2000).

Cada onda em cada sítio de *surf* ou *bodyboard* é tão diferente quanto dois flocos de neve. Considere-se que cada onda viajou centenas ou milhares de quilómetros até chegar à costa, e defrontou forças incontáveis que determinarão, em última análise, como e quando ela rebentará. Cada *swell* (ondulação) contém uma série de ondas que variam em tamanho, ângulo e velocidade. Neste sentido, o *surf* e o *bodyboard* é muito semelhante à própria vida, com desfechos diferentes ao virar de cada esquina; quer se trate de personalidades ou de circunstâncias com que lidamos, cada uma é única e requer uma reacção única. A resposta deve ser harmoniosa, e uma reacção errada pode ser devastadora.

Quando procuramos no dicionário uma definição de *surf*, diversos aspectos podem ser apresentados mas, aquele que, em geral, surge sempre, é o deslize. Para o realizar, não é absolutamente necessário qualquer elemento artificial. No entanto, procurando expandir e superar as limitações que o corpo lhe impõe, o homem foi criando e aperfeiçoando diversos aparelhos (palmas, pranchas, barbatanas) que lhe permitissem usar mais eficientemente a energia que as ondas punham ao seu dispor (Almeida, 1999).

O *surf* e o *bodyboard* é algo envolto em sol, areia, mar e jovens em movimento com as suas pranchas em sincronização com as ondas. Caras sorridentes e arrepiantes manobras no mar (Farias, 2000).

H.2. História do *Surf* e do *Bodyboard*

H.2.1. *Surf*

A arte de *surf*ar tem dois capítulos distintos na sua evolução. A primeira parte é tão antiga quanto a própria humanidade nas ilhas da Polinésia. Muito antes do nascimento de Cristo, os nativos do Taiti desciam as ondas com o objectivo de alcançarem as lagoas ao voltarem do alto mar. No norte da Polinésia, nas ilhas Hawai, o *surf* atingiu um grande nível de desenvolvimento muito antes da visita do capitão Cook à Baía de Mativa. Os seus diários descrevem como os homens e mulheres passeavam nas ondas, por prazer ou por competição, e tanto em pranchas longas como curtas. Infelizmente, os missionários que seguiram Cook empenharam-se em converter as massas pagãs, e jesuítas que eram, não viam com bons olhos uma actividade não produtiva como o *surf*. Em consequência disso, a arte de deslizar nas ondas desapareceu por volta dos meados do séc. XIX.

A propósito da história do surf Brown & Kampion (1998), citam o seguinte:

“ Há várias provas de pranchas de surf ao longo do pacífico sul antes do contacto com os Europeus, mas isso não foi tão significativo para a cultura no Hawai. Talvez se explique pela pura quantidade e qualidade das ondas nas ilhas do Hawai, que se situam no centro da maior extensão de água do planeta, ficando expostas a vagas de todas as direcções. A nível logístico e arquitectónico, as ilhas foram criadas para o surf.”

Por volta do virar do século, o segundo capítulo da história do *surf*, teve o seu início no Hawai, na praia de Waikiki. Duke Kahanamoku e seus irmãos estavam na primeira vaga de entusiasmo. Usando sólidas pranchas de madeira com três metros de comprimento, Duke tornou-se numa figura internacional do *surf* e sendo recordista olímpico de natação em Estocolmo no ano de 1912, aproveitou a sua fama e apresentou o *surf* ao resto do mundo. Este homem de compleição invejável, incansavelmente demonstrou através das suas performances, nos E.U.A. e na Austrália, o desporto dos seus antepassados. Duke é hoje referenciado como o Pai do *surf* moderno.

H.2.2. *Bodyboard*

Pode-se considerar que o *bodyboard* nasceu, em 1971, pela mão de Tom Morey já que após ter partido a sua prancha de *surf*, aproveitou uma das metades para *surf*ar até à praia. Dada a facilidade de prática, Tom Morey viu

nesta, a oportunidade de criar uma nova modalidade do *surf* com um grande potencial de adesão. A partir de aqui, experimentou diversos materiais e formas de prancha até chegar muito próximo das modernas pranchas de *bodyboard*. Hoje em dia, resultado do elevado grau de virtuosismo dos seus melhores praticantes, esta modalidade deixou de ser vista como uma modalidade menor, comparada com o *surf* feito de pé, possuindo já um circuito profissional (Almeida, 1999).

H.2.3. O Crescimento do Surf e do Bodyboard em Portugal

A evolução destas actividades físicas no nosso país se por um lado está associado a um aumento do número de praticantes, por outro também promove um investimento na formação de treinadores, bem como na estrutura competitiva.

Tal é testemunhado pelos dados fornecidos pela Federação Portuguesa de *Surf* (tabela 1).

Tabela 1 – Dados da Federação Portuguesa de *Surf*

	Anos					
	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Nº de praticantes	1186	1505	1363	1414	1586	1825
Nº de treinadores	208	153	127	357	448	477
Nº de clubes	65	75	75	98	130	135

Note-se que desde o ano de 2004 existe um nítido aumento no número de treinadores. O investimento na formação revela-se de extrema importância neste tipo de actividades, devido à especificidade que estas apresentam, tanto em termos técnicos como nas características do envolvimento. Por consequência, esse aumento de técnicos qualificados contribuiu para um aumento do número de clubes, solidificando a estrutura competitiva e o mediatismo próprio destas actividades.

H.3. Regras fundamentais em competição

Uma competição de *surf* / *bodyboard* começa pela fase de eliminatórias para, gradualmente, depois de se passar pelos oitavos-de-final, quartos-de-final e meias finais, atingir-se a final.

Entram na água quatro atletas de cada vez com uma camisola de Lycra vestida de cores distintas para efeitos de reconhecimento. Para avaliar a prestação dos atletas existem no máximo sete juízes.

No decorrer da prova, cada *heat* tem aproximadamente a duração de quinze a vinte e cinco minutos, e de vinte a quarenta e cinco minutos nas finais, onde cada surfista deve apanhar as melhores ondas e efectuar o maior número de manobras. Cada onda efectuada possui uma pontuação distinta.

Obtém melhor pontuação o atleta que efectuar o maior número de manobras, o mais rápido possível, na zona mais crítica da onda, com o maior grau de dificuldade. As manobras mais pontuadas são as realizadas na “perfeição”. Esta “perfeição” implica força, motivação e controlo, na secção mais crítica da onda, nas melhores a maiores ondas do *heat* e na distância funcional mais longa. A pontuação máxima atribuída a cada onda é dez valores.




Os juízes pontuam as ondas de um a dez. O atleta só pode apanhar no máximo entre dez e quinze ondas, conforme as condições de prova e a decisão unânime dos juízes. Contudo a classificação é baseada na cotação das duas melhores ondas efectuadas pelo surfista.



O surfista considerado como possuidor da posição interior da onda, tem prioridade incondicional na completa duração da onda. Será feita uma chamada de interferência, se durante a exibição, a maioria dos juízes acharem que um outro competidor tenha prejudicado o potencial de pontuação a quem estava atribuída a prioridade da onda.

H.4. Material básico para a prática de surf e bodyboard

Para além da prancha (iremos falar no ponto seguinte), apresentamos aqui a lista dos acessórios básicos comuns ao *surf* e ao *bodyboard*.

Tabela 2 – Acessórios básicos do *surf* / *bodyboard*

<p>Parafina/Wax</p> 	<p>Devido à superfície da prancha ser muito escorregadia, em face da própria textura da fibra de vidro, utiliza-se normalmente uma cera (<i>wax</i>) que serve para que o surfista tenha uma maior aderência à prancha. Este é um acessório que assume uma grande importância na prática.</p>
<p>Fato de neoprene</p> 	<p>O fato é uma barreira térmica entre o corpo, o vento e a água. Depois de húmido o fato absorve uma certa quantidade de água que se vai manter à temperatura do corpo. Este calor corporal é guardado por centenas de pequenas partículas, na camada de neoprene, o material de que os fatos são constituídos. Existem três tipos distintos: o <i>short</i>, de manga curta e meia perna, o 3'2 para temperaturas mais altas e o 4'3 para temperaturas mais baixas.</p>
<p>Camisa de Lycra</p> 	<p>Tem a principal função de quando usada por baixo do fato, impedir que este arranhe o indivíduo, principalmente nas zonas de maior mobilidade, as axilas e pescoço. Por vezes é utilizada como protecção do corpo em mar com temperaturas altas onde não é necessária a utilização de um fato.</p>

<p>Botas/luvas</p> 	<p>De material neoprene, utilizada para manter a temperatura nas respectivas parte do corpo. As botas utilizam-se para a protecção dos pés nomeadamente em praias de fundo coral/rocha.</p>
<p>Capacete</p> 	<p>Protege a cabeça, sendo principalmente utilizado em praias com fundo de coral/rocha.</p>

H.5. O surf e bodyboard e os fenómenos da natureza


Em todas as actividades desportivas o capítulo da segurança assume-se como algo que não deve ser negligenciado. No *surf* e no *bodyboard* a segurança está intrinsecamente ligada à modalidade, pois o surfista deve estar ciente de que estas práticas apresentam alto risco. Mesmo em dias de ondas pequenas, uma alteração no tamanho da ondulação pode tornar-se complicado, mesmo para os atletas mais experientes. Além de uma excelente condição física e de um domínio das técnicas de natação, um bom surfista deverá conhecer os seus limites físicos e psicológicos. Antes de entrar na água o surfista deverá ter um conhecimento geral da composição do fundo (se é de rocha ou areia), da localização das principais correntes e da maré, tipo de onda e vento predominante.



H.5.1. Fundo do mar

Um dos aspectos mais importantes para a prática do *surf* e *bodyboard* é a **composição dos fundos do mar**. Estes têm forte influência na qualidade da formação das ondas, e o conhecimento dos mesmos por parte dos surfistas, são garantia de um melhor desempenho nas manobras, podendo evitar muitos acidentes.

Existem os fundos de areia, de rocha e os recifes de coral, sendo que cada um é encontrado em regiões específicas, dos países e do mundo. As zonas de rebentação poderão ocorrer em locais distintos:

Tabela 3 – Tipos de fundos do mar

<p>Beach Breaks/ rebentação na praia</p> 	<p>Este tipo de rebentação é causada por um banco de areia formado através de movimentações de areia no fundo do mar, consequência de alterações deste, causadas por correntes, tempestades, ou mesmo falta destas. A onda tende a rebentar gradualmente, visto encontrar diferenças de profundidade, o que lhe confere uma certa harmonia no rebentamento e, consequentemente, boas condições para o <i>surf</i> / <i>bodyboard</i>.</p>
<p>Rebentação tipo reef</p>	<p>Um reef é o que normalmente chamamos a uma</p>

	<p>súbita saliência de rocha ou coral com continuidade que provoca uma rebentação rápida e muito forte devido à interrupção da profundidade da água. O fundo não sofre alterações, a onda pode sofrer perante a direcção do swell.</p>
<p>Point Breaks</p> 	<p>Surge quando um swell atinge uma linha de costa, sendo que a acompanha por uma distância considerável. O formato e o fundo da linha de costa permitem que a ondulação, se bem direccionada, rebente ao longo da sua extensão, formando ondas compridas e fortes, onde o atleta poderá surfar.</p>

H.5.2. Maré

Outro aspecto importante é a **maré**. É identificada como o fenómeno da alteração da altura dos mares e oceanos, causado pela interferência da lua e do sol sobre o campo gravítico da terra. Quando a maré está em seu ápice chama-se maré-alta, maré-cheia ou “preia-mar”; as ondas encontram-se a rebentar mais junto terra, e cheia ou a encher normalmente a corrente de mar ao correr para fora encontra-se mais fraca. Quando está no seu menor nível chama-se maré baixa ou “baixa-mar”. Quando está a vaziar, a corrente do mar ao correr para fora, encontra-se mais forte e as ondas rebentam mais fora, a uma distância significativa de terra. Em média, as marés oscilam durante um período de doze horas e vinte e quatro minutos. Doze horas devido à rotação da terra e 24 minutos devido à órbita lunar.




H.5.3. Ondas

As **ondas** do mar são ondas de superfície que ocorrem nos oceanos. De uma forma geral, as ondas são criadas por tempestades no alto mar, sendo que quanto maior a depressão e mais longe ela estiver da linha da costa, maior será o *swell* (mar/ondulação) e, conseqüentemente, as ondas que rebentam na costa. O intervalo entre as ondas numa costa (período), pode ser de alguns segundos, ou variar de quinze a vinte segundos. Se observarmos com atenção, veremos que em cada dia ou em cada parte de um dia, existe uma certa regularidade no intervalo entre as ondas. Só que essa regularidade é complexa; como por exemplo uma série de ondas pequenas com um período curto alternando com ondas maiores com períodos mais longos. O que acontece é que, quanto maiores se tornam as vagas, maior se torna a área de contacto com o vento, o que faz aumentar ainda mais o tamanho real da onda, tendo especial importância a força do vento e a duração da acção deste. Além da área de água que é atingida por essa acção, o vento transfere parte

da sua energia para a água através da fricção entre o vento e a água. Isso faz com que as partículas à superfície tenham um movimento elíptico. Tal fenómeno é responsável pelo facto de no Pacífico existirem ondas que alcançam alturas entre os dez e os doze metros ou mais, e no Mediterrâneo não se verificarem praticamente vagas.

É a rebentação das ondas que torna possível o acto de surfar, podemos caracterizar três tipos diferentes de rebentar de onda:


Tabela 4 – Tipos de ondas


<p>Spilling waves</p> 	<p>Características de praias com fundos de areia, estas proporcionam um rebentamento gradual das vagas. Normalmente existe um banco de areia que condiciona a rebentação da onda, sendo que esta categoria de ondas é a melhor para a aprendizagem da modalidade.</p>
<p>Plunging waves</p> 	<p>Este tipo de rebentamento de onda ocorre quando um <i>swell</i> atinge uma zona rochosa ou um <i>reef</i>. Rebentamento muito forte.</p>
<p>Surging Waves</p> 	<p>Quando a onda entra pela praia ou costa rochosa sem rebentar previamente. (logo, não propicia à prática do <i>surf / bodyboard</i>).</p>

H.5.4. Vento

O vento pode ser considerado como o ar em movimento. Resulta do deslocamento de massas de ar. É um factor importantíssimo para que hajam boas condições para a prática do *surf / bodyboard*. Caracterizam-se dois dos mais importantes tipos de vento para determinadas condições na prática do surf:

Tabela 5 – Tipos de vento característicos

<p>Offshore</p> 	<p>Os ventos que sopram na direcção da “terra” para o mar, entrando pela frente da onda. Faz com que a face da onda aguente mais tempo, logo, não rebente bruscamente. Normalmente, quando não muito forte, estão criadas as condições, no caso de estarmos face a um bom pico, para que haja um bom surf.</p>
<p>Onshore</p>	

	<p>Ventos que sopram na direcção do mar para “terra”, entrando por detrás da onda. Faz com que a onda rebente em várias frentes, ou secções ao mesmo tempo, estragando a regularidade a as linhas do próprio <i>swell</i>.</p>
---	--

Embora o vento *Off-shore* seja indicado, pelas razões já apontadas, a ausência de vento, normalmente está associada a perfeitas condições para a prática do *surf* (*Glass*). Pode-se presenciar ainda um outro tipo característico de vento, quando este sopra lateralmente em relação à onda (*side-shore*).

H.6. A aprendizagem do surf e bodyboard

O tempo para a aprendizagem dos elementos básicos do *surf* e do *bodyboard* é naturalmente considerado pelos praticantes como de um a dois anos, sem grandes problemas de consenso. É difícil, leva tempo, há muitas desistências, abandonos e retomas esporádicas. Vai-se tentando... Mas o verdadeiro surfista aproveita sempre para se divertir, aprecia o que faz mesmo quando ainda quase nada faz, aprecia o mar, a companhia dos outros surfistas, essencialmente o convívio e o contacto com a natureza.

O tempo passa e as evoluções, lentas, chegam a certo nível e passam a ser mais rápidas. Finalmente aprendeu a surfar. O *surf* e o *bodyboard* são mesmo assim: uma aprendizagem inevitavelmente difícil e lenta. Na opinião de Brogueira (1998) esta ideia é absolutamente falsa. Segundo este autor as habilidades básicas destas práticas são naturais e, logo, facilmente aprendidas. Como se explica então as reais dificuldades por que passam os surfistas nas primeiras fases de aprendizagem?

A curva de aprendizagem de qualquer desporto apresenta-se como de evolução rápida na fase de iniciação, mais morosa nos níveis médios e muito lenta a níveis superiores, em que se aperfeiçoa muito mais do que se iniciam novas aprendizagens. As bases das técnicas são rápidas de aprender, lentas a aperfeiçoar e muito lentas a chegar a níveis de excelência, de mestria.

No início da prática do *surf* e do *bodyboard* existe uma tendência para o principiante desenvolver as suas capacidades físicas em detrimento da sua técnica básica. Assim o jovem passa horas a remar para o pico, contra a força das ondas, em vez de ficar nas espumas a aprender a pôr-se de pé. Não é tempo perdido no desenvolvimento das capacidades físicas, mas é um enorme desperdício de tempo na aprendizagem das técnicas base do *surf* / *bodyboard*.

Existem formas de prática que permitem maiores retornos na Aprendizagem em menos tempos. Recomenda-se que na fase de

aprendizagem, o principiante esteja no *inside* (mais perto da areia) a aprender as técnicas básicas, do que no *outside* (mais longe da areia), uma vez que aqui trabalha apenas as capacidades físicas.

Há que distinguir desde já que a Aprendizagem (das técnicas, básicas ou evoluídas) é realizada ao nível do Sistema Nervoso Central; falar de Aprendizagem é falar do número de repetições, de estratégias para as aumentar em quantidade e qualidade. A prática não é sinónima de aprendizagem: um iniciante que entra para dentro de água com uma prancha de competição que afunda com o peso dele, e durante seis meses remou com os outros que já surfam para o pico, conseguiu apanhar 20 ondas e pôr-se de pé em duas, não aprendeu rigorosamente técnica básica de surf nenhuma, senão a remada. Aprendeu o repetiu – a técnica de remada. Não repetiu, por exemplo, a técnica do *take-off*, o passar da posição deitada para a posição de pé. Deveria tê-la repetido até aprender basicamente na areia, e depois aperfeiçoá-la na água.

A utilização de exercícios analíticos, artificiais, deve ser maximizada. Contudo, os exercícios globais na onda devem predominar. Outro princípio a ter em conta é o da variabilidade da prática. Mesmo em exercícios analíticos como o da prática do *stand up* na areia, várias situações deverão ser previstas e treinadas (quedas controladas ou súbitas, obstáculos ou outros surfistas que surgem, várias formas de parar agarrando ou não a prancha). Outras modalidades podem servir para o efeito: a técnica de remada é transferível em elevado grau do praticante de Natação, bem como os efeitos no desenvolvimento das capacidades físicas. As técnicas base das viragens do *surf* são transferíveis das técnicas básicas do Skate.

O Treino mental (concentrar-se e imaginar-se mentalmente nas situações reais) também pode e deve ser utilizado, pois permite ao praticante um maior número de repetições (embora apenas a nível mental). A base da aprendizagem das técnicas está no suporte das capacidades físicas.

H.7. Mecânica do surf e bodyboard

H.7.1. Centro de gravidade do corpo

O centro de gravidade de um corpo sólido é um ponto, pertencente ou não ao sólido, onde a resultante das forças gravíticas paralelas (dirigidas para o centro da terra se aplicam). É o centro dessas forças que actuam sobre cada uma das partículas que constituem o sólido.

O centro de gravidade (CG) do corpo humano, situa-se, quando na posição normal de pé, aproximadamente na região do umbigo. Como o CG do corpo humano é composto pelo CG dos vários membros, quando nos movemos alteramos o CG. Ao elevarmos os braços em relação ao solo, elevamos o CG total, ou do corpo. Quanto mais partes do corpo forem elevadas, mais elevado estará o CG do corpo.

H.7.2. Equilíbrio

O equilíbrio pode ser estático, de um corpo em repouso, ou dinâmico, de um corpo em movimento. É necessário para que um corpo se encontre em equilíbrio que a soma das forças nele exercidas seja zero. No equilíbrio dinâmico, a soma das várias forças exercidas sobre o corpo terá de ser zero. Outras forças têm assim de ser criadas e utilizadas pelo surfista para manter o equilíbrio durante o deslize da onda. A acção da força da gravidade é contrariada nas viragens, pelas forças que resultam das acelerações ganhas com o corpo (ex: flexão e extensão das pernas) ou com a força da onda.

Ao elevarmos o CG do corpo estamos a provocar maior instabilidade no equilíbrio. As posições baixas do corpo, como a posição de cócoras (em flexão das pernas), de joelhos, deitado, são posições por ordem crescente de estabilidade, de equilíbrio mais estável, de CG mais baixo, do que a posição de pé.

Quanto ao *bodyboard* o problema da aprendizagem do equilíbrio sobre um objecto que desliza numa superfície móvel, está facilitado por duas razões: a posição extremamente baixa do corpo e o agarrar do objecto.

Sendo o *surf* um desporto de equilíbrio instável apoiado sobre um objecto (prancha) que desliza numa superfície móvel de forma a sofrer alterações constantes (onda), pode dizer-se que a procura de posições do corpo mais estáveis favorecem uma melhor prestação e rendimento. O principiante que se deixa ficar numa posição instável por mais de uns breves segundos, inevitavelmente perde o equilíbrio e cai, ou seja, deixa que o seu CG ultrapasse a base de sustentação formada pela prancha sem que haja uma força contrária que compense o desequilíbrio (ex: passa bruscamente da posição de deitado ao apanhar a onda para a posição de pé com as pernas esticadas e braços levantados).

H.8. Prancha

Na aprendizagem do *surf* todos os factores têm de concorrer no sentido de facilitar, no sentido de proporcionar maiores ganhos em menos tempo. Deve evitar-se a aprendizagem de vícios ou movimentos tecnicamente incorrectos, que são mais difíceis de corrigir do que aprender inicialmente da forma correcta. O objecto utilizado na aprendizagem deve ser facilitador da mesma. A prancha do principiante deve obrigatoriamente ser facilitadora do equilíbrio, bem como da remada.

As características de uma prancha para um principiante deverão ser:

- Larga, para atenuar os desequilíbrios próprios do principiante, tanto na remada, como no acto de se colocar de pé, como na posição de pé a surfar (deslizar na onda);

- Grossa, para aumentar a fluabilidade, que facilita a remada ineficaz do principiante, tanto a remar para ultrapassar as ondas já rebentadas (espumas), como a apanhar e seguir em ondas já rebentadas ou não;
- Comprida, pelas duas razões anteriores;
- Leve, na medida do possível.

I. Vertente sociológica do *Surf* e *Bodyboard*: Culturas de grupo

As práticas de actividades de ligadas à aventura e ao risco, como é o caso do *surf* e do *bodyboard*, estão ligadas ao nascimento de uma cultura diferenciada, na qual se instauram novos modos de sociabilidade, o surgimento de grupos diferenciados, dispostos em redes (que produzem sentidos e discursos técnicos identificadores), em que se exprimem reivindicações de independência e autonomia, e a recusa na inserção nos moldes sociais convencionais. Na opinião de Costa (2000) neste tipo de práticas instaura-se uma busca de identidade, manifestando-se simultaneamente uma tendência à singularização, expressa nos gestos, no vestuário, nos discursos e nas actividades que estão inerentes a essas práticas.

Existe hoje, tal como à alguns anos atrás uma tendência para a prática da modalidade por modismo, ou seja criou-se todo um conjunto de modas associadas aos praticantes da modalidade, que muitas vezes são as que motivam os jovens ao início da prática por imitação.

Hoje em dia, o *surf* e o *bodyboard* são muito mais do que práticas desportivas: são um estilo de vida.

Nos últimos anos, o *surf* e o *bodyboard* invadiram a praia e configuraram um estilo de vida que é consumido por jovens que aderem a este tipo de práticas, ou que simplesmente não praticam, mas que são simpatizantes desta “cultura de praia”. A praia é o topo, o auge, a harmonia total.

Sendo a população envolvida nesta prática muito heterogénea não se deixou, no entanto de criar, uma imagem até certo ponto estereotipada do *surfista* e do *bodyboarder*, bem como do conjunto de valores que regem a sua vida.

Como consequência de uma certa imagem e à semelhança de outras práticas desportivas, as marcas de aproveitaram esta imagem e ajudaram a criá-la. Assim, podemos observar ao nível da roupa a criação do chamado *surfwear*, roupas em geral confortáveis, que podem ir buscar as suas referencias aos mais diversos motivos como, por exemplo, os padrões de flores das camisas havaianas, ou o simples aproveitamento de uma tendência de moda que o *surfwear* adapta, assimila e apresenta, também, como seu.

Essas marcas são também notórias a nível de equipamentos e acessórios, de revistas, de programas de televisão, etc.

Os próprios meios de comunicação actuam relativamente ao mundo do surf e do bodyboard no sentido de abastecê-lo de identidades.

A análise da segmentação mais contemporânea do mercado das revistas, e sua relação com a construção de identidades a partir do consumo, é das mais instigantes (Luca, 2005). As diferentes revistas operam nas subculturas, categorizando, explicando, discutindo, rotulando grupos sociais, gostos e preferências. Em suma, não apenas cobrem subculturas, mas ajudam a construí-las.

O *surf* e o *bodyboard* não constituem uma cultura passageira, isto é, não estão tão relacionados com modismos efémeros, como estão outras culturas ligadas a ambientes mais voláteis, como por exemplo os estilos musicais.

Embora intensamente associada à juventude e por ela consumida, a cultura do *surf* e do *bodyboard* está também aberta à inserção de pessoas de outras faixas etárias. A cultura da juventude é muitas vezes atractiva para pessoas mais velhas, uma vez que ela age como um amortecedor contra o envelhecimento social – não contra o medo de envelhecer, mas de se conformar à posição numa sociedade altamente estratificada.

Comparativamente com outro tipo de culturas estudadas por diversos autores, a cultura do *surf* e *bodyboard*, é mais aberta ao facto do indivíduo se continuar a identificar como membro, mesmo após casar, ter filhos ou completar 30, 40, 50 anos de idade. O avanço da idade não representa condição impeditiva para que o sujeito se identifique com os valores culturais do *surf* e *bodyboard*.

Outra especificidade que caracteriza a cultura *surf* e *bodyboard*, é que esta não se limita a grupos que circulam juntos pelo espaço urbano. Há um lugar privilegiado para a convivência dos que se identificam com esta cultura: a praia. A praia assume-se como um espaço simbólico, e para ela converge uma boa parte dos adeptos desta cultura, sejam surfistas propriamente ditos ou os demais que admiram e se identificam com os valores da cultura, ainda que não sejam praticantes. No entanto, há ainda a possibilidade de partilhar os valores da cultura sem frequentar a praia, justamente através do consumo dos produtos (mediáticos) a ela relacionados.

Para quem faz *surf* e *bodyboard*, a experiência não se limita aos breves momentos em que se está dentro de água. Essa experiência é trazida cá para fora, para o “outro mundo”, influenciando todos os aspectos do quotidiano de quem pratica. A cultura da praia é a corporização do espírito do tempo.

Cada vez são mais os jovens com vontade de entrar no mar, de acordar e olhar a rebentação e a formação das ondas, como se não o fizesse há séculos. Parece mesmo que é a primeira vez, o entusiasmo doentio nunca enfraquece, pelo contrário, aumenta de ano para ano, passando a ser um

entusiasmo mais maduro, mais forte, mais sério. Cada vez existe mais vontade em sentir o neoprene, a areia nos pés, cheirar a parafina e ouvir as ondas a quebrar. Um autêntico fanatismo e obsessão para andar nos tubos.

Os valores que se formam neste tipo de práticas começam a fazer parte de cada um, da forma de crescer, de estar na vida, de pensar e comunicar com os outros. Uma galáxia diferente, que para quem pratica deixou de ser diferente à muito tempo e que na realidade toma conta da sua existência.

CAPÍTULO III METODOLOGIA

Ao longo deste estudo procurámos demonstrar a necessidade de interpretar as práticas simbólicas que caracterizam as culturas juvenis, neste caso de jovens que praticam *surf* e *bodyboard*, a partir dos contextos sociais que os jovens se movem.

A elaboração dos procedimentos metodológicos foi de certa forma dificultada quando nos deparámos com a necessidade de enquadrar teoricamente este estudo, uma vez que nos vimos de certa forma envolvidos na luta da comunidade científica, pela valorização das ciências sociais e humanas em oposição às ciências exactas e vice-versa.

O nosso objectivo consiste então, em tentar perceber uma lógica de funcionamento juvenil (se é que ele existe), a partir de determinados hábitos, ideologias, comportamentos, simbologias ou até mesmo de uma determinada assumpção corporal. O que constatamos no dia-a-dia é que o corpo é um permanente portador de práticas significantes e simbólicas.

O mundo dos adolescentes é um mundo em permanente transformação, nas suas preocupações diárias, enquanto corpo individualizado e corpo colectivo, que adquirem um significado muito especial; o primeiro, porque todos os dias se modifica, confrontando o adolescente com o seu mundo mais íntimo em permanente transformação; o segundo, porque todos nós necessitamos de nos revermos nos outros de modo a construirmos uma visão das coisas que nos rodeiam, e esses processos fazem-se de aproximações e afastamentos, de identificações e de exclusões onde a primeira fonte de informação e de identificação é corporal.

3.1. Definição metodológica

A nossa abordagem centrou-se em dois níveis de análise: uma mais formal, com uma aproximação clara ao rigor metodológico – onde quase todos os procedimentos estão aparentemente controlados – conferido pela denominada investigação quantitativa; e uma outra, de carácter mais informal onde nos é possível recolher informação através de uma visão um pouco mais subjectiva sem descurar a objectividade dos fenómenos que decorrem nos contextos de estudo – conferida pela investigação qualitativa. Uma estratégia metodológica desta natureza conduziu-nos simultaneamente para uma validade científica e ecológica da nossa pesquisa. Através do cruzamento de dados e das inferências que eles proporcionam, foi-nos permitido também identificar uma “outra” dimensão da realidade estudada.

Uma pesquisa no âmbito das ciências sociais começa, invariavelmente, por uma abordagem de cariz predominantemente qualitativo (Ghiglione & Matalon, 1993). Os problemas que se colocam na realidade social “saltam à vista” de uma forma subjectiva. No entanto muitos dados foram numericamente contabilizados e submetidos a uma análise exploratória

através de técnicas estatísticas. Estes procedimentos serviram simultaneamente para confirmar que, ainda que expressos quantitativamente, os dados em análise mais do que contabilizados, deveriam ser antes equacionados. Por outro lado, a sua análise despoletou questões que permitiram simultaneamente a percepção de algumas tendências relevantes.

Entendemos também que a par dos dados que fomos recolhendo na praia (dentro e fora de água) através das entrevistas e das conversas informais de ocasião, deveríamos também recolher informações mais objectivas por parte daqueles que são verdadeiramente a nossa população de eleição para o interesse do estudo.

Percebemos que para os adolescentes da nossa amostra, as idas à praia com os amigos, traduzem essencialmente práticas ritualizadas e perfeitamente contextualizadas, mais do que normalmente se imagina ou verbaliza. Assumem principalmente diferentes formas e momentos de sociabilidade (inserção e identificação com o grupo de amigos ou simplesmente conhecidos).

Na opinião de Pais (1993), os quotidianos não obedecem a uma lógica de “demonstração”, mas antes a uma lógica de “descoberta” na qual a realidade social se insinua, conjectura e indicia, através de uma percepção descontínua e saltitada do social. Deste modo, através das vivências quotidianas conseguem identificar-se os referentes significativos das “realidades simbólicas” que os jovens, nos seus mais variados estilos, nos despertam e aguçam a vontade de entrar pelo(s) seu(s) mundo(s).

Ainda segundo Pais (1993), a sociologia do quotidiano fornece-nos alguns referenciais importantes, na medida em que ela se apresenta como sociologia de protesto contra todas aquelas formas de reificação do social, animadas por uma avassaladora ânsia de possessão. Para a sociologia do quotidiano, o importante é fazer insinuar o social, através de alusões sugestivas ou de insinuações indiciosas, em vez de fabricar a ilusão da sua posse. A posse do real é uma verdadeira impossibilidade e a consciência epistemológica desta impossibilidade é uma condição necessária para entendermos alguma coisa do que se passa no quotidiano.

Neste contexto deve ainda valorizar-se uma dimensão mais dinâmica procurando, numa perspectiva antropológica, fazer apelo para os modos de vida específicos e práticas que expressem certos significados e valores na própria vida quotidiana.

3.2. Métodos de recolha de informação

Todas as metodologias são suportadas por métodos que, por sua vez, são auxiliados por determinadas técnicas, instrumentos ou ferramentas operacionais, concretas e específicas (são sempre orientadas e objectivas).

3.2.1. Instrumentos de avaliação

Esta pesquisa iniciou-se com a intenção de proceder a uma incursão no imaginário e no simbólico do adolescente, pelos métodos que nos pareceram ser mais adequados a uma investigação desta natureza, com este objecto de estudo e com este número de sujeitos.

Outras condicionantes na escolha dos caminhos e opções que tomámos, prenderam-se essencialmente com dificuldades de ordem temporal (o tempo que dispúnhamos para efectuar a investigação), ou mesmo o enquadramento que uma investigação deste tipo possui.

A escolha dos instrumentos de avaliação esteve directamente relacionada com o tipo de métodos utilizados, pois a adaptabilidade dos instrumentos ao objecto de estudo revela-se fundamental na validade e credibilidade científica de qualquer pesquisa.

- Elaboração dos instrumentos de avaliação

Os instrumentos de avaliação que utilizámos foi o questionário e a entrevista. Basicamente estes dois instrumentos foram construídos a partir dos dados percebidos nos contextos vivenciais dos jovens. Através da nossa observação e incursão participante na realidade dos jovens, conseguimos perceber que elementos se poderiam revelar como significantes, portadores de significados reais e com possibilidades de podermos retirar deles ideias, ideais, conceitos estruturantes e estruturadores de comportamentos passíveis de se colocarem num instrumento de medida com estas características. A intenção seria a de que esses instrumentos não se revelassem intrusivos, por um lado, ou despropositados por outro, alcançando os seus objectivos através da operacionalização de determinadas variáveis que fomos identificando.

A observação participante permitiu constatar, compreender e por vezes confirmar que alguns dos comportamentos identificados, possuem significados muito mais do domínio simbólico do que reais.

A incursão no contexto vivencial dos jovens, foi facilitada, uma vez que também sou praticante de *bodyboard*. Desta forma passei algum tempo com estes jovens, quer em contexto de prática, dentro de água, quer em contexto de praia, fora de água.

Este processo aproximação aos jovens demorou algum tempo e teve de ser conduzido com muita sensibilidade, para que estes não sentissem o seu espaço invadido. Este foi sem dúvida um processo crucial desta investigação.

Nesta incursão participante nos contextos vivenciais dos jovens, entrámos numa dinâmica de “caçar” as marcas presentes nos sentidos que os jovens imprimiam ao seu discurso, marcas essas que se reflectem nas acções, nos desejos, nas fantasias e nos silêncios que por vezes atravessam as palavras. Esta busca de sentido nas falas quotidianas é, pois, uma busca dos seus significados mais profundos, feita através da transfiguração das palavras, fazendo nelas aparecer o seu sentido profundo (Pais, 2003).

Valores e representação foram subentendidos por “não-ditos”, revelando-se mais nos comportamentos e atitudes.

3.2.1.1. Questionário

Na construção deste instrumento de avaliação recorreremos a duas fontes:

- Questionário de estilos de vida – “*Modifiable Activity Questionnaire for Adolescents*”- de Aaron e Kriska, adaptado por Sobral (1992) a partir de Renson (1990).

- Questionário construído e validado por Rodrigues (1997) a partir dos dados da sua incursão participante nos contextos vivenciais dos jovens.

O questionário centrou-se nos seguintes pontos de caracterização:

- Caracterização do sujeito (idade, sexo, localidade);
- Caracterização da situação familiar (profissão e habilitações pais, agregado familiar, tipo de habitação em que vive);
- Caracterização do tipo de actividades realizadas em casa;
- Caracterização do tipo de actividades realizadas fora de casa;
- Caracterização do grupo de amigos (elementos de sociabilidade), e das actividades realizadas com estes;
- Identificação com o estilo e os ideais de alguns grupos.

Este questionário segue em anexo (anexo 1).

3.2.1.2. Entrevista

Tal como o questionário, também a entrevista foi construída através da observação participante na realidade e no quotidiano dos jovens.

O tipo de entrevista aplicada aos jovens foi semi-estruturada. As principais características desta entrevista são as seguintes:

- Caracteriza-se pela existência de um guião previamente preparado que serve de eixo orientador ao desenvolvimento da entrevista;
- Permite um tratamento mais sistemático dos dados;
- Especialmente aconselhada para entrevistar grupos, como é o caso deste estudo;
- Garante que os diferentes sujeitos respondam às mesmas questões;
- Não exige uma ordem rígida das questões;
- O desenvolvimento da entrevista pode adaptar-se ao entrevistado;
- Mantém um elevado grau de flexibilidade na exploração das questões.

Uma vez que toda a entrevista é também observação, aquando a sua realização tivemos sempre em conta o comportamento não verbal do entrevistado, no sentido de atingir o desconhecido, o “não visto”.

A construção desta entrevista que segue em anexo (anexo 2), foi elaborada pela autora e pelo orientador, Prof. Dr. Carlos Neto.

A entrevista contemplou os seguintes grupos de questões:

Grupo I: Razões justificativas da prática.

Grupo II: Significado / Motivação para a prática de *surfe* e *bodyboard*.

Grupo III: Contexto de prática

Grupo IV: Aspectos relacionados com a Socialização

Grupo V: Simbólico e valores culturais.

Para facilitar a análise das questões elaboramos previamente categorias / dimensões de respostas possíveis, consoante a pergunta. A elaboração dessas categorias / dimensões de respostas, só foi possível na medida em que tínhamos um conhecimento profundo da cultura e da realidade do quotidiano destes jovens.

É de referir que os jovens não tiveram acesso a essas categorias, no sentido de não influenciar a sua resposta. Tal método permitiu-nos recorrer a uma análise estatística destes dados, aparentemente qualitativos, permitindo estabelecer relações sobre determinados aspectos, revelando simultaneamente algumas tendências no comportamento dos jovens. Por outro lado, o tempo disponível para realizar esta investigação, não era o suficiente para fazer a análise de conteúdo, já que a nossa amostra foi constituída por quarenta sujeitos.

Durante a realização da entrevista, mantivemos um gravador oculto. Tal procedimento permitiu-nos interpretar e enquadrar as respostas do sujeito nas categorias pré-estabelecidas, bem como de captar algumas marcas e expressões linguísticas características deste grupo de jovens. Não fizemos questão de manter o gravador à vista do sujeito, uma vez que na sua presença, eles ficavam intimidados, e não conseguíamos com isso obter aquilo que pretendíamos.

Também em situações informais de ocasião (sem a presença do gravador), quando inserida no contexto vivencial dos jovens (dentro e fora de água), sempre que possível, foi efectuado o registo (mental ou por escrito) de algumas dessas marcas e expressões linguísticas. Este procedimento foi efectuado de forma bastante discreta, no sentido dos jovens sentirem a sua integridade salvaguardada.

Essas expressões e marcas linguísticas foram registadas, e irão ser mencionadas oportunamente no capítulo da análise e discussão dos resultados.

Pareceu-nos que tal metodologia seria a mais apropriada para conjugar quantitativamente os aspectos qualitativos deste estudo. Tal significa que ao recorrer a aspectos quantitativos (análise estatística), não inviabiliza a análise qualitativa. Pelo contrário, facilita-nos, já que nos mostra tendências e relações existentes entre as diferentes variáveis. Para tal, tivemos de nos livrar de alguns preconceitos científicos associados à estratégia formal e descer ao mundo das “significações” dos jovens

entrevistados, como por exemplo ao do calção ou da gíria. Esta perspectiva metodológica adoptada – a perspectiva do quotidiano – ajudou-nos bastante a compreender os significados que dão forma e conteúdo aos processos de interacção e à própria vida quotidiana dos jovens. Pais (2003) designa esta forma de abordagem como *etnometodológica*.

Tal como afirma Costa (2000), no imaginário social, a verdade insinua-se por intermédio das pistas encontradas nas marcas linguísticas dos discursos, ou seja, nas marcas de linguagem que organizam o discurso dos praticantes deste tipo de actividades que envolvem a incerteza e o risco.

3.2.2. Validação dos instrumentos de avaliação

Os dois instrumentos de avaliação foram validados da mesma forma. Dos quarenta sujeitos que constituíram a amostra, seleccionaram-se seis sujeitos. Esses seis sujeitos foram submetidos a duas aplicações de cada instrumento de avaliação, com o intervalo de oito dias entre cada aplicação.

Observou-se que em todos os sujeitos, os resultados obtidos na primeira aplicação, foram exactamente os mesmos obtidos na segunda aplicação, para cada um dos instrumentos de avaliação.

3.2.3. Procedimentos

Os critérios de selecção da amostra obedeceram a alguns parâmetros. Independentemente do tempo de prática, procurámos na selecção da nossa amostra que os sujeitos já tirassem prazer da prática do *surf* e do *bodyboard*. Os sujeitos seleccionados foram aqueles que já possuem relativa autonomia na prática e que dominam as técnicas base.

Antes da aplicação dos questionários e das entrevistas, uma vez que os sujeitos são menores de idade, foi enviada uma carta aos encarregados de educação, no sentido destes darem autorização ao seu educando para participar na investigação (anexo 3).

Temporalmente, os procedimentos obedeceram à seguinte consequência.

A elaboração dos instrumentos de avaliação teve lugar no mês de Janeiro de 2007. No mês de Fevereiro realizámos a sua validação, conforme o procedimento já referido anteriormente.

De Março a Julho, aplicámos os instrumentos aos sujeitos. É de referir que a aplicação do questionário e da entrevista deu-se em momentos diferentes, tendo sido a aplicação da entrevista sempre posterior à aplicação do questionário. Tal procedimento foi necessário no sentido de não massacrar o sujeito, visando a obtenção de respostas credíveis.

Realçamos que foram necessários efectuar alguns ajustes linguísticos em algumas perguntas, no sentido de apropriar mais a linguagem dos instrumentos de avaliação às características e ao nível dos sujeitos em causa.

3.3. Características gerais da amostra

A amostra é constituída por 40 sujeitos, (dos quais 10 são do sexo feminino e 30 do sexo masculino) com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos.

3.3.1. Distribuição da amostra por idades

A tabela 6 mostra-nos a distribuição da amostra, por idades.

Tabela 6 – Distribuição da amostra por idades.

Idades	Sujeitos	
	f	%
- 15 anos	16	40%
- 16 anos	11	27,5%
- 17 anos	13	32,5%
TOTAL	40	100%

A maioria dos sujeitos (n = 16) tem 15 anos. Treze sujeitos têm dezassete anos e os restantes onze têm dezasseis anos.

3.3.2. Distribuição da amostra por zona habitacional

O local onde o jovem vive vem expresso na tabela 7.

Tabela 7 – Distribuição da amostra por zonas habitacionais.

Zona Habitacional	Sujeitos	
	f	%
- Faro	17	42,5%
- Lagos	7	17,5%
	n = 24	60%
- Zambujeira do Mar	9	22,5%
- Vila Nova de Mil Fontes	7	17,5%
	n = 16	40%
TOTAL	40	100%

Estes sujeitos estão distribuídos pela região do Algarve (Lagos e Faro) e Baixo Alentejo Litoral (Zambujeira do Mar e Vila Nova de Mil Fontes, pertencentes ao Concelho de Odemira).

É de referir que todos os sujeitos pertencentes a esta amostra são estudantes (Ensino Básico, Secundário e Escolas Profissionais).

Por uma questão metodológica, optámos por agrupar os sujeitos de Lagos e de Faro (n=24) e os sujeitos de Vila Nova de Mil Fontes e

Zambujeira do Mar (n=16), uma vez que os seus contextos habitacionais são diferentes em termos de alternativas para ocupação de tempos livres. Lagos e Faro por serem cidades têm mais alternativas para ocupação dos tempos livres do que Vila Nova de Mil Fontes e Zambujeira do Mar, meios estes não citadinos, vila e aldeia, respectivamente.

3.3.3. Caracterização do meio de transporte utilizado para chegar à escola.

Através da análise da tabela 8, verifica-se que maior parte dos sujeitos desloca-se a pé para a escola, seguindo-se a categoria de transporte público.

Tabela 8 – Caracterização do meio de transporte utilizado pelos sujeitos.

Meio de transporte utilizado para a escola	Sujeitos	
	f	%
- A pé	15	37,5%
- Bicicleta	2	5%
- Motociclo	1	2,5%
- Transporte público	12	30%
- Carro particular	10	25%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 19,3$ ($p < 0,01$, $gl=4$) Diferenças significativas

Note-se que o meio de transporte utilizado para os alunos chegarem à escola está associado a diferenças significativas ($p < 0,01$).

3.3.4. Caracterização das habilitações académicas dos pais

Através da análise da tabela 9 verifica-se que a maioria dos pais e das mães possuem o ensino superior, seguindo-se imediatamente o ensino secundário. Tal sugere que os sujeitos da nossa amostra possuem um nível socio-económico médio a elevado.

Tabela 9 – Caracterização das habilitações académicas do pai e da mãe.

Habilitações académicas	Habilitações académicas do Pai		Habilitações académicas da Mãe	
	Sujeitos			
	f	%	f	%
- Escola Primária	8	20%	2	5%
- Ciclo Preparatório	3	7,5%	6	15%
- Ensino Secundário	12	30%	14	35%
- Ensino Superior	17	42,5%	18	45%
TOTAL	40	100%	40	100%

- Habilitações académicas do pai: $\chi^2 = 10,6$ ($p < 0,01$, $gl=3$) Diferenças significativas.

- Habilitações académicas da mãe: $\chi^2 = 16$ ($p < 0,01$, $gl=3$) Diferenças significativas.

As habilitações académicas do pai e da mãe, estão associadas a diferenças significativas ($p < 0,01$).

3.3.5. Caracterização do agregado familiar

Ao observar a tabela 10, verifica-se que maior parte dos sujeitos, vivem com os pais e um irmão, estando estes resultados associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Tabela 10 – Caracterização do agregado familiar.

Agregado familiar	Sujeitos	
	f	%
- Pais e irmão	25	62,5%
- Pais e irmãos	3	7,5%
- Só mãe / Só pai	2	5%
- Avós	9	22,5%
- Só Pais	1	2,5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 50$ ($p < 0,01$, $gl=4$) Diferenças significativas.

Agora será interessante verificar se os irmãos que vivem com os sujeitos são mais novos ou mais velhos, pois tal facto poderá ter alguma influência na prática das actividades mencionadas nesta investigação (*surf* e *bodyboard*).

3.3.6. Caracterização da idade dos irmãos

A tabela 11 revela-nos que a maioria dos sujeitos ($n=19$) tem um irmão mais velho. Este resultado está associado a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Tabela 11 – Caracterização da idade dos irmãos.

Idade dos irmãos	Sujeitos	
	f	%
- Não tem irmãos	5	12,5%
- Tem irmão mais velho	19	47,5%
- Tem irmão mais novo	16	40%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 8,15$ ($p < 0,01$, $gl=2$) Diferenças significativas.

Tal resultado poderá sugerir a influência familiar (do irmão mais velho) na prática do *surf* e do *bodyboard*. No entanto esta será uma das

questões que irá ser esclarecida mais à frente, quando forem referidas as principais razões que conduzem o jovem à prática deste tipo de actividades.

3.4. Tratamento estatístico

Após a aplicação dos questionários foi efectuada uma base de dados no programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 15.0. Os dados das variáveis do questionário e da entrevista foram analisadas pelas suas frequências. A frequência de cada resposta irá constituir o ponto de partida para interpretar as questões de pesquisa.

Sempre que achámos pertinente, utilizámos a prova de χ^2 como teste de hipótese das diferenças de frequência de k amostras independentes.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentaremos os resultados obtidos após o tratamento estatístico das variáveis provenientes do questionário e da entrevista, baseando-nos simultaneamente numa análise e interpretação subjectiva dessas mesmas variáveis. Sempre que necessário iremos recorrer a tabelas, seguindo a sequência dos itens dos nossos instrumentos de avaliação.

4.1. Rotinas de vida dos jovens

As rotinas de vida dos jovens foram descritas pelos seguintes parâmetros:

- Actividades realizadas dentro e fora de casa;
- Locais preferidos nos tempos livres;
- Tipo de amigos com quem convive mais;
- Actividades realizadas com o grupo de amigos;
- Identificação com o estilo e com os ideais de determinadas culturas específicas;
- Géneros musicais ouvidos habitualmente.

4.1.1. Caracterização das actividades realizadas pelos jovens em casa

Através da análise da tabela 12, constatámos que quando estão em casa, os jovens passam a maior parte do seu tempo dedicados aos “jogos electrónicos e à *Internet*”, estando este resultado associado a diferenças muito significativas. A segunda actividade referida como a mais realizada, foi “ouvir música”, reafirmando o importante papel que a música assume nas culturas juvenis. Estas duas actividades estão associadas a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Tabela 12 – Caracterização das actividades mais realizadas em casa.

Actividades realizadas em casa	1ª actividade mais realizada		2ª actividade mais realizada	
	Sujeitos			
	f	%	f	%
- Ver televisão	3	7,5%	7	17,5%
- Jogos electrónicos, <i>internet</i>	16	40%	5	12,5%
- Conviver com os amigos	14	35%	7	17,5%
- Ler	0	0%	3	7,5%
- Ouvir música	6	15%	16	40%
- Ajudar pais nos trabalhos domésticos	1	2,5%	2	5%
- Ajudar os pais nas suas profissões	0	0%	0	0%
TOTAL	40	100%	40	100%

- 1ª actividade mais realizada em casa (jogos electrónicos, Internet): $\chi^2 = 22,3$ ($p < 0,01$, $gl=4$) Diferenças significativas.
- 2ª actividade mais realizada em casa (ouvir música): $\chi^2 = 18,8$ ($p < 0,01$, $gl=5$) Diferenças significativas.

4.1.2. Caracterização das actividades realizadas pelos jovens fora de casa

Sendo os sujeitos desta amostra francos apreciadores de actividades como o *surf* e o *bodyboard*, não é de estranhar que a primeira actividade referida como a mais realizada fora de casa seja “surfear” ($n=39$). A segunda actividade enumerada pelos nossos sujeitos, foi “conviver com os amigos”. Em ambas as respostas, a diferenças revelaram ser significativas ($p < 0,01$). Tal evidencia a paixão dos jovens em “surfear”, e o valor que assume o grupo de amigos na sua vida. Há que referir que “surfear” pressupõe também conviver com os amigos, estando estas duas actividades bastante interligadas. As restantes actividades estão enumeradas na tabela 13.

Tabela 13 – Caracterização das actividades mais realizada fora de casa.

Actividades realizadas fora de casa	1ª actividade mais realizada		2ª actividade mais realizada	
	Sujeitos			
	f	%	f	%
- Surfar	39	97,5%	-	-
- Assistir a espectáculos desportivos	-	-	1	2,5%
- Frequentar festas e discotecas	-	-	1	2,5%
- Conviver com os amigos	-	-	23	57,5%
- Ir à praia	1	2,5%	13	32,5%
- Não fazer nada	-	-	1	2,5%
- Outras actividades	-	-	1	2,5%
TOTAL	40	100%	40	100%

- 1ª actividade mais realizada fora de casa (surfear): $\chi^2 = 36,1$ ($p < 0,01$, $gl=1$) Diferenças significativas.
- 2ª actividade mais realizada fora de casa (conviver com os amigos): $\chi^2 = 65,3$ ($p < 0,01$, $gl=5$) Diferenças significativas.

4.1.3. Caracterização dos locais preferidos dos jovens nos tempos livres

Ao analisar a tabela 14, verificamos que a “praia”, foi enumerada por mais de metade dos jovens como o primeiro local preferido para passar os seus tempos livres. O facto deste resultado estar associado a diferenças significativas ($p < 0,01$), marca a existência de uma cultura de praia bem vincada entre os sujeitos da nossa amostra.

A “rua” foi referida como o segundo local preferido. Porém este resultado não está associado a diferenças significativas ($p > 0,05$).

Tabela 14 – Caracterização dos locais preferidos dos jovens nos tempos livres.

Locais preferidos nos tempos livres	1º local preferido		2º local preferido	
	Sujeitos			
	f	%	f	%
- Em casa	5	12,5%	9	22,5%
- Na rua	1	2,5%	12	30%
- Em casa de amigos	6	15%	7	17,5%
- No café	1	2,5%	3	1,5%
- Na praia	27	67,5%	9	22,5%
TOTAL	40	100%	40	100%

- 1º local preferido nos tempos livres (praia): $\chi^2 = 59$ ($p < 0,01$, $gl=4$) Diferenças significativas.

- 2º local preferido nos tempos livres (rua): $\chi^2 = 5,5$ ($p > 0,05$, $gl=4$) Diferenças não significativas.

4.1.4. Caracterização dos amigos com que os jovens convivem mais

A tabela 15 revela que são os “colegas da escola”, aqueles que foram referidos por 85% dos sujeitos como os amigos com quem convive mais.

10% dos jovens referiram serem as “pessoas do mesmo sítio onde vive”, aquelas com quem convive mais. Por último, na opção “outros”, referida por apenas 5% dos sujeitos, estes discriminaram que os amigos com quem convivem mais são os “amigos da *surfada*”.

Estes resultados estão associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Tabela 15 – Caracterização dos amigos com que o sujeito convive mais.

Amigos com quem convive mais	Sujeitos	
	f	%
- Colegas da escola	34	85%
- Pessoas do mesmo sítio onde vive	4	10%
- Outros	2	5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 48,2$ ($p < 0,01$, $gl=2$) Diferenças significativas.

4.1.5. Caracterização das actividades mais realizadas pelos jovens com o grupo de amigos

Tanto a primeira actividade referida pela maioria dos sujeitos como a mais realizada com o grupo de amigos – “*surf*” – como a segunda – “*ir à praia*” – estão associadas a diferenças muito significativas.

Sendo este um grupo de jovens que têm em comum o gosto pelo *surf* e *bodyboard*, estes resultados não são de estranhar. Tal vem reforçar e existência de uma “cultura de praia” bastante vincada entre os sujeitos da nossa amostra.

Tabela 16 – Caracterização das actividades mais realizadas com o grupo de amigos.

Actividades mais realizadas com o grupo de amigos	1ª actividade mais realizada		2ª actividade mais realizada	
	Sujeitos			
	f	%	f	%
- Actividades Desportivas tradicionais	-	-	1	2,5%
- Surfar	31	77,5%	3	7,5%
- Ouvir música	-	-	3	7,5%
- Ir ao cinema	1	2,5%	1	2,5%
- Conversar	4	10%	7	17,5%
- Ir à praia	4	10%	24	60%
- Não fazer nada	-	-	1	2,5%
TOTAL	40	100%	40	100%

- 1ª actividade mais realizada (surf): $\chi^2 = 59,4$ ($p < 0,01$, $gl=3$) Diferenças significativas.

- 2ª actividade mais realizada (ir à praia): $\chi^2 = 73,1$ ($p < 0,01$, $gl=6$) Diferenças significativas.

4.1.6. Caracterização do estilo / ideias de identificação dos jovens

O estilo / ideias dos surfistas, foi naturalmente referido em primeiro lugar, como aquele que mais se identifica com os jovens da nossa amostra. Em segundo lugar surgiu o estilo dos “*skaters*”, já que esta é uma actividade, que dadas as suas características motoras, está intimamente ligada com o *surf*, devido essencialmente ao factor equilíbrio.

Estes resultados estão associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Maior parte dos jovens que praticam *surf* e *bodyboard*, nos tempos livres em que não estão na praia ou dentro de água a surfar, passam o seu tempo em espaços que permitam a prática sobre uma tábua com quatro rodas. Os estilos destes dois grupos (*surfistas* e *skaters*), nomeadamente no vestuário, na música e na linguagem, são bastante semelhantes e representativas culturas de grupo muito aproximadas.

Tabela 17 – Caracterização dos estilos / ideias de identificação dos jovens.

Estilo / ideias de identificação	1º estilo / ideia de identificação		2º estilo / ideia de identificação	
	Sujeitos			
	f	%	f	%
- Punks	-	-	5	12,5%
- Skaters	-	-	17	42,5%
- Betinhos	-	-	1	2,5%
- Hippies	-	-	1	2,5%
- Surfistas	29	72,5%	2	5%
- Rastfers	2	5%	-	-
- Rockers	1	2,5%	-	-
- “Não sei”	6	15%	4	10%
- Nenhum	1	2,5%	10	25%
- Outro	1	2,5%	-	-
TOTAL	40	100%	40	100%

- 1º estilo / ideias de identificação (surfistas): $\chi^2 = 92,6$ ($p < 0,01$, $gl=5$)
Diferenças significativas.

- 2º estilo / ideias de identificação (skaters): $\chi^2 = 36,3$ ($p < 0,01$, $gl=6$)
Diferenças significativas.

4.1.7. Caracterização dos géneros musicais ouvidos habitualmente pelos jovens

O “Reagge”, veio apontado como o primeiro género musical mais ouvido pelos jovens da amostra. O segundo género musical referido foi a “música electrónica”.

Tanto o primeiro como o segundo géneros musicais mais ouvidos estão associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Tabela 18 – Caracterização dos géneros musicais mais ouvidos pelos jovens.

Géneros musicais ouvidos habitualmente	1º género musical ouvido		2º género musical ouvido	
	Sujeitos			
	f	%	f	%
- Popular Portuguesa	-	-	1	2,5%
- Ligeira Portuguesa	1	2,5%	2	5%
- Jazz	-	-	3	7,5%
- Rap	1	2,5%	6	15%
- Reagge	21	52,5%	7	17,5%
- Pop/Rock	6	15%	6	15%
- Hard Rock	-	-	1	2,5%
- Música electrónica	3	7,5%	12	30%
- Heavy-metal	1	2,5%	1	2,5%
- Outras	7	17,5%	1	2,5%
TOTAL	40	100%	40	100%

- 1º género musical mais ouvido (Reagge): $\chi^2 = 36,3$ ($p < 0,01$, $gl=6$)
Diferenças significativas.

- 2º género musical mais ouvido (música electrónica) : $\chi^2 = 30,5$ ($p < 0,01$, $gl=9$) Diferenças significativas.

Comentário resumo / Discussão das principais rotinas de vida dos jovens

Quando estão em casa os sujeitos passam mais tempo a jogar jogos electrónicos ou na Internet; o “ouvir música” surge como a segunda actividade mais praticada.

Hoje em dia, a massificação do “fenómeno informático” por parte dos jovens, surge como uma vontade consumista aliada a uma necessidade de integração dentro de uma moda, ou melhor, de uma forma de estar, própria do século XXI. Com a viragem do século, o computador veio impor-se claramente na rotina dos jovens.

Quando estão fora de casa, a primeira actividade referida como mais praticada foi surfar, enquanto que a segunda foi conviver com os amigos. Para estes jovens surfar também pressupõe conviver com os amigos. Estas duas actividades estão naturalmente bastante interligadas. O grupo de amigos assume uma grande relevância no significado que os jovens atribuem à prática destas actividades.

A maioria dos sujeitos referiu que os amigos com quem convive mais são colegas da escola. Tal é de esperar devido às muitas horas que hoje em dia os jovens passam na escola.

A actividade referida como a mais praticada com o grupo de amigos foi “*surf*”. Logo a seguir surgiram as “idas à praia” como a segunda actividade mais praticada. Mais uma vez estes resultados espelham a existência de uma forte cultura de praia entre os sujeitos da nossa amostra.

Naturalmente, o estilo e as ideias com que a maioria dos sujeitos se identificaram, foram os “*surfers*”. Seguidamente a esta categoria, foram referidos os *skaters*. Estas duas categorias estão bastante interligadas. Geralmente quem faz surf e bodyboard, também pratica skate. As culturas destes dois grupos são muito semelhantes (vestuário, linguagem, preferências musicais, etc).

O “*Reagge*” foi referido como o género musical mais ouvido pela nossa amostra, seguindo-se a “música electrónica”.

Relativamente à música deve-se referir que ao longo dos tempos esta serviu e continua a servir de instrumento à vontade de emancipação, além de criticar as dinâmicas da sociedade onde os jovens não se revêm. A música desempenha deste modo um papel relevante no quotidiano dos jovens, constituindo simultaneamente um signo geracional que marca uma distinção entre os jovens e os seus pais. A audição musical, e sobretudo, a preferência por determinado género de música ou intérprete por parte de um jovem, pressupõe toda uma carga simbólica, que transcende o simples prazer musical. Ela é o elemento identificativo e matriz da coesão dos variados grupos juvenis (Carvalho & Horta, 2003).

Esta caracterização das rotinas de vida dos jovens, serviu acima de tudo para provar que estamos perante um grupo de jovens com características vincadas sobre uma “cultura de praia”. Todas as variáveis presentes no questionário serviram essencialmente para caracterizar a amostra. No entanto, sempre que necessário, e quando fizer sentido, estas variáveis poderão relacionar-se entre si, ou com as variáveis presentes na entrevista.

4.2. Razões justificativas da prática

4.2.1. Tempo de prática

O tempo de prática constitui uma variável muito importante neste estudo, na medida em que representa o “grau de maturidade”, a “confiança” ou o “à vontade” do jovem neste tipo de actividades. Como iremos verificar mais adiante, irá fazer bastante sentido relacionar esta variável com outras variáveis presentes na entrevista.

Tabela 19 – Caracterização do tempo de prática dos sujeitos.

Tempo de prática	Sujeitos	
	f	%
- Menos de 1 ano	7	17,5%
- De 1 a 3 anos	27	67,5%
- De 3 a 5 anos	3	7,5%
- Mais de 5 anos	3	7,5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 39,6$ ($p < 0,01$, $gl=3$) Diferenças significativas.

A grande maioria da amostra ($n = 27$) referiu possuir um a três anos de prática de *surf/bodyboard*, estando este resultado associado a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Na generalidade pode-se afirmar que com este tempo de prática o jovem já se sente relativamente cómodo e à vontade com o mar desde que as situações não sejam muito adversas. Já existe um domínio relativo das técnicas básicas o que lhes permite retirar bastante prazer da actividade. Há que referir que os sujeitos desta amostra com menos de um ano de prática, embora num grau mais imaturo que os sujeitos referidos anteriormente, dominam de uma forma satisfatória as técnicas básicas e manifestam uma confiança dentro de água, que já lhes permite retirar prazer da prática (tal foi um dos critérios de selecção da amostra referido na metodologia).

4.2.2. História familiar

O facto de alguém na família praticar ou não este tipo de actividades, poderá pressupor uma influência familiar relativamente à prática no jovem.

Tabela 20 – História familiar na prática do surf / bodyboard.

Alguém na família pratica ou praticava surf / bodyboard?	Sujeitos	
	f	%
- SIM	24	60%
- NÃO	16	40%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 1,6$ ($p > 0,05$, $gl=1$) Diferenças não significativas.

Embora 60% dos jovens tenham respondido que existe alguém na família que pratica ou praticava surf / bodyboard, esta pode não ser a principal razão que conduz à prática. Tal virá esclarecido na questão seguinte.

4.2.3. Principal razão que conduz à prática do surf / bodyboard

A tabela 21 mostra-nos que quando questionados acerca da principal razão que os conduz à prática do surf / bodyboard, uma clara maioria dos jovens ($n = 32$) respondeu que é o “gosto pela natureza, pelo risco e o confronto com o desconhecido”.

Apenas um sujeito afirmou praticar estas actividades por influência familiar. Os restantes jovens ($n = 7$) apontaram a influência dos amigos como a principal razão que os conduz à prática.

Estes resultados estão associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Tabela 21 – Principal razão que conduz à prática do surf / bodyboard.

Principal razão que conduz à prática do surf / bodyboard	Sujeitos	
	f	%
- Pratica só porque os amigos também praticam.	7	17,5%
- Pratica porque tem um familiar próximo que também pratica.	1	2,5%
- Pratica porque gosta da natureza, do risco e do confronto com o desconhecido.	32	80%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 40,6$ ($p < 0,01$, $gl=2$) Diferenças significativas.

Terá algum interesse relacionar esta variável – “principal razão que conduz à prática do surf / bodyboard” – com o tempo de prática, no sentido de verificar se esse “tempo” que se traduz em experiência, tem alguma influência na principal razão que mobiliza os jovens a praticar estas actividades.

4.2.3.1. Tempo de prática *versus* principal razão que conduz à prática do *surf / bodyboard*

A tabela 22 esclarece-nos que independentemente do tempo de prática do sujeito, a principal razão que o levou a praticar *surf / bodyboard* é a atracção pela natureza, pelo risco e o confronto com o desconhecido.

Tabela 22 – Relação entre o tempo de prática e a principal razão que conduz o sujeito à prática do *surf / bodyboard*.

Tempo de prática <i>versus</i> Principal razão que conduz à prática do <i>surf / bodyboard</i>		Sujeitos	
		f	%
Menos de 1 ano	- Pratico só porque os meus amigos também praticam.	2	28%
	- Pratico porque gosto da natureza, do risco e do confronto com o desconhecido.	5	72%
$\chi^2 = 1,3$ ($p > 0,05$, $gl=1$)			
De 1 a 3 anos	- Pratico só porque os meus amigos também praticam.	4	15%
	- Pratico porque tenho um familiar próximo que também pratica.	1	4%
	- Pratico porque gosto da natureza, do risco e do confronto com o desconhecido.	22	81%
$\chi^2 = 28,7$ ($p < 0,01$, $gl=2$)			
De 3 a 5 anos	- Pratico só porque os meus amigos também praticam.	1	33%
	- Pratico porque gosto da natureza, do risco e do confronto com o desconhecido.	2	67%
$\chi^2 = 0,34$ ($p > 0,05$, $gl=1$)			
Mais de 5 anos	- Pratico porque gosto da natureza, do risco e do confronto com o desconhecido.	3	100%

O facto destes resultados estarem associados a diferenças estatisticamente significativas apenas no subgrupo de sujeitos com um a três anos de prática, explica-se com base no maior número de sujeitos pertencentes a este grupo.

4.2.4. Prática de actividades físicas convencionais antes de praticar *surf / bodyboard*

Ao analisar a tabela 23 verificamos que a maioria dos jovens ($n = 35$), antes de praticar *surf / bodyboard*, praticava uma modalidade convencional. Estes resultados estão associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Tabela 23 – Prática de actividades convencionais antes de praticar *surf / bodyboard*.

Antes de praticar <i>surf / bodyboard</i> praticavas alguma actividade física convencional?	Sujeitos	
	f	%
- SIM	35	87,5%
- NÃO	5	12,5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 22,5$ ($p < 0,01$, $gl=1$) Diferenças significativas.

Há que relembrar que neste contexto de estudo as modalidades convencionais caracterizam-se por serem praticadas num espaço uniformizado e estandardizado, sempre igual, sujeitos a horários rígidos e nunca rompendo com o habitual.

4.2.5. Principal razão que leva o jovem a optar pelo *surf* / *bodyboard*

A tabela 24 mostra-nos que a “atracção pelo risco” surgiu como a principal razão que conduziu os jovens a abandonar a modalidade convencional que praticavam e optar pelo *surf* / *bodyboard*, seguindo-se a “incerteza do meio” como a segunda razão mais apontada pelos jovens ($n = 15$).

Estes resultados estão associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Tabela 24 – Principal razão que leva o jovem a optar pelo *surf* / *bodyboard*.

Principal razão que levou o jovem a optar pelo <i>surf</i> / <i>bodyboard</i> .	Sujeitos	
	f	%
- Não estar sujeito a horários rígidos.	1	2,5%
- Estar num envolvimento incerto, nunca igual.	15	37,5%
- Os amigos também preferirem este tipo de actividade.	2	5%
- Atracção pelo risco	20	50%
- Influência / Pressão familiar.	2	5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 39,3$ ($p < 0,01$, $gl=4$) Diferenças significativas.

A procura do risco e envolvimento incerto que rompe com o espaço uniformizado, surgiram como as principais causas que levaram o jovem a abandonar a modalidade convencional que praticavam.

Os resultados obtidos nesta questão mostram claramente que hoje em dia o jovem ousa desafiar os seus limites, através da procura de actividades que envolvam risco, deixando cada vez mais de lado as práticas habituais, estandardizadas, que não têm nada de novo para oferecer a quem busca a procura da verdadeira identidade, do verdadeiro eu...

4.2.6. Reacção familiar relativamente à prática do *surf* / *bodyboard*

A maioria dos jovens ($n = 34$) referiu sentir o apoio da família relativamente à prática do *surf* / *bodyboard*.

Tabela 25 – Reacção da família à prática do *surf / bodyboard*.

Forma como a família reage à prática do <i>surf / bodyboard</i> pelos seus educandos	Sujeitos	
	f	%
- Apoia	34	85%
- Não apoia	0	0%
- Sente receio (devido ao risco que está inerente a este tipo de actividades)	4	10%
- É indiferente	2	5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 48,2$ ($p < 0,01$, $gl=2$) Diferenças significativas.

Nenhum jovem afirmou não se sentir apoiado pela família, mas quatro sujeitos reconheceram que esta sente receio, naturalmente devido ao risco que está inerente a este tipo de actividades. Apenas dois jovens revelaram que a família mostra uma atitude indiferente relativamente a estas práticas. Estes resultados estão associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

4.2.7. Importância da competição na prática do *surf / bodyboard*

Embora não estejam associados a diferenças significativas, será interessante analisar os resultados da tabela 26, atendendo às suas tendências.

Relativamente à importância da competição neste tipo de práticas, 25 jovens afirmaram-na como importante, enquanto que os outros 15 não lhe atribuíram grande importância.

Tabela 26 – Importância da competição na prática do *surf / bodyboard*.

Importância da competição na prática do <i>surf / bodyboard</i>	Sujeitos	
	f	%
- É importante	25	62,5%
- Não é importante	15	37,5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 2,5$ ($p > 0,05$, $gl=1$) Diferenças não significativas.

Neste estudo, terá algum interesse verificar se algumas variáveis como o género, a zona habitacional e tempo de prática têm influência na importância que os jovens dão à vertente competitiva.

4.2.7.1. Género versus importância atribuída à competição

Embora os resultados não estejam associados a diferenças significativas ($p > 0,05$), ao analisar a tabela 27, verificamos que tanto os rapazes como as raparigas, atribuíram alguma importância à competição.

Tabela 27 – Relação entre o género a importância atribuída à competição.

Género <i>versus</i> importância atribuída à competição		Sujeitos	
		f	%
♀	É importante	5	56%
	Não é importante	4	44%
$\chi^2 = 0,12$ (p>0,05, gl=1)			
♂	É importante	20	65%
	Não é importante	11	35%
$\chi^2 = 2,6$ (p>0,05, gl=1)			

Parece-nos no entanto que nos rapazes essa importância está mais vincada (embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas) em virtude da maior diferença de percentagens entre aqueles que atribuíram ou não, importância à competição.

4.2.7.2. Zona habitacional *versus* importância atribuída à competição

Ao relacionar a importância da competição com a zona onde os jovens habitam, nota-se claramente que no Algarve os jovens atribuíram maior valor à vertente competitiva do que no Baixo Alentejo Litoral.

Tabela 28 – Relação entre a zona habitacional e a importância atribuída à competição

Zona habitacional <i>versus</i> importância atribuída à competição			Sujeitos	
			f	%
Algarve	Faro	É importante	17	100%
		Não é importante	0	0%
	Lagos	É importante	5	71%
		Não é importante	2	29%
$\chi^2 = 1,3$ (p>0,05, gl=1)				
Alentejo	Vila Nova de Mil Fontes	É importante	1	14%
		Não é importante	6	86%
	Zambujeira do Mar	É importante	2	22%
		Não é importante	7	78%
$\chi^2 = 3,6$ (p>0,05, gl=1)				
$\chi^2 = 2,8$ (p>0,05, gl=1)				

É de relembrar que o Algarve foi representado por jovens que vivem em meios citadinos (Faro e Lagos) e menos envelhecidos, e o Baixo Alentejo Litoral (Vila Nova de Mil Fontes e Zambujeira do Mar) por jovens que vivem em meio não citadino e mais envelhecidos (vila e aldeia, respectivamente). Este facto poderá estar na base destas diferenças uma vez que os jovens, por estarem a meios mais desenvolvidos talvez tenham outro tipo de motivação para a prática.

4.2.7.3. Tempo de prática versus importância atribuída à competição

O tempo de prática constitui uma variável que também tem alguma influência na importância que os sujeitos dão à competição. Note-se que foram os jovens que têm menos de um ano de prática aqueles que atribuíram menos importância à vertente competitiva. Os restantes sujeitos, com mais tempo de prática, deram mais valor à vertente competitiva.

Tabela 29 – Relação entre o tempo de prática e a importância atribuída à competição.

Tempo de prática versus importância atribuída à competição		Sujeitos	
		f	%
Menos de 1 ano de prática	É importante	3	43%
	Não é importante	4	57%
$\chi^2 = 0,143$ ($p > 0,05$, $gl=1$)			
1 a 3 anos de prática	É importante	18	67%
	Não é importante	9	33%
$\chi^2 = 3,0$ ($p > 0,05$, $gl=1$)			
3 a 5 anos de prática	É importante	2	67%
	Não é importante	1	33%
$\chi^2 = 0,34$ ($p > 0,05$, $gl=1$)			
Mais de 5 anos de prática	É importante	2	67%
	Não é importante	1	33%
$\chi^2 = 0,34$ ($p > 0,05$, $gl=1$)			

Embora os resultados não sejam estatisticamente significativos, reflectem a tendência do que foi referido anteriormente.

Comentário / Resumo ao grupo de questões das razões justificativas da prática

- A maioria da amostra conta com um tempo de prática que varia entre um e três anos;
- Grande parte dos jovens afirmou ter alguém na família que pratica ou praticava *surf / bodyboard*;
- Independentemente do tempo de prática que o jovem tenha, a principal razão que o conduziu a praticar *surf / bodyboard* foi o gosto pela natureza, pelo risco e o confronto com o desconhecido.
- Antes de praticar *surf / bodyboard* a maioria dos jovens praticava uma modalidade convencional.
- A principal razão que os levou a abandonar a modalidade convencional que praticavam e optarem pelo *surf / bodyboard*, foi a atracção pelo risco presente neste tipo de actividades.
- A maioria dos jovens afirmou que a competição assume alguma importância na prática do *surf / bodyboard*. Quanto maior é o tempo de prática maior foi a importância atribuída à vertente competitiva.

- Quando comparados com as raparigas, os rapazes atribuíram mais importância à competição.
- No Algarve (Faro e Lagos) os jovens valorizaram mais a vertente competitiva, relativamente aos jovens do Baixo Alentejo Litoral (Vila Nova de Mil Fontes e Zambujeira do Mar).

Discussão dos resultados

Ao analisar o conjunto de questões relativas às razões justificativas da prática, é claramente notório nos resultados obtidos, que as principais causas que movem os jovens a praticar *surf* e *bodyboard*, estão centradas na procura do risco, na atracção pelo incerto e pelo desconhecido. Embora os jovens tivessem afirmado que inicialmente foram os amigos os grandes impulsionadores para a prática destas actividades, actualmente é o gosto pela natureza, pelo risco e pelo desconhecido a principal razão que os leva a praticar: *“ao início comecei a ir pa dentro d’água porque a malta toda ia...até confesso que ao início ia mais por causa das garinas que tavam sempre na praia a ver a malta a surfar. Mesmo com uma prancha emprestada comecei a fazer umas cenas...via os “prós” e imitava-os...aos poucos fui tomando gosto e agora to totalmente agarrado...se passo uma semana sem ir ao mar fico logo com um feitio que ninguém me atura...parece que me falta alguma coisa. Com a ajuda dos meus cotas já consegui arranjar o meu material, prancha, fato...to totalmente agarrado às altas sensações que o surf me dá...”* (suj. 31).

Costa (2000) refere que o gosto pelo risco manifestado neste tipo de práticas torna-se muito importante na valorização e na formação de identidades, em que o jovem reafirma a sua onipotência determinando o seu poder sobre a vida: *“quando mando uma surfada com o mar muita grande sinto que sou capaz de tudo...sinto-me com poder para enfrentar tudo e todos...venha o que vier...”* (suj. 4).

Ainda segundo esta autora, este tipo de práticas evocam a “aventura” corporal. Esta aventura pressupõe a ruptura com o mundo familiar ou social, a partida para um mundo estranho, e o “mergulho” no desconhecido, indo de encontro a confrontos carregados de incertezas e riscos. Simboliza de certa forma a entrada na vida adulta, onde o jovem procura uma vivência na incerteza ou o avanço incerto para uma existência nova. O desconhecido, o aleatório e o inesperado, passam a ser as condições de desafio e de excitação para o jovem.

Tais resultados também vão de encontro ao que foi referido por Neto (1995), relativamente ao facto dos jovens na sua passagem de estatuto terem necessidade de recorrer a formas extremas de simbolização, em que na maioria delas utilizam e recorrem certas condutas de risco. Seguindo a mesma linha de pensamento, Le Breton (1991), afirma que através de uma

identificação e valorização simbólica, os jovens vão procurando provar a sua possibilidade de estar no meio dos adultos seguindo formas arriscadas e procurando simultaneamente conferir algum sentido existencial às suas vidas.

Também na perspectiva da procura do risco em envolvimento incerto, Le Breton (1991) afirma que de uma forma individual, a “paixão pelo risco” é posta em prática no sentido de conferir alguma identidade aos corpos, quer numa perspectiva de fuga, quer no confronto com a morte, buscando um certo sentido da vida, através de sensações ordálicas ou confronto com um envolvimento incerto. Este autor afirma ainda, que o risco permanece num horizonte inseparável da condição humana. No sentido de apoiar esta ideia podemos referir um testemunho de um jovem: “*já não imagino a minha vida sem a adrenalina que as ondas me dão...aquele risco tão saboroso...já faz parte de mim, já não passo sem ele...*” (suj. 23).

A importância dada pelos jovens ao factor “incerteza” neste tipo de práticas é apoiada por Palmi & Martín (1997). Segundo estes autores, estas actividades são marcadas por uma grande carga de incerteza (objectiva e subjectiva) envolvendo uma conotação de desafio para o sujeito (busca do próprio limite e superação de si mesmo). Por estas razões, a sua prática implica uma importante carga psicológica, na medida em que acarretam uma busca contínua de equilíbrio óptimo entre a competência pessoal (percebida) e o envolvimento em ocasiões altamente desafiantes que permitem ao sujeito avaliar a sua própria auto-eficácia.

Costa (2000) afirma que neste tipo de práticas, a autonomia é buscada pelos jovens praticantes, a transgressão é edificada, mas as limitações impostas pela incerteza do meio, fora do controlo do homem, fazem-no sentir a sua “pequenez” diante do infinito. A ameaça é permanente, por isso é necessário tomar decisões firmes e certas, porque qualquer erro pode ser fatal. A competência, o autocontrolo e a autoconfiança, assumem-se como de extrema importância neste tipo de actividades. O mar educa, disciplina e engrandece.

Neste contexto podemos referir o testemunho de um jovem da nossa amostra, mais experiente (mais de cinco anos de prática), ligado à competição e detentor de uma forte paixão por ondas grandes. Segundo ele, o espírito aventureiro que mantém desde criança e a procura por sensações fortes são as principais causas da sua paixão pelo extremo. Além de que “*gosto de sentir a força da natureza na pele*”. Porém não se pense que o jovem atleta encara estas pesadas sessões de ânimo leve. Muito pelo contrário, um dos seus lemas é “*estar calmo sob pressão e atento ao que nos rodeia. Antes de entrar na água tenho atenção às correntes, onde quebram as ondas, o tempo entre os sets e imagino-me no mar. É muito importante fazer-se uma simulação mental do que poderá acontecer*”. Em todas as situações existe uma pontinha de receio, mas a experiência diz-lhe que “*...as coisas acontecem quando têm que acontecer, independentemente das condições. O mais importante é a*

componente psicológica, é preciso ter calma e noção do que se está a fazer. Levar com umas masmorras na pinha faz parte. Ossos do ofício para quem quer ter altas sensações” (suj. 11).

Hoje em dia o que mais motiva a comunidade surfista são as viagens em busca de ondas perfeitas e sem *crowd* (elevado número de praticantes na água). A procura do desconhecido e a adrenalina por surfar ondas pouco conhecidas, em locais francamente inóspidos, são definitivamente o derradeiro desafio que lhes é imposto. Aos poucos esta motivação foi-se tornando a verdadeira essência deste tipo de práticas. Viver essas sensações e partilhá-las com os amigos são de extrema importância.

O facto da maioria dos jovens ter abandonado as modalidades convencionais que praticavam e terem optado pelo *surf / bodyboard* é argumentada por Neto (1995), pela renovação dos princípios e valores quanto ao entendimento que os jovens têm vindo a dar ao significado da actividades física. Segundo este autor, está a ser construída uma nova e diferente maneira de ver, de estar e entender a prática desportiva que valoriza acima de tudo os aspectos relacionados com a natureza, o risco e a aventura. Os dados da entrevista apoiam esta ideia de Neto (1995), uma vez que os jovens justificam que é a “atração pelo risco” a principal razão que os levou a optar por práticas fortemente relacionadas com a natureza e com a aventura, como é o caso do *surf / bodyboard*. Os jovens valorizam este tipo de práticas que têm lugar num envolvimento incerto e que rompem com a rotina: “*os treinos de futebol aos poucos começaram a ser seca...já tava farto dos mesmos exercícios das mesmas rotinas...senti que tinha de mudar e procurar outras sensações que me fizessem libertar as tensões que a malta acumula de passar tanto tempo de seguida nas aulas...para rotina já basta a escola...*” (suj. 7).

Ainda na opinião de Neto (1995), a liberdade de escolha de práticas físicas de acordo com o seu tempo individual e as suas próprias regras de acção, constitui um dos critérios inerentes a estas actividades que as torna cada vez mais procuradas pelos nossos jovens: “*desde que faço surf, tanto vou à praia logo às sete da matina, como fico a surfar até à noite...depende da maré e daquilo que me dá na real gana...fartei-me dos horários certos dos treinos...já basta os horários que temos de cumprir na escola!*” (suj. 36).

Os horários rígidos que caracterizam as práticas convencionais, cada vez mais deixam de fazer sentido na vida dos jovens, uma vez que é o incerto e o ocasional que eles procuram como escape à vida regrada que têm.

É inevitável que a passagem de uma sociedade pós-industrial para uma sociedade de informação, traga consigo alterações e mudanças evidentes no tecido social, na organização dos modos de vida e na valorização de novas

concepções de actividade cultural e artística. A padronização dos estilos de vida (familiar, escolar e social), das atitudes e comportamentos, leva naturalmente os jovens a procurar sensações novas ou diferentes e mais centradas nos limites da exploração do seu próprio corpo em confronto com o espaço físico e natural (Neto, 1995). Nesta óptica Pais (1993), destaca que os jovens têm assumido ao longo das últimas décadas, um papel importante quanto à mudança social da concepção do desporto, por se revelarem um elo importante na cadeia de reprodução cultural e social.

Este abandono do “convencional” e necessidade do “risco” é também apoiado por Le Breton (1991). Na sua opinião, este tipo de práticas opõe-se à condição banal do homem, em que a sucessão dos dias não sofre nenhum incómodo. Ela arrasta o homem da sua segurança, levando-o a mergulhar numa gama de peripécias quaisquer para as quais não está preparado. Por ser conduzida fora da rotina, ela exige uma via clandestina, marginal e imprevisível, marcadamente perigosa e atraente. A exaltação que ela suscita dá ao jovem uma consciência excitada de existir.

De uma forma geral, as famílias apoiam os seus educandos neste tipo de actividades. Tal é bastante evidente se nos deslocarmos aos fins-de-semana a praias que tenham escolas de *surf / bodyboard*, e observarmos que cada vez mais a família apoia e incentiva os seus filhos nestas práticas, levando-os às aulas, assistindo a estas, etc.: “...os meus cotas até me têm apoiado, levam-me à praia com a malta aos fins-de-semana... mas quando eu estou no mar e eles tão lá fora a ver, eu sei que em algumas situações em que o mar ta mais puxado eles ficam com o coração nas mãos...” (subj. 25).

Com o número de escolas de *surf* e *bodyboard* a crescer cada vez mais ao longo dos últimos anos (FPS, 2007) este tipo de práticas tem vindo a ganhar uma dimensão educativa que antes não tinham. A importância atribuída pelos jovens à competição é relativa e relaciona-se com alguns factores dos quais destacamos o género, a zona habitacional e os anos de prática. Relativamente ao género, nota-se que existe por parte dos rapazes uma maior valorização da vertente competitiva, quando comparados com as raparigas.

Dependendo da zona habitacional do jovem, assim varia a importância atribuída à competição. Naturalmente que nos meios mais desenvolvidos, neste caso em Faro e em Lagos, a divulgação e a mediatização destas práticas adquirem uma dimensão não alcançada nos restantes meios em estudo, menos desenvolvidos (Vila Nova de Mil Fontes e Zambujeira do Mar). O maior desenvolvimento e o maior número de escolas de *surf* e *bodyboard*, bem como a maior divulgação e mediatização destas práticas, poderão representar factores que impelem os jovens no sentido mais competitivo. No Baixo Alentejo Litoral pelo menor número de escolas de *surf* e *bodyboard* existentes, a importância dada à competição é mais baixa

relativamente ao Algarve, onde essas infra-estruturas estão mais desenvolvidas.

O tempo de prática surge também como uma variável que influencia a importância atribuída à competição. Naturalmente que com o aumento dos anos de prática, existe um crescente aumento do rendimento em termos técnicos, sendo natural que comece a surgir o interesse em participar em competições. Além do gosto pelo risco e de querer superar-se e vencer os obstáculos da natureza, o jovem deseja também ganhar aos seus adversários, aperfeiçoar a sua técnica e obter resultados: “...antes ia curtir umas ondas e bastava-me...desde que participei num campeonatozito que a malta organizou só para os mais chegados, começou a crescer o bichinho e dei por mim a inscrever-me nos campeonatos locais...a competição começou a ser importante para mim e desde aí sinto-me a evoluir mais tecnicamente...esforço-me mais em tudo o que faço...mas também não me tornei fanático dos resultados...apenas dá mais pica...” (suj.27).

4.3. Motivação / Significado da prática de *surf* e *bodyboard*

4.3.1. Principal expectativa pessoal relativamente à prática de *surf* / *bodyboard*

Ao observar a tabela 30 verificamos que a maior parte dos jovens (n = 22) referiu que a principal expectativa pessoal relativamente à prática de *surf* / *bodyboard* é a “superação das próprias capacidades e percepção do limite na exploração do corpo”.

Estes resultados estão associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Tabela 30 – Principal expectativa pessoal relativamente à prática de *surf* / *bodyboard*.

Principal expectativa pessoal relativamente à prática de <i>surf</i> / <i>bodyboard</i>	Sujeitos	
	f	%
- Melhoria da técnica individual	7	17,5%
- Competição	5	12,5%
- Superação das próprias capacidades e percepção do limite na exploração do corpo.	22	55%
- Confronto directo com a natureza	6	15%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 19,4$ ($p < 0,01$, $gl=3$) Diferenças significativas.

Da exploração dos dados da entrevista verificámos que os cinco sujeitos que responderam ser a competição a principal expectativa pessoal relativamente à prática de *surf* / *bodyboard* são do género masculino e habitam em meios citadinos (Faro e Lagos). Tal questão já foi abordada anteriormente no ponto 4.2.7.2. (relação entre a importância dada à competição e a zona habitacional). Há que referir também que o tempo de

prática desses cinco jovens vai para cima dos três anos. É natural que a vertente competitiva seja mais valorizada com esse tempo de prática.

Uma minoria da amostra ($n = 7$) assume que é a “melhoria da técnica individual” a sua principal expectativa relativamente à prática do *surf / bodyboard*.

A expectativa de cada jovem relativamente à prática do *surf / bodyboard* poderá variar relativamente ao tempo de prática. Parece-nos que esta relação merece algum interesse neste trabalho.

4.2.3.1. Tempo de prática versus principal expectativa pessoal relativamente à prática do *surf / bodyboard*

A tabela 31 revela-nos a relação existente entre o tempo de prática, e a principal expectativa pessoal dos jovens relativamente à prática de *surf / bodyboard*.

Tabela 31 – Relação entre o tempo de prática e a principal expectativa pessoal relativamente à prática do *surf / bodyboard*.

Tempo de prática versus principal expectativa pessoal relativamente à prática de <i>surf / bodyboard</i>		Sujeitos	
		f	%
Menos de 1 ano	- Melhoria da técnica individual.	1	14%
	- Superação das próprias capacidades e percepção do limite na exploração do corpo.	5	72%
	- Confronto directo com a natureza.	1	14%
$\chi^2 = 4,6$ ($p > 0,05$, $gl=1$)			
De 1 a 3 anos	- Melhoria da técnica individual.	6	22%
	- Competição	2	8%
	- Superação das próprias capacidades e percepção do limite na exploração do corpo.	14	52%
	- Confronto directo com a natureza.	5	18%
$\chi^2 = 11,7$ ($p < 0,01$, $gl=3$)			
De 3 a 5 anos	- Competição	1	33%
	- Superação das próprias capacidades e percepção do limite na exploração do corpo.	2	67%
$\chi^2 = 0,3$ ($p > 0,05$, $gl=1$)			
Mais de 5 anos	- Competição	2	67%
	- Superação das próprias capacidades e percepção do limite na exploração do corpo.	1	33%
$\chi^2 = 0,3$ ($p > 0,05$, $gl=1$)			

Note-se que apenas os sujeitos que praticam *surf / bodyboard* há mais de cinco anos admitiram ter como principal expectativa a competição. Estes resultados são de certa forma previsíveis, uma vez que os sujeitos com mais tempo de prática, por já terem vivenciadas mais situações limite, já conhecem melhor o seu corpo. Logo as expectativas começam a inclinar-se para outra vertente, neste caso a competitiva.

Os restantes sujeitos, com menos tempo de prática foram unânimes em considerar a “superação das próprias capacidades e percepção do limite na exploração do corpo” como a principal expectativa relativamente à prática, estando este resultado associado a diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,01$) nos sujeitos com um a três anos de prática.

4.3.2. Reacção perante situações adversas relativamente à prática

A tabela 32 revela-nos que perante situações climatéricas adversas, todos os jovens que fazem parte da amostra referiram que conseguem abstrair-se e entrar no mar totalmente envolvidos pelo gosto da actividade.

Tabela 32 – Reacção dos sujeitos perante situações adversas relativamente à prática.

Quando há muito frio e as condições não são convidativas	Sujeitos	
	f	%
- Entro no mar (abstraio-me das condições adversas)	40	100%
- Não entro no mar (as adversidades superam o gosto pela prática)	0	0%
TOTAL	40	100%

A chuva, o frio e o vento, constituem para estes jovens, factores climatéricos que não se tornam impeditivos da prática, desde que não prejudiquem as condições do mar (a direcção do vento, por exemplo) e que tenham todo o equipamento básico que lhes permita combater tais intempéries (bom fato de neoprene, luvas, botas, etc).

4.3.3. Principal sensação ao entrar no mar

Quando questionados acerca da principal sensação quando entram no mar, a grande parte dos jovens ($n = 26$) respondeu que “mergulham noutra dimensão e abstraem-se completamente da realidade”.

Tabela 33 – Caracterização da principal sensação dos sujeitos quando entram no mar.

Principal sensação quando se entra no mar	Sujeitos	
	f	%
- Mergulho noutra dimensão e abstracção completa da realidade	26	65%
- Sentimento de realização	8	20%
- Não sente nada de especial	3	7,5%
- Sente muito respeito	3	7,5%
- Sente medo	0	0%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 35,8$ ($p < 0,01$, $gl=3$) Diferenças significativas.

Alguns jovens (n = 8) afirmam que a principal sensação quando entram no mar é o “sentimento de realização”. Nenhum jovem respondeu “sentir medo” ao entrar no mar, mas sim “sentir muito respeito” (n = 3).

Estes resultados estão associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

4.3.4. Principal sensação quando o sujeito “dropa” uma onda maior que o normal

O termo “dropar” significa descer a onda. Quando questionados sobre a principal sensação quando “dropam” uma onda maior que o normal, dezasseis jovens afirmaram sentir a “superação dos próprios limites”.

Tabela 34 – Caracterização da principal sensação dos sujeitos quando “dropam” uma onda maior que o normal.

Principal sensação quando se “dropa” uma onda maior que o normal	Sujeitos	
	f	%
- Receio de se magoar	5	12,5%
- Superação dos próprios limites	16	40%
- Êxtase e total envolvimento com a natureza	11	27,5%
- Transfer para a vida real (“se tiver sucesso serei capaz de resolver os meus problemas do dia-a-dia”)	8	20%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 6,6$ ($p > 0,05$, $gl=3$) Diferenças não significativas.

Logo a seguir, onze jovens admitiram que perante a situação de descer uma onda maior, sentem-se em “êxtase e total envolvimento com a natureza”. Os restantes oito jovens pertencentes à amostra transferiram este desafio de “dropar” uma onda maior que o normal, para a vida real, e traçaram um paralelismo entre as dificuldades que sentem dentro de água e os problemas do dia-a-dia (“se tiver sucesso dentro de água, serei capaz de resolver os meus problemas do dia-a-dia”).

Há no entanto que referir que estes resultados não estão associados a diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

4.3.5. Tipo de situação surfar faz o sujeito sentir-se mais envolvido com a natureza e o conduz a um especial estado de excitação

Ao analisar a tabela 35 verificamos que o tipo de situação que fez a maioria dos jovens (n = 24) sentir-se mais envolvido com a natureza (ao conjugar a qualidade das ondas e a companhia dos amigos), foi “estar numa praia com ondas razoáveis e com o grupo de amigos predilecto”.

Tabela 35 – Caracterização do tipo de situação que faz o sujeito sentir-se mais envolvido com a natureza.

Situação que faz o sujeito sentir-se mais envolvido com a natureza	Sujeitos	
	f	%
- Apanhar ondas perfeitas mesmo que esteja sozinho	9	22,5%
- Independentemente do estado do mar, estar na companhia dos amigos	7	17,5%
- Estar numa praia com ondas razoáveis e com o grupo de amigos predilecto	24	60%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 13,0$ ($p < 0,01$, $gl=2$) Diferenças significativas.

Nesta questão, realça-se uma significativa valorização do grupo de amigos. Mesmo que as ondas não estejam perfeitas, a presença do grupo de amigos, assume-se como um factor preponderante na garantia da qualidade da “surfada”. Essa valorização é testemunhada pelas diferenças estatisticamente significativas nos resultados ($p < 0,01$).

Entendemos com isto, que para os jovens, surfar não se restringe apenas ao apanhar boas ondas, mas também a um conjunto de experiências partilhadas com o grupo de amigos dentro de água, que enriquece e envolve os momentos de uma magia extrema, estimulando o jovem a sentir-se mais envolvido com a natureza e conduzindo-o simultaneamente a um estado especial de excitação.

4.3.6. Percepção de uma “modificação” pessoal perante o confronto com uma situação de aproximação ao limite

Perante o confronto com uma situação de aproximação ao limite, 85% dos jovens foram unânimes em “sentirem-se mais confiantes em si próprios e nas suas capacidades”. Apenas 15% dos sujeitos sentiram que nada se modificou em si após a aproximação ao limite. Estes resultados estão associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Tabela 36 – Percepção de modificação perante o confronto com uma situação de aproximação ao limite.

Perante uma situação de “apuro” e uma “aproximação ao limite” algo se modificou?	Sujeitos	
	f	%
- Sente-se igual, nada se modificou	6	15%
- Sente-se mais confiante em si próprio e nas suas capacidades	34	85%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 19,6$ ($p < 0,01$, $gl=1$) Diferenças significativas.

Comentário / Resumo ao grupo de questões da motivação / significado da prática

- A principal expectativa pessoal relativamente à prática de *surf / bodyboard* pelos jovens da amostra esteve centrada na superação das próprias capacidades e percepção do limite na exploração do corpo.

- Ao relacionarmos o tempo de prática do jovem com a principal expectativa pessoal relativamente ao *surf / bodyboard*, verificámos que apenas os sujeitos que praticam há mais de cinco anos têm como principal expectativa a competição. Os restantes sujeitos, com menos tempo de prática foram unânimes em considerar a “superação das próprias capacidades e percepção do limite na exploração do corpo” como a principal expectativa relativamente à prática.

- Perante o confronto com situações adversas (frio, chuva, vento), todos os jovens da amostra afirmaram que entram no mar, abstraindo-se de tais situações. O gosto pela prática supera as intempéries.

- A maioria dos jovens admitiram quando entram no mar sentem que mergulham noutra dimensão e abstraem-se completamente da realidade.

- Uma parte dos jovens afirmaram que sente a superação dos próprios limites quando “dropa” uma onda maior que o normal. No entanto existem outros que revelaram que perante tal situação se sentem em êxtase e totalmente envolvidos pela natureza.

- O tipo de situação (conjugando o estado do mar e a companhia) que fez o sujeito sentir-se mais envolvido com a natureza e o conduziu a um especial estado de excitação, foi estar numa praia com ondas razoáveis e com o grupo de amigos predilecto.

- Perante uma situação de “apuro” e uma “aproximação ao limite” (no mar), a maioria dos jovens admitiu perceber uma modificação pessoal, sentindo-se mais confiante em si e nas suas capacidades.

Discussão dos resultados

As práticas dos jovens, valem pelo significado que adquirem em cada contexto e em determinada realidade social. Quando consideradas isoladamente, estas são desprovidas de qualquer significado.

Revela-se de extraordinária importância interpretar as práticas simbólicas que caracterizam as diferentes culturas a partir dos contextos sociais em que os jovens se movem, de forma a assimilar da melhor forma possível o significado que, normalmente, estes dão às suas acções e às suas actividades quotidianas.

Neste capítulo da entrevista, tentámos averiguar qual o significado que os jovens dão à prática do *surf / bodyboard*, e de que forma eles transpõem esse significado para a vida real.

Na opinião de Neto (1995) a prática de actividades em que o risco e a aventura corporal estão presentes, permitem perceber a noção dos limites

do corpo, em situação de transcendência (harmonia) e de superação do caos (conflito). Os resultados obtidos no nosso estudo vão de encontro a esta ideia, em que a maioria dos jovens da amostra afirma que a principal expectativa pessoal relativamente à prática do *surf* e do *bodyboard* reside na superação das próprias capacidades e percepção do limite na exploração do corpo. Tal não significa mais do que o conhecimento do próprio corpo que as actividades desta natureza proporcionam. Perante situações em que o mar está maior que o normal, a maioria dos sujeitos afirma, que ao praticar nestas condições, sente a “superação dos seus próprios limites”: “...o mar dá-me a conhecer as minhas verdadeiras capacidades, tanto físicas como psicológicas...nada nesta vida me proporciona esta sensação como o mar o faz...” (suj. 10).

Costa (2000) questiona até que ponto esse desafio aos limites não se traduz em aspectos lúdicos de jogar com a existência afirmando a sua onnipotência.

Ainda no contexto destes resultados, Neto (1995) defende que a prática destas actividades de risco, que evocam essencialmente o conhecimento do corpo e dos seus limites, implicam um aperfeiçoamento da capacidade de disciplina e organização individual. Um eventual erro pode ser fatal. O confronto é estabelecido com o meio físico (natureza), mas principalmente consigo próprio. As estratégias e tomadas de decisão têm obrigatoriamente de estar associadas a um nível de perícia corporal necessário para a resolução de problemas que cada situação nova vai criando. Tal pressupõe a exploração e o conhecimento do próprio corpo.

Loret (1995) afirma que numa altura em que primam todos os desafios, os jovens deixam os seus corpos ao abandono das vertigens, onde as sensações mais fortes têm lugar: “às vezes quando me atiro às maiores até parece que me deixo de sentir...é um alucínio completo...só volto a sentir o meu corpinho quando levo com o caldo em cima...” (suj. 18).

Ainda relativo à principal expectativa pessoal na prática destas actividades, existe um número muito reduzido de jovens que se centra na melhoria da técnica individual. Costa (2000) defende que uma das particularidades destas práticas, reside numa outra maneira de olhar para a técnica: esta é vista como um meio e não como um fim. Para os jovens praticantes de *surf* e *bodyboard*, as técnicas são meios ao serviço do seu prazer e da sua felicidade, e não fins que é necessário cumprir para obter um determinado rendimento padronizado, que garante a subida ao pódio. Os *surfistas* para além de dominarem toda a técnica requerida pela própria modalidade, sentem um prazer imenso em usufruírem do mar como também da vida e do esforço físico realizado em plena natureza. Para eles a técnica serviu para melhor poderem usufruir de todo um conjunto de situações que a

modalidade lhes pode proporcionar e não, simplesmente, para a melhoria da técnica em si.

Todos os sujeitos foram unânimes em afirmar que perante situações adversas entram no mar, o que lhes proporciona um “mergulho noutra dimensão e uma abstracção completa da realidade”. Este “mergulho” representa aquilo que as práticas como o *surf* e o *bodyboard* significam para o jovem: um “escape” ao normal; uma fuga à realidade onde vão buscar forças e energia para continuar a viver as suas rotinas: *“quanto mais frio, mais chuva, maior tiver o mar, mais envolvente se torna a surfada... pomos tudo de lado, para única e simplesmente viver aquele momento... é totalmente absorvente surfar nestas condições... os problemas do dia-a-dia ficam na areia...”* (suj. 4).

Este confronto com o risco, que conduz ao limite, ao conhecimento do próprio corpo e à submersão num mundo imaginário, assume um significado muito especial para o jovem, na medida em que representa um rito de passagem entre dois estatutos.

Os ritos de passagem dos jovens de hoje, e mais especificamente os amantes de desportos na natureza, neste caso, o *surf* e *bodyboard*, são contextualizados por actividades que incluam o factor risco.

Este significado que os jovens dão à prática, não se restringe única e simplesmente às condições externas. Quando questionados sobre a situação que os faz sentir mais envolvidos com a prática, os jovens valorizam não só o facto de apanhar boas ondas, mas também a companhia dos amigos. A “onda dos amigos” é desta forma bastante valorizada pelos jovens: *“...a companhia da minha malta na surfada torna tudo mais especial... partilhar aqueles momentos mágicos com os amigos, é algo que nem consigo descrever de tão bom que é...”* (suj. 7).

Por tudo aquilo que já foi referido, os jovens percebem uma “modificação pessoal” por praticarem estas actividades que evocam o risco e a aproximação ao limite. Eles afirmam sentir-se mais confiantes em si mesmo e nas suas capacidades. Existe uma transposição daquilo que se passa dentro de água para a vida real. Através de um “corpo imaginário” o jovem busca excitação, conseguindo alcançar um prazer sem limites, que se irá transpor de forma terapêutica para a vida real: *“...desde que comecei a apanhar umas ondas, que me sinto diferente... mais confiante, mais descontraído e seguro na vida... é mais ou menos como se me sentisse protegido das coisas más... resolver problemas tornou-se mais fácil para mim!...”* (suj. 33).

Como já foi referido por Le Breton (1991), o risco permanece num horizonte inseparável da condição humana. Ele constrói-se nas condições sociais e culturais de cada comunidade, incorporando fragilidades e variando

em função do tempo e do lugar. A determinação objectiva do risco e dos perigos mistura-se com a subjectividade das representações e dos imaginários sociais. Para este autor, a análise calculada dos riscos mostra que os indivíduos absorvem os seus raciocínios e seus imaginários numa racionalidade social e cultural fundada sobre as suas formas de viver e valores pessoais.

4.4. Contexto de prática

4.4.1. Regularidade na prática ao longo de todo o ano

A tabela 36 mostra-nos que quando questionados sobre a regularidade da prática, metade dos nossos jovens (n = 20) responderam que em média surfam um ou duas vezes por semana ao longo de todo o ano.

Tabela 37 – Regularidade na prática de *surf/bodyboard* ao longo do ano.

Regularidade de prática ao longo do ano	Sujeitos	
	f	%
- Quase todos os dias	15	37,5%
- 1 ou 2 vezes por semana	20	50%
- 1 ou 4 vezes por mês	5	12,5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 8,7$ ($p > 0,05$, $gl = 2$) Diferenças não significativas

Nesta questão é importante esclarecer que no verão esta regularidade aumenta, por um lado porque o jovem está de férias e tem mais tempo disponível para a prática, e por outro porque as condições climáticas são melhores e mais confortáveis. Na altura em que o jovem não se encontra de férias, este conta apenas com o fim-de-semana, uma vez que durante a semana a excessiva carga horária da escola faz com que o jovem passe praticamente todo o dia nela. No entanto ao longo de todo o ano, o valor médio estabelecido é de uma ou duas vezes por semana. Logo a seguir a esta categoria, surgem quinze jovens que afirmam surfar quase todos os dias ao longo de todo o ano. Um pequeno número de jovens (n = 5) afirma surfar apenas de uma a quatro vezes por mês. No entanto, estes resultados não estão associados a diferenças estatisticamente significativas.

4.4.2. Companhia com quem o sujeito costuma ir habitualmente para a praia

Devido à importância que o grupo de amigos assume nos jovens que compõem esta amostra, quando questionados acerca da companhia com quem habitualmente vão à praia, trinta e sete sujeitos responderam que vão com os amigos, deixando claramente para trás a família (n = 1) e opção de irem

sozinhos (n = 2). É de realçar que estes resultados estão associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Tabela 38 – Companhia com quem o sujeito costuma ir para a praia.

Companhia com quem costuma ir habitualmente para a praia	Sujeitos	
	f	%
- Família	1	2,5%
- Amigos	37	92,5%
- Sozinho	2	5
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 63,1$ ($p < 0,01$, $gl=2$) Diferenças significativas

4.4.3. Situação ideal para surfar (local e companhia)

A título de esclarecimento, *spot* significa local.

Quando questionados acerca da situação que consideram ideal para surfar, conjugando o local e a companhia, a maioria dos jovens (n = 31) afirmaram que o ideal é estarem com o seu grupo de amigos na praia que consideram ser a “sua”, que normalmente é a praia local. É onde se sentem mais à vontade, uma vez que são conhecedores profundos das condições de prática, sendo lá que mais facilmente conseguem juntar o grupo de amigos.

Tabela 39 – Situação considerada ideal para surfar.

Situação ideal para surfar	Sujeitos	
	f	%
- Sozinho na praia preferida (local)	3	7,5%
- Com os meus amigos na praia favorita (local)	31	77,5%
- Sozinho num <i>spot</i> novo	0	0%
- Com os meus amigos num “spot” novo	6	15%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 35,5$ ($p < 0,01$, $gl=2$) Diferenças significativas

Há que referir, que nesta questão nenhum jovem respondeu à categoria “sozinho num *spot* novo”, uma vez que esta situação, quando vivida de forma isolada não se torna muito cómoda, nem é recomendável, sob o ponto de vista da segurança. No entanto, alguns jovens (n = 6) afirmaram que a situação ideal para surfar, seria com os amigos num *spot* novo, realçando nesta questão o carácter aventureiro e de descoberta.

Estes resultados associam-se a diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,01$).

4.4.4. Idas à praia sozinho na impossibilidade dos amigos irem

Relativamente às idas à praia sozinho na impossibilidade dos amigos irem, a maioria dos jovens ($n = 27$) afirmaram que sempre que podem ir à praia aproveitam, pois não conseguem deixar de surfar.

Tabela 40 – Idas à praia sozinho, na impossibilidade dos amigos irem.

“Se os teus amigos não puderem ir contigo à praia, tu vais ou não?”	Sujeitos	
	f	%
- “Não vou, não gosto de surfar sozinho”	13	32,5%
- “Vou. Porque apesar deles não poderem ir eu não consigo deixar de surfar.”	27	67,5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 4,9$ ($p > 0,05$, $gl=1$) Diferenças não significativas

Em contrapartida, os restantes jovens da amostra ($n = 13$) revelaram que quando os amigos não podem ir, eles também não vão, mesmo que tenham disponibilidade, já que não gostam de surfar sem o seu grupo de amigos.

4.4.5. Preferência no estado do mar

Acerca do estado do mar, existem mais jovens ($n = 25$) que admitiram preferir surfar num mar tranquilo, relativamente a um mar de risco ($n = 15$).

Tabela 41 – Preferência do sujeito pelo estado do mar.

Preferência por um “mar tranquilo” ou por um “mar de risco”.	Sujeitos	
	f	%
- Mar tranquilo (maior segurança)	25	62,5%
- Mar de risco (mais emoção)	15	37,5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 2,5$ ($p > 0,05$, $gl=1$) Diferenças não significativas

Relacionar esta questão com o tempo de prática do jovem, também se torna pertinente no sentido de verificar se os sujeitos mais experientes preferem um mar onde obtenham mais emoções.

4.4.5.1. Tempo de prática versus preferência no estado do mar

Embora não estejam associados as diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$), a tendência dos resultados evidenciada na tabela 41, mostra-nos que à medida que aumenta o tempo de prática (de 3 a 5 anos; mais de 5 anos) os sujeitos, por terem mais experiência e confiança, admitiram preferir um mar maior (mais risco) de onde consigam tirar mais emoção. Ao contrário, aqueles com menos tempo de prática (menos de 1 ano;

1 a 3 anos) revelaram preferência por um mar mais tranquilo e mais seguro, que lhes permita realizar as aprendizagens de uma forma mais confiante, sem apanharem grandes sustos.

Tabela 42 – Relação entre o tempo de prática e a preferência do estado do mar.

	Tempo de prática <i>versus</i> preferência do estado do mar	Sujeitos	
		f	%
Menos de 1 ano	- Mar tranquilo (maior segurança)	6	86%
	- Mar de risco (mais emoção)	1	14%
	$\chi^2 = 3,6$ ($p > 0,05$, $g_l = 1$)		
De 1 a 3 anos	- Mar tranquilo (maior segurança)	17	63%
	- Mar de risco (mais emoção)	10	37%
	$\chi^2 = 1,8$ ($p > 0,05$, $g_l = 1$)		
De 3 a 5 anos	- Mar tranquilo (maior segurança)	1	33%
	- Mar de risco (mais emoção)	2	67%
	$\chi^2 = 0,3$ ($p > 0,05$, $g_l = 1$)		
Mais de 5 anos	- Mar tranquilo (maior segurança)	1	33%
	- Mar de risco (mais emoção)	2	67%
	$\chi^2 = 0,3$ ($p > 0,05$, $g_l = 1$)		

Comentário / Resumo ao grupo de questões sobre o contexto da prática

- Ao longo do ano, a maioria dos jovens da amostra, teve uma regularidade de prática de uma ou duas vezes por semana. Existe também um grupo de jovens que admitiu surfar quase todos os dias.
- Habitualmente, grande parte dos jovens, costuma ir para a praia com o seu grupo de amigos.
- A situação considerada ideal para surfar pela maioria dos jovens, é com o seu grupo de amigos na sua praia favorita (local).
- Na impossibilidade dos amigos irem à praia, a maioria dos jovens, afirmou que vai à praia mesmo sozinho, uma vez que não conseguem deixar de surfar só porque os amigos não podem ir.
- Acerca do estado do mar, existem mais jovens que admitiram preferir um mar tranquilo que ofereça mais segurança, relativamente a um mar de risco, onde prima a emoção. São os jovens com mais tempo de prática (3 a 5 anos e mais de 5 anos), aqueles que na sua maioria, revelaram preferir um mar que proporcione mais risco.

Discussão dos resultados

Se considerarmos de forma isolada, as práticas quotidianas dificilmente se entendem. Há que as contextualizar.

As actividades físicas ocorrem num contexto social pelo que têm implicações relevantes para o desenvolvimento de competências sociais, nomeadamente na capacidade para interagir eficazmente com os outros (Malina, 1994).

Os resultados da entrevista mostram que no contexto em que o jovem pratica *surf / bodyboard*, existe uma significativa valorização do grupo de amigos. Os amigos são a companhia nas idas à praia e na partilha de todas as sensações que advém da prática. Sem eles a prática perde o seu verdadeiro significado e fica de certa forma descontextualizada: “...*surf*ar sem a minha malta por perto nunca é a mesma coisa...até curto as ondas...mas fica a faltar aquela pica colectiva... aquela confiança que conseguimos transmitir uns aos outros e que nos faz lançar nas ondas maiores...” (suj. 9).

Na opinião de Neto (1995) torna-se importante perceber que a aderência a este tipo de práticas constituem um meio para que os jovens possam evidenciar as suas culturas específicas e as formas de sociabilidades que lhes estão associadas. Segundo este autor, estas práticas obedecem a um conjunto de critérios. De entre eles, Neto (1995) destaca que estas assentam no desenvolvimento de uma cultura específica de grupos de amigos, com base em relações de solidariedade e convivencialidade. Trata-se de valorizar o encontro, o convívio e a manifestação de projectos colectivos. Estas actividades implicam um contexto e uma filosofia própria, uma dinâmica específica na prática, um entusiasmo característico e um desafio abrangente de grupo.

A importância que os jovens dão ao grupo de amigos está bem expressa por alguns sujeitos, que admitem que na impossibilidade dos amigos irem à praia eles também não vão. A prática perde o seu interesse se os amigos não estiverem presentes.

Esta questão do grupo de amigos e da sociabilidade irá também merecer destaque no capítulo seguinte, relativo à socialização.

O próprio local onde os jovens revelam preferir surfar com os amigos - na sua praia local - reforça ainda mais a importância do contexto vivencial das situações de prática e a existência de uma cultura específica, apelando a um certo “localismo” que conota muitas vezes estas actividades: “*surf*ar com a nossa malta na nossa praia, dá uma confiança e uma força como não sentimos em mais sítio nenhum...fortalece o ego e só dá vontade de nos jogarmos de cabeça às maiores. A malta que vem de fora, pode surfar desde que não venha com o narizinho muito arrebitado e nos respeite...agora se começam a dropinar a malta aí tá tudo lixado...” (suj. 22).

Agora devido ao crescente número de praticantes e ao mediatismo que o *surf* e o *bodyboard* têm vindo a atingir ao longo dos últimos anos, esse “localismo” já está quase extinto. No entanto existem locais com menos abertura a grupos novos, onde a imposição dos praticantes locais está bem vincado, originando muitas vezes descatos e ambientes pesados e hostis, que em nada beneficiam o crescimento e o desenvolvimento destas modalidades.

É necessário o respeito de todos os praticantes, porque dentro de água existem regras e prioridades que devem ser seguidas e respeitadas por todos. O mar é de todos: é a ideia que deve prevalecer acima de tudo.

A última questão deste grupo – preferência do estado do mar – remete-nos à dicotomia existente entre o risco e a segurança, isto é, entre as condições de prática que proporcionam maior segurança e outras, mais perigosas, que envolvem mais risco e que levam o sujeito a atingir emoções mais fortes.

Aquilo que se pode depreender dos resultados é que ao procurarem o risco, os jovens gostam de senti-lo até certo ponto. Eles gostam de sentir também a segurança, principalmente os jovens que têm pouco tempo de prática. Esta dicotomia existente entre o risco e a segurança, revela que embora os jovens gostem de sentir o risco, eles não conseguem abandonar completamente o próprio corpo. Trata-se portanto de um risco calculado, escolhido, até ao limite que cada indivíduo julga ser o seu. Esses limites não variando, porque o indivíduo com o tempo, vai superando-os: “...*ainda no outro dia apanhei um susto valente...apanhei com uma em cima que demorei uma data de tempo a vir acima outra vez...logo a seguir apanhei com outra...até vi a minha vida a andar para trás...gosto muito da adrenalina que as ondas dão mas tenho de sentir que tenho o controlo da situação...*” (suj. 39).

Relativamente a este assunto, Le Breton (1991) admite que o risco deliberadamente escolhido é mais aceitável que o imposto pelas circunstâncias. Durante o momento de escolha, o risco merece ser vivido; nos outros momentos da vida, fora do momento escolhido para arriscar, o indivíduo fica atento à sua segurança.

Bourdieu (1989) admite que o facto do jovem perseguir deliberadamente o risco modifica-lhe o sentido da vida, marcando a sua individualidade. O gosto de “jogar” com o perigo torna-se quase um vício, parecendo tratar-se de um deslize do profano da vida pacata, segura, confortável, protegida pelos regulamentos sociais, ao sagrado de uma vida na qual a luta e o sacrifício desembocam num êxtase fenomenal, selvagem, bruto e provocador.

O risco tornou-se a referência essencial da sociedade, diz Le Breton (1991), em vários domínios, nomeadamente no lazer. O risco calculado impõe-se, então, como uma noção essencial para pensar e repensar a juventude, ou para encarar e interpretar algumas condutas evidenciadas por estes.

4.5. Socialização

4.5.1. Grupo com quem o sujeito costuma surfar

Ao analisar a tabela 43, verifica-se que mais de metade dos jovens da amostra (n = 21) revelaram que raramente variam o grupo com quem costumam surfar.

Tabela 43 – Variação do grupo com quem o sujeito costuma surfar.

Grupo com quem o sujeito costuma surfar	Sujeitos	
	f	%
- É sempre o mesmo	15	37,5%
- Raramente varia	21	52,5%
- Varia muitas vezes de grupo	4	10%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 11,2$ (p<0,01, gl=2) Diferenças significativas

Quinze jovens afirmam surfar sempre com o mesmo grupo de amigos, e apenas uma minoria de sujeitos (n = 4) varia muitas vezes no “grupo da surfada”.

Estes resultados estão associados a diferenças estatisticamente significativas (p<0,01).

4.5.2. Importância do grupo de amigos na prática do surf / bodyboard

Ao serem questionados acerca da importância que assume o grupo de amigos na prática do surf / bodyboard, a maioria da amostra (n = 32) foi unânime em admitir que “o grupo de amigos é importante, mas surfaria mesmo sem eles”. Tais resultados revelam que nestes jovens, o gosto pela prática transcende a dependência relativamente ao grupo de amigos.

Tabela 44 – Importância do grupo de amigos na prática do surf / bodyboard

Importância do grupo de amigos na prática do surf / bodyboard	Sujeitos	
	f	%
- “É importante. Não surfaria sem eles.”	8	20%
- “É importante mas surfaria mesmo sem eles”	32	80%
- “Não é muito importante o meu grupo de amigos	0	0%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 14,4$ (p<0,01, gl=1) Diferenças significativas

Apenas uma pequena parte da amostra (n = 8) admitiu que “o grupo de amigos é importante e que não surfariam sem eles”.

Estes resultados estão associados a diferenças estatisticamente significativas (p<0,01).

4.5.3. Local onde o jovem se sente melhor

Quando questionados acerca do local onde se sentem melhor, os jovens da amostra (n = 40) foram unânimes em responder que “é na praia a surfar com o grupo de amigos”.

Tabela 45 – Local onde o sujeito se sente melhor

Local onde o jovem se sente melhor	Sujeitos	
	f	%
- Em casa com os pais	0	0%
- Na praia a surfar com o meu grupo de amigos	40	100%
TOTAL	40	100%

A praia representa o espaço de socialização do jovem onde ele se liberta, e simultaneamente se encontra e descobre.

4.5.3.1. Razão pela qual o sujeito se sente melhor a surfar com o grupo de amigos

Para justificar a opção na questão anterior (4.5.3), a maioria dos jovens (n = 28) explicou que “é com os amigos a surfar que descobre realmente a pessoa que é, assumindo a sua verdadeira identidade”.

Tabela 46 – Razão pela qual o sujeito se sente melhor a surfar com o grupo de amigos.

Razão pela qual o sujeito se sente melhor a surfar com o seu grupo de amigos	Sujeitos	
	f	%
- Maior segurança perto dos amigos	9	22,5%
- Em casa não consegue libertar-se e mostrar aquilo que realmente é.	3	7,5%
- É com os amigos a surfar que descobre realmente a pessoa que é assumindo a sua verdadeira identidade	28	70%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 25,6$ (p<0,01, gl=2) Diferenças significativas

Por outro lado, alguns jovens (n = 9) admitem sentir “maior segurança perto dos amigos”, estando estes resultados associados a diferenças estatisticamente significativas (p<0,01).

4.5.4. Existência de tempo livre para o sujeito fazer aquilo que gosta

Ao serem confrontados com a questão da existência do tempo livre, a maior parte dos jovens (n = 24) admitiram “ter o tempo suficiente para fazer aquilo que gostam”. No entanto, alguns sujeitos (n = 13) revelaram ter pouco tempo livre, facto que poderá ser explicado pelo grande número de horas

passadas na escola. Estes resultados estão associados a diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 47 – Existência de tempo livre para o sujeito fazer aquilo que gosta.

Existência de tempo livre para fazer aquilo que gosta	Sujeitos	
	f	%
- Não tem tempo livre	0	0%
- Tem pouco tempo livre	13	32,5%
- Tem o tempo suficiente para fazer aquilo que gosta	24	60%
- Tem muito tempo livre	3	7,5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 16,6$ ($p < 0,01$, $gl=2$) Diferenças significativas

4.5.5. Importância do tempo livre para o sujeito

A grande maioria dos jovens ($n = 37$) defendeu que o tempo livre assume extrema importância, na medida em que “é nele que se identifica e se encontra com ele próprio”.

Tabela 48 – Importância do tempo livre para o sujeito

Importância do tempo livre para o sujeito	Sujeitos	
	f	%
- Esse tempo livre não é importante	1	2,5
- Esse tempo é importante mas também passaria bem sem ele	2	5
- Esse tempo é muito importante. É nele que se identifica e se encontra com ele próprio.	37	92,5
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 63,1$ ($p < 0,01$, $gl=2$) Diferenças significativas

Apenas um sujeito afirma não dar muita importância ao tempo livre. Os restantes jovens ($n = 2$) admitem que “esse tempo livre é importante mas também passariam bem sem ele”. A diferença nos resultados é estatisticamente significativa ($p < 0,01$).

4.5.6. Identificação com o grupo de amigos com o qual pratica *surf / bodyboard*

Relativamente à identificação grupal, metade dos jovens ($n = 20$) admitiu identificar-se completamente com o grupo de amigos com que pratica *surf / bodyboard*, enquanto que a outra metade ($n = 20$) afirmou identificar-se apenas em alguns aspectos, salvaguardando também o seu estilo próprio.

Tabela 49 – Identificação com o grupo de amigos com o qual pratica *surf / bodyboard*

Identificação com o grupo de amigos com o qual pratica <i>surf / bodyboard</i>	Sujeitos	
	f	%
- Identifica-se completamente com o grupo de amigos	20	50%
- Identifica-se apenas em alguns aspectos	20	50%
- Não se identifica com o grupo de amigos	0	0%
TOTAL	40	100%

Seguidamente vamos verificar se variáveis como a idade e o género, têm influência na identificação do jovem com o grupo de amigos da “surfada”.

4.5.6.1. Idade versus identificação com o grupo de amigos com o qual pratica *surf / bodyboard*

Embora os resultados não estejam associados a diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$), a tabela 50 mostra que com o evoluir da idade existe a tendência de os jovens se identificarem com o grupo de amigos apenas em alguns aspectos. Com o avanço da idade, a aquisição de um estilo próprio parece fazer algum sentido.

Tabela 50 – Relação entre a idade e a identificação com o grupo de amigos com o qual pratica *surf / bodyboard*.

Idade versus identificação com o grupo de amigos com o qual pratica <i>surf / bodyboard</i>		Sujeitos	
		f	%
15 anos	- Identifica-se completamente com o grupo de amigos	10	62,5%
	- Identifica-se apenas em alguns aspectos	6	37,5%
$\chi^2 = 1,0$ ($p > 0,05$, $gl=1$)			
16 anos	- Identifica-se completamente com o grupo de amigos	4	36%
	- Identifica-se apenas em alguns aspectos	7	64%
$\chi^2 = 0,8$ ($p > 0,05$, $gl=1$)			
17 anos	- Identifica-se completamente com o grupo de amigos	6	46%
	- Identifica-se apenas em alguns aspectos	7	54%
$\chi^2 = 0,8$ ($p > 0,05$, $gl=1$)			

4.5.6.2. Género versus identificação com o grupo de amigos com o qual pratica *surf / bodyboard*

A observação da tabela 51 revela existir uma tendência para que as raparigas assumam um estilo mais personalizado que os rapazes.

Mesmo inseridas numa determinada cultura (neste caso, numa cultura de praia), a maioria das raparigas (78%) afirmaram identificar-se apenas em alguns aspectos com o seu grupo de amigos. Por sua vez a maioria dos

rapazes (58%), referiram identificar-se completamente com o seu grupo de amigos.

Tabela 51 – Relação entre o género e a identificação com o grupo de amigos com o qual pratica *surf/bodyboard*

Género versus identificação com o grupo de amigos com o qual pratica <i>surf/bodyboard</i>		Sujeitos	
		f	%
Masculino	- Identifica-se completamente com o grupo de amigos	18	58%
	- Identifica-se apenas em alguns aspectos	13	42%
$\chi^2 = 0,8$ (p>0,05, gl=1)			
Feminino	- Identifica-se completamente com o grupo de amigos	2	22%
	- Identifica-se apenas em alguns aspectos	7	78%
$\chi^2 = 2,8$ (p>0,05, gl=1)			

Comentário / Resumo ao grupo de questões sobre a socialização

- Grande parte dos jovens garantiu que o grupo com quem costuma surfar raramente varia.

- Embora o grupo de amigos se revele bastante importante para os jovens, a maioria admitiu que surfaria mesmo sem eles.

- Todos os sujeitos pertencentes à amostra foram unânimes em admitir que o local onde se sentem melhor é na praia a surfar com o seu grupo de amigos. Estes afirmaram que é com os amigos a surfar que descobrem realmente a pessoa que são, assumindo a sua verdadeira identidade.

- A maior parte dos jovens admitiu ter o tempo livre suficiente para fazer aquilo que gostam. Esses jovens atribuíram grande importância a esse tempo livre na medida em que é nele que se identificam e se encontram com consigo próprios.

- Metade dos sujeitos da amostra admitiram identificar-se completamente com o seu grupo de amigos enquanto a outra metade, afirmou identificar-se apenas em alguns aspectos.

- A identificação com o grupo de amigos pareceu variar em função da idade e do género. Verificou-se que com o evoluir da idade existe uma tendência para a assumpção de um estilo mais personalizado, sendo mais notável nas raparigas.

Discussão dos resultados

A adolescência corresponde a um momento de confrontação entre um determinado grupo a que o sujeito se habituou – a família – e um conjunto de elementos de identificação e ligação de outra ordem – o grupo de amigos. Nesta perspectiva e atendendo aos resultados que obtivemos nesta investigação, torna-se importante relançar um olhar sociológico sobre a importância que os grupos sociais de referência têm para o jovem.

Como já foi referido anteriormente, as respostas obtidas na entrevista, mostram claramente que existe uma grande valorização do grupo de amigos. Tais resultados vão de encontro ao modelo de análise do desenvolvimento da adolescência de J. Coleman. Este sugere que, a seguir a um período de identificação heterossexual, existe um estabelecimento de uma forte ligação com os amigos (Hendry et al., 1993). Estes são normalmente escolhidos entre aqueles onde a partilha de heróis, gostos, sensações, ideias e ideais comuns parece fazer algum sentido (Tolson & Urberg, 1993). A aquisição de um estilo próprio, por indução grupal, ou a consistência de um estilo já incorporado pelo grupo, é facilmente compreensível. As novas músicas, os novos símbolos, os novos ídolos, os novos trapos para vestir, a prática de desportos e outras actividades de tempos livres, os espaços que frequentam, os rituais que praticam, são motivos para que eles procurem um lugar e um espaço no seio de uma comunidade, apropriando-se de um sentimento de *corpo colectivo*. Tal ideia remete-nos à questão colocada na entrevista acerca da identificação do grupo de amigos com o qual o jovem pratica *surf / bodyboard*. Nesta questão 50% dos jovens afirmam identificar-se completamente com o grupo de amigos – “*a malta costuma usar as mesmas roupas, ouvimos o mesmo som...temos praticamente os mesmos gostos...enfim somos muito parecidos, embora com pancadas diferentes...*” (suj. 8) -, enquanto que os outros 50% admitem identificar-se apenas em alguns aspectos – “*embora me sinta inserido no meu grupo de amigos, gosto também de manter o meu estilo...até tem a ver com o estilo do resto da malta, mas gosto também de pôr um pouco do meu toque pessoal, para marcar uma certa diferença...as miúdas assim até reparam melhor em mim...*” (suj. 14).

Ao explorarmos melhor os nossos dados, verificamos que esta identificação total ou parcial com o grupo de amigos, é influenciada de alguma forma, pelo género e pela idade. Note-se que existe uma percentagem maior de raparigas que afirmam identificar-se com o grupo de amigos apenas em alguns aspectos. O contrário se verifica com os rapazes, em que a maioria afirma identificar-se completamente com o grupo de amigos. Estes dados induzem-nos ao facto das raparigas serem detentoras de um estilo mais autónomo e personalizado relativamente aos rapazes.

Também verificámos que a idade tem alguma influência neste processo de identificação. Nota-se que nos sujeitos mais velhos, existe uma tendência em assumir cada vez mais um estilo próprio, embora inserido no mesmo estilo grupal.

Basicamente, o corpo adolescente conduz-nos ao conceito de cultura(s) específica(s) de juventude / adolescência, opositora a uma outra cultura, a dos adultos. Esta oposição irá de certa forma distanciar os jovens dos adultos. As resposta dadas pelos jovens apoiam esta ideia, uma vez que todos foram unânimes em considerar que preferem estar na praia a surfar com

o seu grupo de amigos, ao invés de estarem em casa com os pais. Os jovens consideram que fora de casa conseguem descobrir e assumir a sua verdadeira identidade: “...*não é que não goste de tar em casa...mas é diferente quando to na praia com a malta, consigo soltar-me mais...parece que sou mais eu! Em casa com os meus cotas tenho de tar com a rédia mais curta, não vão eles ficar assustados com a minha pancada...*” (suj. 19).

Também neste contexto de análise e inserido na temática das rotinas de vida dos adolescentes da nossa amostra verificámos, que quando questionados acerca do local onde preferem passar os seus tempos livres, a maioria dos jovens refere que o primeiro local onde preferem estar é na praia e o segundo é na rua. Poucos jovens afirmaram ficar em casa nos seus tempos livres: “...*quando me safo das aulas tenho é vontade de ir ter com a malta pa alucinar uma beca...se der pa surfar melhor, mas também se não der ficamos ali pela praia a conversar... só vou pa casa para jantar...depois se os meus cotas não implicarem muito comigo ainda saiu uma beca à noite...*” (suj. 20).

Tais resultados esclarecem acima de tudo, que é na rua, neste caso na praia (por se tratar de jovens detentores de uma forte cultura de praia), que os jovens se relacionam, se descobrem, se identificam e acima de tudo, se conhecem melhor a si próprios. A praia constitui, sem dúvida alguma, o seu espaço primordial de socialização. De todas as partilhas que os jovens vivem neste contexto de socialização, surgem os grupos juvenis, detentores de uma matriz cultural específica, que os distingue de outros grupos. Basicamente a construção de grupos juvenis assenta em quatro elementos: na imagem (dada pelas roupas, corte de cabelo, adornos); no comportamento (dado pela expressão corporal), na gíria ou calão.

Segundo a literatura, os diferentes grupos juvenis surgem com o objectivo de resolver as necessidades comuns a vários indivíduos, conduzindo-os à união e à criação de mecanismos que respondam a essas necessidades, quer sejam materiais, quer sejam de outra ordem (de afecto, compreensão, aceitação, reconhecimento, integração, etc). Estes grupos juvenis, ou “culturas juvenis”, regem-se por regras alternativas às normas formais da sociedade. O vestuário, em particular, aparece entre os jovens como um instrumento de integração grupal, munido de um grande poder simbólico. Krech et al. (1975) definem este processo de identificação como “o processo de procurar ser como outro indivíduo ou grupo”, indicando que, pela identificação, o indivíduo passa a incorporar as características de outro indivíduo ou grupo e a manifestar um comportamento semelhante. Estes grupos são chamados de grupos de referência, pois servem de modelo, sendo significativos para o indivíduo.

Costa (2000) refere que organizados em grupos menores, os praticantes de modalidades ligadas à natureza ligam-se, naturalmente por

interesses comuns e encontram pessoas parecidas que convergem nos mesmos desejos. Em torno dessas práticas são constituídas redes, partilhando entre si discursos, emoções intensas vivenciadas nas práticas e nos sentidos atribuídos a elas.

Nesta investigação os jovens estão a ser analisados segundo a perspectiva de um corpo colectivo, detentores de um conjunto de caracteres, sinais e símbolos que envolvem uma dinâmica colectiva e grupal. Na opinião de Kiesner et al. (2002) a identificação grupal pode ser entendida sinteticamente como a importância subjectiva do grupo para o indivíduo.

A formação dos grupos pode ser devido essencialmente à negação, pelo adolescente, dos valores paternos considerados tradicionais. Relativamente a isso, Doneda (1986), refere que o grupo serve em determinados momentos não só para afirmar a nova identidade, ainda vacilante, mas também para mostrar aos pais que a sua geração é diferente, é outra.

Noutra perspectiva, Pais (2003) admite que uma das funções essenciais dos grupos de amigos seja, não tanto a de desafiar os valores da família ou das gerações mais velhas, mas assegurar aos jovens uma protecção aos assaltos socializantes a que estão sujeitos. Com efeito, o tempo colectivo de que os jovens desfrutam, em grupo, é sentido como um tempo mais apropriado que qualquer outro à realização dos seus desejos e interesses de marca especificamente mais juvenil. Daí a grande importância que a maioria dos sujeitos desta amostra atribui ao tempo livre passado na companhia dos amigos: “...*não ter nada para fazer é o melhor que há no mundo...é tão bom fazer o que nos dá na real gana...não ter compromissos chatos...surfear e tar de conversa com os amigos é do melhor...*” (suj. 19).

A ideia de que os jovens vivem o seu quotidiano de forma passiva quando estão em grupo, é completamente errónea. Num aparente “não fazer nada”, os jovens acabam por desenvolver formas genuínas de participação social, através da efectiva adesão a determinadas actividades e da construção de fachadas reforçativas da coesão de grupo (Pais, 2003). Na opinião deste autor os tempos quotidianos dos jovens encontram-se fortemente associados a práticas de sociabilidade e lazer que se desenvolvem no quadro de determinadas redes grupais. Os grupos de amigos são exemplos destas redes grupais, ao assegurarem uma certa identificação entre vários elementos que os constituem.

Nesta perspectiva Pais (1989), defende que é impossível pensar na adolescência sem pensar simultaneamente na utilização dos seus tempos quotidianos, em particular dos tempos livres. No domínio dos tempos livres existem formas específicas de afirmação juvenil.

A juventude está directamente relacionada com o lazer, sendo neste domínio que as culturas juvenis adquirem maior visibilidade e expressão. Estudar o jovem na sociedade actual, com base no lazer, é um desafio que se

coloca nos dias de hoje (Pais, 2003). Ainda segundo este autor, o lazer vem sendo assumido, cada vez mais, como uma expressão de sociabilidade. Tal é bastante visível nos jovens. Nos seus lazeres há um espírito de aventura, de ruptura com o habitual, não parecendo tratar-se de uma aventura vivida a sós.

A maioria dos sujeitos da amostra admite ter o tempo livre suficiente para fazer aquilo que mais gostam. Os jovens, na sua grande maioria, atribuem muita importância a esse tempo livre, porque segundo eles, é nesse tempo de se encontram e se identificam com eles próprios. Tais resultados vão de encontro à ideia que Pais (2003) defende - a maioria das práticas culturais juvenis têm a particularidade de ocorrer no domínio do lazer.

Sobre esta temática Uvinha (2001) realça que os adolescentes são indicados como privilegiados nas condições de acesso ao lazer, muitas vezes afirmando-se como o único grupo capaz de desfrutá-lo integralmente.

4.6. Simbólico e valores culturais

4.6.1. Fortalecimento pessoal após vencer situações difíceis dentro de água

Após vencerem situações difíceis dentro de água, a maioria dos jovens (n = 27) afirmam sair fortalecidos em termos pessoais, após essa aproximação ao limite. Os restantes jovens (n = 13), não têm tanta certeza e admitem “talvez” saírem fortalecidos. No entanto, estes resultados não estão associados a diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 52 – Fortalecimento pessoal após vencer situações difíceis dentro de água.

Fortalecimento pessoal após vencer situações difíceis dentro de água	Sujeitos	
	f	%
- Sim	27	67,5%
- Não	0	0%
- Talvez	13	32,5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 4,9$ ($p > 0,05$, $gl=1$) Diferenças não significativas

4.6.2. Diferenças relativamente a sujeitos que não praticam surf / bodyboard

Pelo facto de serem praticantes de actividades desta natureza que envolvem a incerteza e o risco, a maior parte dos jovens admitem sentir-se diferentes relativamente aos amigos que não praticam.

Tabela 53 – Fortalecimento pessoal após vencer situações difíceis dentro de água

“Pelo facto de seres praticante neste tipo de actividade, sentes-te diferente em relação a amigos que não praticam?”	Sujeitos	
	f	%
- Sim	26	65%
- Não	0	0%
- Talvez	14	35%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 3,6$ ($p > 0,05$, $gl=1$) Diferenças não significativas

4.6.2.1. Quais as diferenças sentidas?

Relativamente às diferenças sentidas, a maioria dos jovens ($n = 30$) admitem sentir-se “pessoas mais descontraídas, seguras e felizes”, dado que suscitou grande interesse. Estes resultados estão associados a diferenças significativas ($p < 0,01$).

Tabela 54 – Diferenças sentidas pelos sujeitos por praticar *surf/bodyboard*.

“O que sentes de diferente?”	Sujeitos	
	f	%
- “Sinto que sou uma pessoa mais realizada e confiante”.	1	2,5%
- “Sinto que sou uma pessoa mais capaz de enfrentar os desafios da vida diária”.	7	17,5%
- “Sinto-me uma pessoa mais descontraída, segura e feliz”.	30	75%
- Não responde	2	5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 55,4$ ($p < 0,01$, $gl=3$) Diferenças significativas

4.6.3. Fortalecimento da união do grupo de amigos pela partilha de boas experiências e de momentos por vezes perigosos

O facto destes jovens partilharem momentos muito excitantes e por vezes perigosos (aproximação ao limite), poderá naturalmente causar a união do grupo de amigos.

Tabela 55 – Fortalecimento da união do grupo de amigos.

“Achas que a união do teu grupo de amigos pode ser fortalecida pelo facto de partilharem bons momentos, por vezes perigosos?”	Sujeitos	
	f	%
- Sim	32	80%
- Não	1	2,5%
- Talvez	7	17,5%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 40,6$ ($p < 0,01$, $gl=2$) Diferenças significativas

Quando questionados acerca deste assunto, a maioria dos jovens ($n = 32$) acha que essa união sai fortalecida. Sete elementos não têm tanta certeza, afirmando que “talvez” haja um fortalecimento dessa união e apenas um jovem admite que apesar deste tipo de vivências passadas em grupo, a união grupal não sai fortalecida. Estes resultados não estão associados a diferenças estatisticamente significativas.

4.6.4. Percepção pelo sujeito, do modo como a sociedade vê este tipo de actividades

Mais de metade dos jovens que compõem a amostra ($n = 21$), são da opinião que a sociedade é indiferente relativamente a este tipo de actividades. Outros ($n = 12$) são da opinião que a sociedade apoia este tipo de práticas. Os restantes jovens ($n = 7$) que compõem a amostra afirmam sentirem-se discriminados por praticarem estas actividades.

Tabela 56 – Percepção pelo sujeito, do modo como a sociedade vê este tipo de actividades.

Percepção do modo como a sociedade vê este tipo de actividades	Sujeitos	
	f	%
- É indiferente	21	52,5%
- Discrimina	7	17,5%
- Apoia este tipo de actividades	12	30%
TOTAL	40	100%

$\chi^2 = 7,6$ ($p > 0,05$, $gl=2$) Diferenças não significativas

Comentário / Resumo ao grupo de questões sobre o simbólico e os valores culturais

- Após vencerem situações difíceis dentro de água, os jovens admitem sentir-se fortalecidos em termos pessoais.
- Pelo facto de serem praticantes deste tipo de actividades que envolvem incerteza e risco, grande parte dos jovens admitem sentir-se diferentes relativamente a amigos que não praticam. Estes consideram-se pessoas mais descontraídas, seguras e felizes.
- Maior parte dos jovens considera que a partilha de boas experiências e de momentos por vezes perigosos, fortalece a união do grupo de amigos.
- A percepção do sujeito relativamente à forma como a sociedade vê este tipo de actividades varia ao longo da amostra. A maioria acha que a sociedade é indiferente a este tipo de práticas. No entanto há quem considere que a sociedade apoie estas actividades. Uma pequena parte da amostra é da opinião que a sociedade discrimina estas práticas.

Discussão dos resultados

As práticas físicas e desportivas contemporâneas enquadram um novo “paradigma de acção” ao explorar o sentido do limite físico e simbólico do corpo (Neto, 1995). Como já vimos, o impacto e a motivação do jovem por este novo tipo de práticas são enormes, considerando a noção de “limites mais atractivos” de vertigens e de esforço físico.

Neste paradigma, Costa (2000) defende que a prática de actividades como o *surf* e *bodyboard* está associada à ideia de aventura, carregada de um forte valor simbólico. Uma aventura que mobiliza o imaginário daqueles que o praticam, os quais se envolvem com essas actividades animados pelos mitos e símbolos da culturas que os mobilizam.

Na opinião desta autora, o símbolo possui um valor existencial que visa a realidade ou a situação que determina a existência humana, revelando simultaneamente uma particularidade do real que não é evidente na experiência imediata, captada pelos sentidos físicos.

É sobre a perspectiva simbólica que as questões relativas a este grupo irão ser analisadas.

Na opinião de Neto (1995) as motivações das novas gerações para este tipo de práticas, orientam-se em seis grandes indicadores, destacando-se neste contexto o seguinte: “A opção por práticas desportivas que valorizam o confronto com o natural. Trata-se de tornar coerente uma “nova cultura” com um novo “espaço de acção”. Um desporto mais centrado no contacto com a natureza (ecológico) permite novas dinâmicas individuais e colectivas, mais robustas quanto ao sentido de si próprios e dos outros”.

O facto da maioria dos jovens admitir sentir um “fortalecimento pessoal” após conseguir vencer situações difíceis dentro de água, cria neles uma identificação e uma valorização simbólica. Segundo Le Breton (1991) através dessa identificação e valorização simbólicas os jovens vão procurando provar a sua possibilidade de estar no meio dos adultos, seguindo formas arriscadas e procurando simultaneamente conferir algum sentido existencial às suas vidas (ritos de passagem). Os jovens conquistam, de modo simbólico, a si mesmos, desafiando seus próprios limites. A transgressão dos próprios limites, na ousadia de desafiar-se, também é um jogo que atrai, visto que toda a transgressão bem sucedida potencializa a sensação de poder sobre o limite de superação, quer seja físico ou simbólico. Por estas razões, é natural que os jovens que praticam estas actividades, se sintam diferentes relativamente aos jovens que não praticam. Essas diferenças, segundo a maioria dos sujeitos da nossa amostra, passam pelo facto de se sentirem “pessoas mais descontraídas, seguras, realizadas, confiantes e mais capazes de enfrentar os desafios da vida diária”. Existe um transfer das batalhas imaginárias que o jovem vivência dentro de água, para as circunstâncias reais da sua vida: “...tenho a sensação que a malta que faz surf tem uma forma mais descontraída de enfrentar os problemas da vida diária...não stressa

tanto como o resto da malta. Eu pessoalmente, depois daquelas surfadas em que o mar ta grande, a seguir sinto que nada de mal me chega...venham os stresses que vierem que eu resolvo...fico mesmo revigorado e fortalecido!...” (suj. 7).

Paralelamente a este fortalecimento pessoal, os jovens da amostra também manifestam, um fortalecimento na união do grupo de amigos, pela partilha de boas experiências e de momentos por vezes perigosos dentro de água. A aproximação a situações limite num meio em que não é o nosso – meio aquático – cria e desenvolve nos jovens laços de cooperação, entreajuda e amizade, dificilmente desenvolvidos noutras práticas que não tenham estas características: *“...depois das sessões mais pesadas, o pessoal só tem é vontade de tar junto...não só para partilhar e relembrar os momentos que passámos na água, mas também porque não sentimos vontade de descolar uns dos outros...a cumplicidade cresce, sem dúvida...”* (suj. 14).

Os valores que regem a sociedade, determinam a forma como esta encara este tipo de actividades. Como já foi referido no capítulo anterior, pesquisar o contexto em que se desenvolvem este tipo de práticas, isto é, o lúdico, o informal, o “sem compromisso” – Lazer – para alguns é sinónimo de irresponsabilidade e de superficialidade.

Na opinião de Pais (2003), por um lado surge a tendência de olhar o domínio do lazer juvenil como um domínio de práticas culturais homogéneas, sendo a juventude apreendida como uma realidade homogénea, sem salvaguardar as diferentes culturas juvenis (este é o aspecto controverso desta tendência); por outro lado surge outra tendência que toma as práticas culturais juvenis como normativamente marginais relativamente à cultura dominante, específica das gerações mais velhas. Esta tendência é controversa não só pelo facto das culturas juvenis serem consideradas na periferia do sistema normativo, mas principalmente pelos vícios do etnocentrismo, que levam a encarar as culturas juvenis como culturas “disfuncionais”, “passivas” e “marginais”. O facto das culturas juvenis se encontrarem distanciadas de um universo de normas e valores do qual se supõe que as gerações adultas se sintam mais próximas, não significa que os jovens não consigam produzir as suas próprias normas.

No sentido de contrariar a visão marginal, Pereira & Monteiro (1995) saem em defesa do valor educativo que este tipo de actividades tem. Segundo estes autores a acção concretiza-se num meio enriquecedor, dadas as suas condições de imprevisibilidade, proporcionando situações específicas de aprendizagem, que muito enriquecem a estrutura psicomotora de quem as pratica. Estas práticas reflectem ainda, quer a busca da qualidade e intensidade de sensações, quer o risco incrementado em situações onde a integridade corporal é por vezes posta em jogo, seja de uma maneira subjectiva ou simbólica, seja de uma forma indiscutivelmente real.

A percepção que os jovens da nossa amostra têm relativamente ao modo como a sociedade vê este tipo de actividades, gira em torno opiniões muito diversas. A maior parte dos sujeitos afirma que a sociedade é indiferente relativamente a estas actividades – “*A malta tá-se pouco a borrifar para nós. Dizem que apoiam mas depois nem querem saber de nós. Ainda há pouco tempo andámos a pedir apoio para organizarmos um campeonato, uma cena pequena, só p’ os amigos, e ninguém quis saber de nos ajudar para nada...nem autorização deram...*” (suj. 3).

Outros afirmam que a sociedade apoia este tipo de actividade, havendo ainda quem tenha a percepção (minoría) que a sociedade descrimina estas práticas: “*Às vezes o pessoal mais cota olha para nós e pensam que somos loucos só porque vamos apanhar umas ondas com um brial do caraças. Às tantas até parece que pensam que somos alguns malucos sem noção do que estamos a fazer...*” (suj. 18).

O *surf* e o *bodyboard* estão a ser nitidamente aprovados pelos jovens do nosso século, contando também com o aval dos seus educadores. Devido ao apoio e à divulgação pelos *mass média*, estas práticas estão a sofrer um mediatismo tal que longe vão os tempos em que o surfista era considerado um marginal, alguém cuja produtividade era mínima, que passava os dias na praia a contemplar o oceano e a usufruir da beleza gerada pelas suas ondas. Um fura-vidas, um inútil, um anti-social; enfim, alguém que só era compreendido pelos da sua espécie. No espaço de uma década tudo mudou. O *surf* e o *bodyboard* são agora desportos com forte importância na sociedade e aceites entre altos cargos empresariais.

CAPÍTULO V REFLEXÕES FINAIS

As mudanças no tecido social e a significativa alteração na organização dos modos de vida geram inevitavelmente uma crise de valores. Esta crise reflecte-se numa renovação quanto aos princípios e ao entendimento que os jovens têm vindo a dar ao significado da actividade física. Essa renovação apoia-se essencialmente na procura de novas sensações, na exploração dos limites do corpo através do confronto com o espaço físico e natural, em que são valorizados os aspectos relacionados com a natureza, como o risco e a aventura corporal. Estas práticas centradas na busca de excitação e prazer são próprias da idade e desta fase de desenvolvimento.

A crescente padronização dos estilos de vida, das atitudes, dos comportamentos e das rotinas, leva os jovens a procurar sensações novas e diferentes.

A própria mudança de estatuto – passagem para a vida adulta – faz com que eles recorram a formas extremas de simbolização, utilizando para tal, condutas de risco. Nesta passagem, o jovem necessita sentir que a sua existência tem um preço e um valor. Por isso ele opta por abandonar provisoriamente o conforto e a segurança, e através de um “corpo imaginário” mergulha numa gama de peripécias para o qual não está preparado. Ele procura o desconhecido, confronta-se com o risco, no sentido de conhecer os seus limites, e por consequência a si próprio. A busca do limite representa uma forma de expressão individual, sendo também muito importante na valorização e na formação de identidades.

O confronto simbólico com a morte dá força e valor pessoal ao gosto de viver. Como tal, os ritos de passagem dos jovens de hoje são contextualizados por actividades que incluam o factor risco.

O risco e a aproximação ao limite fazem com que os amantes deste tipo de actividades (neste caso, *surf* e *bodyboard*) sintam-se diferentes relativamente a sujeitos que não praticam. Através de um “corpo imaginário” o jovem consegue alcançar sensações incríveis, que se transpõem de forma terapêutica para a realidade e para o seu quotidiano.

O contacto com a natureza e o confronto com o espaço natural (novo espaço de acção) gera o surgimento de culturas específicas de grupo, que se guiam por novas filosofias. Primam novas dinâmicas individuais e colectivas, assentes em relações de solidariedade, onde prevalece o convívio e os projectos colectivos. A aderência a este tipo de práticas constitui um meio para que os jovens evidenciem as suas culturas específicas e as suas formas de socialização.

Essas culturas específicas de grupo, surgem no sentido de satisfazer necessidades comuns a vários jovens, que se distinguem de outros grupos

pelos hábitos, pelas roupas, marcas, cortes de cabelo, expressão corporal, comportamentos, pelas músicas que ouvem, pelo calção, etc. Estes grupos são os chamados grupos de referência, uma vez que servem de modelo, sendo neles que o jovem se identifica, incorporando um sentimento de “corpo colectivo”. Neste paradigma, o jovem assume-se como um ser biológico, social e simbólico.

Estas novas tendências quanto à motivação para a prática de actividades físicas são compreensivas, uma vez que o espaço uniformizado, estável e com referências fixas, estão a deixar de satisfazer as verdadeiras necessidades dos jovens. Estas estão cada vez mais a dar lugar a práticas estruturadas de exploração do meio natural, em espaços instáveis e com referências de incerteza.

Estas novas práticas de *outdoor* poderão representar um sinal positivo de mudança e complementaridade ao desporto “convencional” dos nossos dias, podendo ser equacionadas como uma perspectiva alternativa de grande significado para a Educação Física. Há que ter em consideração o grande valor potencial que as experiências obtidas nestas práticas têm, favorecendo o processo de crescimento, competência e organização pessoal. Esta temática necessita urgentemente de sofrer uma profunda reflexão, uma vez que a escola, enquanto instância educativa, deve dar resposta às verdadeiras e actuais necessidades dos jovens. Basta de fechar os olhos a esta realidade, e continuar a seguir programas elaborados em pressupostos teóricos convencionais e completamente ultrapassados, que não vão ao encontro daquilo que os nossos jovens necessitam. Torna-se fundamental perceber que valores e ideais são por eles preconizados em cada instante e momento.

A adolescência é caracterizada por ser um período de grande intensidade física, psicológica, social e simbólica, sendo também considerado como um período privilegiado para oportunidades e escolhas. É fundamental que a actividade física proporcione ao jovem sensações de liberdade e simultaneamente de desafio, que o levem a abandonar o seu corpo, nem que seja por instantes, criando e desenvolvendo nele uma simbiose com o meio ambiente. O jovem tem de sentir que não está rodeado de cercas, porque as cercas são para aqueles que não podem voar...e ele quer voar!

Se a actividade física não oferecer isto ao jovem de hoje, corre-se o grave risco, que ele venha a refugiar-se no álcool e nas drogas, para obter tais sensações.

As práticas como o *surf* e o *bodyboard* realizadas em plena natureza, sugerem um movimento místico dos jovens na sua direcção, buscando simultaneamente a reconciliação entre as forças materiais e as forças mentais, exaltando sentidos de beleza e harmonia. Torna-se fundamental para o praticante garantir a sobrevivência e desfrutar do prazer da prática. A perseguição da vertigem, traduz por um lado, uma tentativa de fugir à

realidade por um instante impelindo à consciência uma espécie de pânico, e por outro, um confronto simbólico com a morte que dá força e valor pessoal ao gosto de viver.

A aventura e o risco presentes neste tipo de práticas, estabelece-se como um complemento da própria vida. Tornam-se como um “vício”. Aqueles que experimentam já não conseguem deixar. A causa deste fenómeno deve-se a uma substância libertada pelo organismo aquando a realização destas actividades – Adrenalina. Esta hormona é produzida essencialmente em momentos de “stress”, sendo um estimulante natural e muito viciante. Uma vez experimentada a sua procura torna-se constante, levando a que os jovens queiram ultrapassar sucessivamente os seus limites.

Actualmente, no mundo do *surf* e do *bodyboard* os limites estão a tornar-se perigosos. Assiste-se hoje em dia a jovens de 16 anos a surfar picos perigosos, como se nada fosse. Parece que os limites de ontem são as situações normais de hoje. Os limites vão-se superando a si próprios. A questão que se coloca é a seguinte: até onde irão eles chegar?

Este vício na procura constante do limite, começa a comandar o dia-a-dia dos mais profundos amantes destas actividades. Amantes porque estes tipos de sensações não só viciam, como também apaixonam.

Para estes jovens, o dia corre bem, quando têm a certeza que horas mais tarde vão deixar as filas de trânsito estendidas na areia e abandonar o pensamento escolar por instantes, para se juntar ao oceano; e como se de uma fusão se tratasse, tornam-se num só. Para eles e por ironia, o melhor sítio da terra não se encontra na terra, mas no mar, onde esquecem tudo e adormecem instantaneamente os sarcásticos e moribundos problemas dos dias menos calorosos. Vivem com um dos dons da natureza, garantidamente dos mais fortes, dos mais rejuvenescedores. Trata-se de uma sensação de liberdade difícil de descrever...

Existem nas ondas uma ligação ao mais puro instinto, ao mais puro sentimento, de ligação à natureza. Só um profundo amor pode levar um ser humano a lançar-se na natureza com um sorriso e uma sensação plena de preenchimento.

CAPÍTULO VI

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, C. (1999). *Desportos Radicais*. Revista de Desporto, n 4, Março, pp. 30-33.
- Arantes, A. (1981). *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense.
- Asch, S. (1977). *Psicologia social*. São Paulo, SP: Ed. Nacional.
- Bat-Chava, Y. (1994). Group identification and selfesteem of deaf adults. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 20 (5), pp. 494-502.
- Benda, B. & Corwyn, R. (2000). A test of the vality of delinquency syndrome construct in a homogeneous sample. *Journal of Adolescence*, 23 (4), pp. 497-511.
- Bennett, A. (1999). *Subcultures or neo-tribes? Rethinking the relationship between youth, style and musical taste*. *Sociology*, vol.33, n. 3, August, pp. 599-617.
- Bernstein, P. (1997). *Desafio aos deuses: A fascinante história do risco*. Rio de Janeiro: Campus.
- Bouet, M. (1968). *Les Motivations des Sportives*. Paris: Éditions Universitaires.
- Bourdieu, P. (1979). *La distinction; critique social du jugement*. Paris: Ed. Minuit.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- Brogueira, J. (1998). *Componentes críticas das habilidades básicas do Surf e do Bodyboard*. *Revista Horizonte*, Vol XIV, n 82, Dossier.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Brown, B & Kampion, D. (1988). *Stoked – Uma história da cultura do Surf*. Ever Green.
- Bruhns, T. (1992). *O corpo joga, trabalha, dança e festeja*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas.
- Bruhns, T. (1993). *O culto do corpo-prazer: o fenómeno lazer e o lúdico*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol.12, n.1 / 3, p.271.
- Bruhns, T. (1994). *Conversando sobre o corpo* (5ª ed). Campinas: Papirus.
- Caillois, R. (1988). *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70.

- Câmara, J. (1996). *Surfistas, Freacks e ... os Outros. Os Estilos de Vida*. In : CAT das Taipas (ed.) (1997). Lisboa: *Colectânea de Textos*, pp. 160-163.
- Carvalho, J. (2003). Juventude e Anarquia (on line). Disponível em: <http://web.lasphost.com/>.
- Carvalho, J. & Horta, H. (2003). Juventude e Diversidade Cultural (on line). Disponível em: <http://web.lasphost.com/>.
- Castoriadis, C. (1982). *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Castro, G. & Abramovay, M. (2002). *Por um novo paradigma do fazer políticas de/para/com juventude*. *Revista Brasileira de Estudos da População*, Campinas, v.19, n.2, pp 19-46.
- Clarke, J. (1976). *Subcultures, cultures and class*. In: Hall, Stuart; Jefferson, Tony (ed.). *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*. Hutchinson: London, pp. 9-75.
- Coleman, J. & Hunsén, T. (1985). Tornar-se Adulto numa Sociedade em Mutação. Porto: Edições Afrontamento.
- Costa, V. (2000). *Esportes de aventura e risco na montanha: Um mergulho no imaginário*. São Paulo: Editora Manole Ltda.
- Daolio, J. (1986). A importância da Educação Física para o adolescente que trabalha. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Ijuí)*, v.8, n.1, p. 136.
- Deutsch, H. (1974). *Problemas psicológicos do adolescente: com ênfase especial na formação de grupos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Doneda, D. (1986). *Adolescência e corpo*. In: Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Física. *Valores humanos, corpo e prevenção*. Brasília.
- Durand, G. (1988). *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix.
- Eliade, M. (1991). *Imagens e símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes.
- Elias, N. & Dunning, E. (1992). *Deporte y ocio en el proceso de civilization*. México: FCE.
- Erikson, E. (1976). *Identidade: juventude e crise* (2ª ed). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Esteves, J. (1991). *Tempo Escolar, Carreira de Vida e Culturas Juvenis*. In: *Ciências da Educação em Portugal: Situação Actual e Perspectivas Soc. Portuguesa de Ciências da Educação*. Porto, pp. 167-183.
- Farias (2000). *Surf, conteúdos para a prática*. Universidade Federal de Santa Maria. Brasil.
- Feixa, C. (1995). *La aventura imaginária: Una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza*. *Apunts: Educacion Física y Deportes*, (41): 36-43.
- Fonseca, V. (1989). *Desenvolvimento humano: da filogénese à ontogénese da motricidade*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Fonseca, H. (2003). *Compreender os adolescentes – Um desafio para Pais e Educadores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Freedman, J.; Carlsmith, J. & Sears, D. (1970). *Psicologia social*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Freire, J. (2005). *Das subculturas às pós-subculturas juvenis*. In: *Contemporanea – Revista de Comunicação e Cultura*, vol. 3, n. 1, Janeiro-Junho, pp. 138-166.
- Furter, P. (1975). *Juventude e tempo presente: fundamentos de uma pedagogia*. Petrópolis: Vozes.
- Gabrielson, B. (2003). *The Complete Guide Surfing Guide Coaches*. (on line) Disponível em : <http://www.surfcoachbook.com/> .
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O inquérito. Teoria e prática* (2ª ed.). Oeiras: Celta Editora,.
- Gonçalves, S. (1994). *Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papirus.
- Gouveia, V.; Albuquerque, F.; Clemente, M. & Espinosa, P. (2002). *Human values and social identities*. *International Journal of Psychology*, 37 (6), pp. 333-342.
- Hawkins, J.; Catalano, R. & Miller, J. (1992). Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: Implications for substance abuse prevention. *Psychological Bulletin*, 112 (1), pp. 64-105.
- Hendry, L.; Shucksmith, J.; Love, J.; Glendinning, A. (1993). *Young people's leisure and lifestyles*. London: Routledge.
- Kiesler, C. & Kiesler, S. (1973). *Conformismo*. São Paulo, SP: Edgar Blucher.

- Kiesner, J.; Cadinu, M.; Poulin, F. & Bucci, M. (2002). Group identification in early adolescence: Its relation with peer adjustment and its moderator effect on peer influence. *Child Development*, 73 (1), pp. 196-208.
- Krech, D.; Crutchfield, R. & Ballachey, E. (1975). *O indivíduo na sociedade*. São Paulo, SP: Pioneira.
- Lambert, W. & Lambert, W. (1972). *Psicologia social*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Leach, E. (1985). *Cultura / Culturas*. In: AA VV (1985). *Enciclopédia EINAUDI (vol. 5) – Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 102-135.
- Le Breton, D. (1991). *Passions du Risque*. Paris: Métailié.
- Le Goff, J. (1985). *L'imaginaire medieval*. Paris: Gallimard.
- Lefebvre, H. (1991). *A vida cotidiana do mundo moderno*. São Paulo: Ática.
- Levisky, L. (1979). Desenvolvimento psicossocial do adolescente. In: Setian, N. et al. *Adolescência*. São Paulo: Sarvier.
- Loret, A. (1995) – Génération Glisse, Éditions Autrement, n° 155-156, Avril, Paris.
- Luca, T. (2005). *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: contexto, 2005, pp. 111-153.
- Magnani, G. (1984) - *Festa no pedaço*. São Paulo: Brasiliense.
- Malina, R. (1994). *Benefits of Physical Activity from a Lifetime Perspective*. In: HA Quinney, L Gauvin, AE wall (editors). *Toward Active Living – Proceedings of the International Conference on Physical Activity, Fitness and Health*. Champaign Illinois. Human Kinetics, pp 47-53.
- Matos, M.; Equipa do Projecto Aventura Social e Saúde (2003). *A Saúde dos Adolescentes Portugueses (quatro anos depois)*. Lisboa: Edições FMH.
- Miranda, J., Lacasa, E., & Muro, I. (1995). *Actividades físicas en la naturaleza: Un objeto a investigar*. *Dimensões científicas. Apunts*, 41, pp. 53-69.
- Neto, C. (1995). *Desportos Radicais ou Radicalização do Desporto? Revista Horizonte*, n 69, pp. 83-85.
- Pais, J. (1989). *Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações – Usos do Tempo e Espaços de Lazer (Tomo V)*. Lisboa: Instituto da Juventude / Instituto de Ciências Sociais.
- Pais, J. (1993). *Nas rotas do Quotidiano*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n 37, Junho, pp. 105-115.

- Pais, J. (2003). *Culturas Juvenis*(2ª ed). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Palmi, J., & Martín, A. (1997). Las actividades físico-deportivas en el médio natural y sus efectos sobre la salud y la calidad de vida: Factores psicológicos asociados. *Revista de Psicología del Deporte*, 12, pp. 147-157.
- Pereira, J.; Monteiro, L. (1995). *Actividades físicas de exploração na natureza, em defesa do seu valor educativo*. In: *Revista Horizonte*, nº69, pp. 111-116.
- Papalia, D. & Olds, S. (2000). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Petraitis, J.; Flay, B. & Miller, T. (1995). Reviewing theories of adolescent substance use: Organizing pieces in the puzzle. *Psychological Bulletin*, 117 (1), pp. 67-86.
- Pinto, L. (1993). *Artimanhas do corpo diante do espelho*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 12 (n.1, 2, 3), pp. 294-296.
- Pociello, C. (1987). *La force, energie, la grâce et les réflexes. Le jeu complexe dès dispositions et sportives*. In: C. Pociello (Ed.) *Sports et société. Approche sócio-culturelle des pratiques*. Paris: Editions Vigot.
- Portugal, G. (1992). *Ecologia e desenvolvimento humano em Bronfenbrenner*. Aveiro: CIDINE.
- Robinson, D. (1992). The risk-sport process: an alternative approach for humanistic Physical education. *Quest*, 44, pp. 88-104.
- Rodrigues, A. (1997). Valores e representações corporais em culturas juvenis escolares. *Dissertação de mestrado em Ciências da Educação na especialidade de Metodologia da Educação*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.
- Rodrigues, J. (1986). *Tabu do corpo* (4ª ed). Rio de Janeiro.
- Santos, N. (2006). *O mar tem vida própria*. In: *Vert, Magazine de Bodyboard*, nº 77, Fevereiro / Março, pág. 12.
- Schiller, F. (1995). *Textos sobre o belo, o sublime e o trágico*. S. I. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Shilling, C. (1993). *The Body, Class and Social Inequalities*. In: Evans, J. (ed.) (1993). *Equality, Education & Physical Education*. The Falmer Press, London, pp. 55-73.
- Siegel, A. & Siegel, S. (1957). Reference group, membership group, and attitude change. Em N. Warrens & M. Jahoda (Eds.). *Attitudes* (pp. 129-138).

- Simmel, G. (1988). *Sobre la aventura: Ensayos filosóficos*. Barcelona: Edicions 62.
- Sobral, F. (1992). *O Estilo de Vida e a Actividade Física Habitual*. In: FACDEX-Desenvolvimento Somato-motor e Factores de Excelência Desportiva na População Escolar Portuguesa: Relatório Parcelar da Área do Grande Porto. Lisboa: Ministério da Educação – Gabinete Coordenador do Desporto Escolar.
- Sousa, C. (2003). Características psicológicas de la persona adulta. In: Ramos, E. (ed.). *Apuntes sobre educacion de personas adultas y accion comunitaria*. Valência: Dialogos (79-96).
- Spink, M. (1995). *Desvendando as teorias implícitas: Uma metodologia de análise das representações sociais*". In: Guareschi, P. A.; Jovchelovitch, S. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, pp. 63-85.
- Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional, uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGRAW-HILL de Portugal.
- Tavares, J. & Alarcão, I. (1985). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Thomas, J. (1998). *Introduction aux methodologies de l'imaginaire*. Paris: Ellipes / éditions marketing.
- Tolson, J.; Urberg, K. (1993). *Similarity Between Adolescent Best Friends*. In: *Journal of Adolescent Research*; 8(3), July, pp. 274-288.
- Uvinha, R. (2001). *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Editora Manole Ltda.
- Zuckerman, M. (1994). *Behavioral expressions and biosocial bases of sensation seeking*. Nova York: Syndicate of the University of Cambridge.

